

GISÉLIA MARIA CAMPOS

**“Vou procurar o melhor lá dentro”: vivências e
memórias de crianças e adolescentes na
FUNABEM (Viçosa, 1964-1989)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
2007**

GISÉLIA MARIA CAMPOS

**“Vou procurar o melhor lá dentro”: vivências e
memórias de crianças e adolescentes na
FUNABEM (Viçosa, 1964-1989)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida.

**UBERLÂNDIA
2007**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- C198v Campos, Gisélia Maria, 1981-
“Vou procurar o melhor lá dentro” : vivências e memórias de
crianças e adolescentes na FUNABEM (Viçosa, 1964-1989) /
Gisélia Maria Campos. – Uberlândia, 2007.
181 f.
- Orientador: Paulo Roberto de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.
1. História social - Teses. 2. Crianças – Assistência em institui-
ções – Viçosa (MG) - Teses. 3. Assistência a menores – Viçosa (MG) –
Teses. I. Almeida, Paulo Roberto de. II. Universidade Federal de Uber-
lândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida (orientador)

Prof. Dr^a Marta Emisia Jacinto Barbosa

Prof. Dr^a Olga Brites

UBERLÂNDIA
2007

Agradecimentos:

A Deus pela presença acalentadora e constante em minha vida.

À CAPES por ter financiado esta pesquisa.

À minha mãe, Maria Amélia, por toda luta para oportunizar-me condições de estudar, formar e concluir mais esta etapa da minha vida acadêmica. Pela força, incentivo, dedicação, compreensão, zelo e pelo infinito amor. Obrigada por ter dividido comigo os momentos de angústia, de ansiedade e alegria.

Ao meu pai, Geraldo, pelo carinho e amor.

Ao meu irmão Gilberto e à minha cunhada Daniela, pela acolhida.

À Gilvânia, irmã e grande amiga, pelas palavras de conforto e carinho. Por estar sempre ao meu lado em todos os momentos de minha vida, disposta a me ajudar no que for preciso.

À Luana, minha sobrinha, pela ternura.

Ao André, “mozin” da minha vida, pelo amor, companheirismo e paciência. Por colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa, digitalizando as fotografias e parte da documentação do “acervo documental do CENTEV/UFV”.

À madrinha Clarinda, por manter as portas de sua casa sempre abertas durante as minhas idas à Viçosa para pesquisar a documentação.

Ao primo José Santana, companheiro de viagem. Obrigada pelas caronas em seu caminhão, fazendo das longas horas de viagem entre Uberlândia e Belo Horizonte momentos de alegria e muito aprendizado.

À Nilce e Bianca, pelo apoio e amizade.

Às primas Ana Regina e Cristina e a todos os amigos e familiares que deixei em Ponte Nova e Porto Firme que, mesmo estando longe, sempre torceram por mim.

Às amigas da graduação na UFV, Stella Maia e Fernanda Abreu Nagem, pela ajuda na organização dos documentos do “acervo documental do CENTEV/UFV”.

A todos os professores, grandes mestres. Agradeço em particular, ao professor Paulo Roberto de Almeida, que além de me orientar na pesquisa, o fez também para a vida. Obrigada pela atenção e paciência.

Às professoras Heloísa Helena Pacheco Cardoso e Marta Emísia Jacinto Barbosa, que compuseram a banca de qualificação, pelas importantes contribuições

teóricas que me levaram a atentar para algumas questões que até então passavam despercebidas.

Às professoras Dilma Andrade, Célia Calvo, Kátia Paranhos e Luciene Lehmkuhl, por terem indicado importantes caminhos para a pesquisa e reflexão.

Aos colegas do mestrado, em especial à Renata Rastrelo, pelas leituras e sugestões. À Geovanna Alves, por ser sempre tão prestativa, ao Paulo Roberto Souza, Cristian Vicente e Janaína Ferreira Silva, por terem tornado os meus “almoços” nos dias de aula, momentos menos solitários.

À Sheille Soares pela amizade.

Aos funcionários do Instituto de História e da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História, em particular, ao Gaspar, Maria Helena, Luciana e à Abadia pelo auxílio na resolução de questões burocráticas.

Ao Fred Souto e Bruno Barcelos pela ajuda na tradução do resumo.

Ao senhor Pélmio Simões de Carvalho por ter disponibilizado seu acervo para pesquisa.

Ao fotógrafo Tony Mello por ter socializado as fotografias.

A todos os meus entrevistados, a minha sincera gratidão e respeito. De modo especial agradeço ao Cléber, Luis “Baiano” e Mário, ex-internos da FUNABEM de Viçosa, a quem dedico esse trabalho.

RESUMO

Os adolescentes e crianças que viveram entre os anos de 1964 e 1989 na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM de Viçosa – são o substrato social desta pesquisa. Ao trabalhar com suas memórias, busquei compreender como significam seus viveres e experiências na instituição, e também fora dela, em outros espaços de sociabilidade. Discuti sobre o que significava viver na FUNABEM e na cidade de Viçosa, naquele momento histórico, com o propósito de repensar a problemática da infância e adolescência carentes em nosso país.

Nessa direção, trabalhei com fontes de naturezas sociais bastante distintas, tais como: prontuários, livros de ocorrências e periódicos produzidos pela instituição, correspondências, Atas da Câmara Municipal de Viçosa, o jornal viçosense Folha da Mata e também com narrativas orais e fotografias.

Os supostos teórico-metodológicos do marxismo inglês contemporâneo, dos estudos culturais relacionados à ação dos sujeitos na história e à cultura como modo de viver e lutar no social, foram caminhos que proporcionaram direção a essa pesquisa.

Palavras-chave: infância, memórias, sociabilidades.

ABSTRACT

The teenagers and children that lived between the years of 1964 and 1989 at the *Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor* – the FUNABEM institute in Viçosa – are the social essence of this research. While working with their memories, I've tried to understand the meaning of their habits and experiences in the institution, and also outside, in other areas of sociability. I have discussed about the meaning of living at FUNABEM and at the city of Viçosa, in that historical moment, with the purpose of rethink about the needy childhood and needy adolescence problem in our country.

At that direction, I've worked with very distinct social-nature sources, such as: handbooks, occurrences books and periodicals produced by the institution, letters, minutes of Viçosa's city-hall, the Viçosa's newspaper *Folha da Mata* and also oral narratives and photos.

The theoretical-methodological suppositions of contemporary English Marxism, of cultural studies related to the subjects' action in history and to the culture as a way of socially living and fighting, were paths that gave direction to this research.

Keywords: childhood, memories, sociability.

SUMÁRIO

Considerações iniciais.....	9
Capítulo I - “Tô dentro de uma instituição, vou procurar o melhor lá dentro”: as múltiplas faces das relações vivenciadas no cotidiano da FUNABEM de Viçosa.....	42
Capítulo II - “Mamãe tem sempre procurado ter dar o melhor”.....	102
Capítulo III - “Ah! é aluno de FUNABEM? É..você não vai ter futuro nenhum namorando com um rapaz desses...”	135
Considerações Finais	170
Fontes.....	174
Referências bibliográficas.....	177

CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Por meio de diversificadas memórias e documentos, busco nesta pesquisa compreender e discutir as experiências, os modos de viver e de trabalhar de meninos pobres que viveram na FUNABEM de Viçosa¹, no intuito de repensar a problemática da infância e adolescência carentes em nosso país.

Meu interesse em trabalhar a problemática da infância e adolescência carentes assistida em instituições públicas e as inquietações que me conduziram à escrita deste trabalho tiveram início a partir de minha experiência de pesquisa, ainda na graduação, como bolsista do PIBIC/CNPq – Programa Interno de Iniciação Científica, no período de agosto de 2002 a julho de 2003 na Universidade Federal de Viçosa.

Nesse período, desenvolvi com colegas de graduação um trabalho de catalogação e identificação dos documentos referentes à memória de sujeitos que viveram em algumas instituições de atendimento integral a crianças e adolescentes carentes, que funcionaram desde a década de 1920 no espaço que hoje abriga o CENTEV-UFV (Centro de Tecnologia de Desenvolvimento Regional de Viçosa-Universidade Federal de Viçosa), na cidade de Viçosa, Minas Gerais.

Durante o trabalho de organização do “acervo documental do CENTEV/UFV” e diante das inúmeras histórias de vidas que passavam pelas minhas mãos, fiquei fascinada, curiosa e interessada pela imensa documentação referente às vivências e experiências de crianças e adolescentes carentes que viveram sob a tutela do Estado, na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM de Viçosa, que também era conhecida na época como “Escola Agrícola Arthur Bernardes”, instituição criada pela Lei nº 4.513 de 1º/12/1964 e desativada em 1990 pelo governo federal, que tinha em seu programa os dispositivos da Política Nacional do “Bem-Estar” do Menor. A questão do

¹ A cidade de Viçosa foi fundada em 30 de setembro de 1871 e é característica da Zona da Mata mineira, que em geral, não possui indústrias e explora uma agricultura de montanha de baixa produtividade. De acordo com dados do IBGE/2004 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Viçosa possui cerca de 81.624 habitantes, dos quais 12.000 constituem a comunidade flutuante da Universidade Federal de Viçosa – UFV (Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação). Dez por cento (10%) da população viçosense vive na zona rural.

O comércio é regular, com diversas empresas de prestação de serviços. A cidade de Viçosa é considerada pólo-educacional da Zona da Mata mineira, o que tem atraído centenas de pessoas anualmente a vir fixar residência na cidade. Suas escolas expandem-se; já são três faculdades privadas: ESUV, UNIVIÇOSA e FDV.

Devido à presença marcante de colégios privados preparatórios para o vestibular, e possibilidades diversas de cursos oferecidos pelas faculdades privadas e pela UFV, as atividades econômicas têm se multiplicado nos últimos tempos com o crescimento e diversificação do comércio. Viçosa está situada na rede rodoviária do Estado distando 225 Km da capital de Minas, Belo Horizonte.

“menor” era tratada tendo em vista a “ideologia da segurança nacional” e os preceitos do “Código de Menores”, legislação vigente na época.

Com o término da iniciação científica, senti que o trabalho ainda estava inacabado e que precisava dar continuidade à pesquisa, pois se tratava de uma documentação inédita, ainda intocada pela historiografia. Nesse momento, tive a idéia de elaborar um projeto de pesquisa pensando na possibilidade de desenvolvê-lo no mestrado.

Ao iniciar no programa de pós-graduação, o curso das disciplinas significou importantes momentos para rever certezas e definições construídas no projeto inicial. Esses momentos também significaram a necessidade de indagar conceitos com os quais lidava e abrir mão de algumas reflexões para incorporar outras questões. Portanto, o processo de participação das discussões em sala e as sugestões dos professores e amigos me propiciaram uma importante ampliação de horizontes, possibilidades de pesquisa e uma reorientação de percurso.

No processo de reformulações e mudanças dos propósitos iniciais, ressalto que o professor Paulo Roberto de Almeida foi, sem dúvida, aquele que mais contribuiu no direcionamento e redirecionamento do processo árduo, mas muito gratificante, de passar da linguagem de projeto para a dissertação.

As transformações do meu olhar sobre o objeto de pesquisa e, conseqüentemente, das minhas indagações e preocupações foram resultantes do diálogo com as fontes, das discussões profícuas durante as disciplinas cursadas, do contato com procedimentos teórico-metodológicos de determinados autores que muito contribuíram para que eu repensasse minhas próprias questões e, sobretudo, dos “puxões de orelha” muito bem dados pelo meu orientador, professor Paulo Roberto de Almeida, e ora bem recebidos, ora custosos para mim. Digo custosos porque foi um pouco difícil repensar alguns supostos teóricos e conceitos nos quais me apoiava e que na minha concepção pareciam satisfatórios e, ingenuamente, perfeitos.

No entanto, quando compreendi suas sugestões e críticas, comecei a aceitar os “puxões de orelha”, que, apesar de dolorosos, acredito que enriqueceram este trabalho e minha própria formação pessoal e intelectual, por terem proporcionado um alargamento da minha restrita e imatura visão, inicialmente, admito com pesar, estruturalista e funcional, marcada pela perspectiva sociológica durkheimiana e, também, pelo estruturalismo das análises de Foucault.

Aprendi muito com a grande experiência em pesquisa do professor Paulo Roberto de Almeida, e espero conseguir, neste trabalho, honrar seus ensinamentos. Nos nossos momentos de diálogo, ficava impressionada com sua imensa visão crítica: ele enxergava muito além do que eu via. Suas contribuições teóricas trouxeram-me importantes direcionamentos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Perseguindo o objetivo de problematizar a infância e adolescência pobres a partir das experiências de meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa, entre os anos de 1964 e 1989, pesquisei inicialmente, o diversificado e riquíssimo “acervo documental do CENTEV/UFV”.

Tive a oportunidade de iniciar a organização do “acervo” constituído por prontuários² com os perfis sociais dos internos e de suas famílias, informações sobre a procedência dos meninos, circunstâncias e motivos do internamento, que me permitiram analisar o perfil socioeconômico desses sujeitos e as relações sociais vividas por cada criança antes e durante o período de institucionalização, na ótica dos funcionários encarregados de prepará-las para a vida adulta.

Também compõem o “acervo” as correspondências recebidas de familiares e amigos – que me possibilitaram compreender quem eram as famílias dos internos, como viviam, os motivos pelos quais abriam mão do convívio com seus meninos, e seus olhares sobre os pequenos institucionalizados. Além das correspondências e dos prontuários, outra parte da documentação disponível são os livros de ocorrências, recortes de jornais da época com matérias que discursavam sobre a questão do “menor” e sobre as práticas assistencialistas da FUNABEM, dossiês de materiais administrativos, financeiros e pedagógicos.

Quero ressaltar que o que defino como “acervo documental do CENTEV/UFV” não passa de um amontoado de caixas que se encontram até o presente momento no chão de uma sala fechada, sem ventilação e sem as mínimas condições de acondicionamento, reflexo do descaso público pela preservação da memória das vidas que passaram por ali.

Num primeiro momento, a minha tentativa neste trabalho consistiu em esforçar-me para transformar as atividades de identificação, catalogação e organização dos documentos em conhecimento histórico. Dentre essa diversificada e numerosa

² Documentos anexados aos prontuários: documentos pessoais (certidão de nascimento, carteira de identidade), Resumo Social para Solicitação de Matrícula, Relatório Pedagógico, Relatório Disciplinar, Relatório Profissionalizante, Relatório Médico e Odontológico, fotografias 3x4, correspondências.

documentação, optei por trabalhar com os prontuários, livros de ocorrências, correspondências recebidas pelos meninos de seus familiares e amigos e com periódicos informativos da própria instituição, de circulação nacional e gratuita, em especial o *FUNABEM Boletim de Notícias* e *FUNABEM Destaque Especial*, ambos produzidos pela Assessoria de Comunicação Social do Ministério do Interior (MINTER).

No entanto, diante das discussões e da apresentação parcial dos resultados da minha pesquisa nas oficinas de estudos e projetos com a professora Marta Emísia Jacinto Barbosa, naquela época docente da Universidade Estadual Vale do Aracaju – UVA, Sobral (CE), outro caminho se mostrou possível e importante a partir de novas sugestões dadas, que colocaram para mim a necessidade de investigar nas Atas da Câmara sobre o processo de discussão e implantação da FUNABEM em Viçosa, as possíveis intermediações da prefeitura nesse processo e o que significava a criação da referida instituição em âmbito nacional no momento histórico da ditadura militar.

Também me foi sugerido trabalhar com um jornal local, além dos supracitados, para pesquisar como a imprensa na cidade de Viçosa se comportava em relação a essas questões naquele período e a natureza social dos jornais.

Pensando nas sugestões da professora Marta Emísia, corri contra o tempo e sai do “acervo documental do CENTEV/UFV” em direção a outros: o da Câmara Municipal e o de um jornal local.

Optei por pesquisar o acervo documental do “Folha da Mata”, por significar para a maioria dos leitores viçosenses a “voz autorizada” a falar sobre a cidade de Viçosa. Registrado sob o número 1.748 em 24 de janeiro de 1964 pelo jornalista e professor senhor Pélmio Simões Carvalho, até hoje seu diretor, em parceria com o Padre Antônio Mendes, é atualmente o jornal de maior produção, circulação e consumo em Viçosa. Também circula em cidades vizinhas na Zona da Mata mineira.

O pronunciamento feito no dia 17 de outubro de 2003 pelo então vereador Ângelo Chequer, durante sessão solene na Câmara Municipal de Viçosa, em comemoração aos 40 anos de fundação do “Folha da Mata”, aponta para a enorme força e aceitabilidade que o respectivo jornal possui em Viçosa:

Formador de opinião, lido, acreditado e respeitado por seus leitores, o semanário possui uma equipe de repórteres e redatores gabaritados e de alto nível, chefiados pelo jornalista Womer Wellareo de Oliveira, e vem escrevendo a história de Viçosa, sendo atualmente um dos veículos

*de comunicação de maior respeitabilidade e credibilidade junto à sociedade viçosense.*³

Para trabalhar com a documentação referida, busquei dialogar com os procedimentos teórico-metodológicos de Jesús Martín-Barbero⁴ e Beatriz Sarlo⁵, que foram fontes de inspiração para o desenvolvimento do meu trabalho, uma vez que constroem estratégias de leitura dos documentos e trazem importantes contribuições sobre como trabalhar com fontes de naturezas sociais distintas.

A contribuição de Barbero está principalmente na advertência que nos faz sobre a necessidade de articularmos às nossas investigações, as condições de produção, circulação e consumo dos discursos presentes nos jornais e meios de comunicação.

O autor nos chama a atenção para o fato de que o jornal constitui um lugar onde a memória está sendo produzida por alguém e para alguém; nesse sentido, além de difundir notícias, também as fabrica, tendo em vista projetos que são desenhados e apresentados à sociedade conforme os interesses daqueles que fabricam as notícias:

*Terão de fabricar uma vez mais a mentira que corre, a dúvida que se instala, e tanta boa gente, em tantas cidades e tanto campo de tanta terra nossa, abrirá o seu jornal, buscando sua verdade, e se encontrará com a mentira maquiada.*⁶

Diante de tais advertências, procurei constantemente questionar os jornais com os quais trabalho, duvidar dos discursos que apresentavam, para melhor percepção de como estes se forjavam socialmente.

Ao mesmo tempo, inspirada pelos procedimentos adotados por Beatriz Sarlo, meu propósito foi esforçar-me para “olhar politicamente” as diferentes fontes com as quais dialogo, na busca de desvendar os seus projetos *estético-ideológicos*⁷, pois como nos adverte, por detrás da forma estética, isto é, da forma pela qual os fatos ou as

³ Pronunciamento do vereador Ângelo Chequer, em Homenagem da Câmara Municipal de Viçosa aos 40 anos de fundação do Jornal Folha da Mata, no dia 17 de outubro de 2003. In: www.folhadamata.com.br/outrasnoticias, acesso em 24/03/2005.

⁴ BARBERO, Jesús Martín. “Ideologia: os meios como discurso do poder.” In: *Ofício de cartógrafo* Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola.

⁵ SARLO, Beatriz. “Um olhar político”. In: *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 1997.

⁶ BARBERO, Jesús Martín. *op cit.* p.76

⁷ SARLO, Beatriz. *op cit.* p.56

pessoas aparecem nos jornais por exemplo, há intenções políticas e projetos ideológicos em disputa na dinâmica social.

O diálogo com esses autores trouxe possíveis métodos para minha atitude diante dos documentos, sobretudo diante da imprensa. Inspirada em suas reflexões, de trabalhar a imprensa entendida enquanto algo vivo, agente social, busco desvendar quais *projetos estético-ideológicos* eram apresentados pelos jornais para se pensar a FUNABEM de Viçosa e os sujeitos que lhes deram vida.

Busquei compreender como eram construídas e disseminadas nos documentos as imagens e interpretações sobre a instituição, os internos e suas famílias; como davam visibilidade e permanência às suas construções; como tais interpretações estão em conflito com as memórias dos entrevistados. Nessa direção, o propósito foi buscar no diálogo com as fontes orais novas formas para se pensar os viveres dos meninos na instituição e na cidade de Viçosa, buscar *outras histórias*⁸ para além das existentes nos jornais, pois *trata-se de atentar no menos visível, menos audível, em discursos e práticas que escapam pelas fissuras, seja aos ditames do mercado, seja aos circuitos habituais*.⁹

Assim que terminei o segundo semestre letivo, no mês de abril de 2006, vim às pressas de Uberlândia em direção a Viçosa. Depois do início no mestrado, os dias parecem ser ainda mais curtos. Assim que cheguei à “*terra de Bernardes*”, esta é a forma pela qual o Jornal Folha da Mata apresenta a cidade de Viçosa em suas edições, fui ao encontro do seu diretor, o senhor Pélmio Simões de Carvalho, que abriu as portas do seu estabelecimento comercial e me disponibilizou seu acervo para pesquisa.

Todos os funcionários do Jornal Folha da Mata, que nas décadas de 1970 e 1980, chamava-se Folha de Viçosa, foram muito receptivos. Abriram-me as portas, exceto nas quintas e sextas-feiras. Nas quintas-feiras meu acesso foi proibido por ser este o dia em que todos os funcionários ficam acelerados para fechar a edição que sai no sábado; e, nas sextas-feiras, meu acesso foi também negado pelo mesmo motivo, mas somente no período da manhã, restando-me, portanto, a tarde para a pesquisa.

Também na Câmara Municipal de Viçosa fui muito bem recebida pelos funcionários e pela presidente, vereadora Vera Saraiva, que ficou interessada por minha pesquisa, pois este trabalho trata de parte de sua própria história de vida, visto que foi funcionária da FUNABEM de Viçosa.

⁸ FENELON, Déa et al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2004.

⁹ SARLO, Beatriz. *op cit.* p.60

Durante as quatro semanas em que fiquei presente durante todo o expediente de trabalho, das oito da manhã às seis da tarde, com intervalo de uma hora e meia para o almoço, buscava artigos referentes ao dia-a-dia de crianças e adolescentes pobres de Viçosa e da unidade da FUNABEM nesta cidade. Além disso, objetivava encontrar as vivências da infância pobre não só em Viçosa, mas também no país.

Interessava-me saber como o “Folha de Viçosa”, hoje “Folha da Mata”, agia no período estudado por mim e que propostas apresentava à sociedade viçosense para se pensar os “meninos cariocas” e a instituição; como construía e alimentava certas memórias e visões sobre estes sujeitos; quais eram as principais discussões na cidade e no âmbito nacional envolvendo a “questão do menor”, seu comportamento diante destas; e como trabalhava para tornar dominante as memórias que produzia.

Minha tentativa durante a pesquisa neste jornal era desvendar seus programas *estético-ideológicos*, que vinculavam a sociedade viçosense às imagens que construía sobre os sujeitos que viviam na FUNABEM de Viçosa.

Comecei a pesquisar o arquivo referente às edições de 14/01/1968 a 17/10/1971. E terminei a pesquisa com o arquivo dos jornais de fins da década de 1980. A minha ânsia por artigos que se referissem à problemática da infância carente não era correspondida pela presença destes nos jornais analisados. Percebi que no jornal “Folha de Viçosa” restava um pequeno espaço para apresentar os viveres dos meninos na FUNABEM e em Viçosa, pois a maior parte de suas matérias dizia respeito às grandes personalidades da cidade e de regiões vizinhas da Zona da Mata mineira, evidenciando seus vínculos com as elites locais.

A cidade de Viçosa apresentada no “Folha de Viçosa”, naquele período, era a cidade das “celebridades” – dos políticos e da elite local – principalmente dos cafeicultores e plantadores de cana, visto que estas atividades constituíam o eixo dinâmico da economia das cidades da Zona da Mata mineira, que se destacavam no cenário nacional. Ponte Nova, distando de Viçosa 46 km, era apresentada nos jornais da década de 1970 como o mais importante centro açucareiro do Estado de Minas Gerais.

Pouco se discutia sobre os problemas sociais. As principais manchetes apresentavam uma Viçosa em constante progresso, em desenvolvimento, um cenário de celebridades. Os discursos construídos evidenciam o quanto se trabalhava em defesa de projetos modernizadores. Por vários momentos pensei que estivesse lendo revistas de

fofocas sobre as elites e políticos da época: “*Personalidade americana chega ao Brasil*”¹⁰; “*O Asfalto chega a Viçosa*”¹¹; “*Folha de Viçosa e os novos prefeitos municipais*”¹²; “*O 7º aniversário da Revolução de 64 foi comemorado, em nossa cidade, com desfiles do Tiro de Guerra e da banda da UFV e com a inauguração do nosso Colégio Estadual de Viçosa*”¹³; “*A Prefeitura de Viçosa já adquiriu e está recebendo os novos paralelepípedos da rua Gomes Barbosa*”¹⁴; “*Asfalto vai continuar*”¹⁵; “*Realizada em Viçosa a XIII Distrital do Rotary Club*”¹⁶; “*Integração para o desenvolvimento da Zona da Mata*”¹⁷; “*O SPC liquida com você, mau pagador*”¹⁸; “*Toma posse novo reitor da UFV*”¹⁹; “*Viçosa faz Simpósio de Desenvolvimento na festa do seu centenário*”²⁰; “*Associação Comercial de Viçosa homenageou comerciante padrão*”²¹; “*Viçosense se destaca como juiz de futebol na Guanabara*”²².

A omissão das visões dos meninos que viviam na FUNABEM de Viçosa era fruto das intenções daqueles que produziam os jornais e que, com certeza, não são as mesmas desta pesquisa. As edições do “Folha de Viçosa” construíam imagens sobre os viveres na instituição a partir da funcionalidade do sistema e não das experiências dos meninos que deram vida àquele universo. Seus artigos focalizavam mais o sistema institucional do que as vivências dos meninos. Percebi que seria necessário investigar o significado político dessa ausência.

A cidade apresentada no “Folha de Viçosa” parecia não possuir grandes tensões ou problemas sociais. O artigo do dia 28/4/74, edição nº 259, ano 10, intitulado “*Em Viçosa não há problema de menor abandonado*”, pode ser bastante representativo do belo projeto de cidade que era construído e apresentado à sociedade:

O senhor pode tomar um cafezinho, sentar-se em um banco de jardim, bater papo com os amigos, ir e vir pela cidade que, raramente será abordado por crianças pobres, com o clássico:

– “Moço, o senhor me dá um dinheiro pr’a comprar um pão?!”

Diz o sr. Sebastião José Soares, comissário de menores da cidade: “O índice de mendicância infantil aqui é tão baixo que até podemos falar que ela não existe...”

¹⁰ Edição do dia 05/04/70 – nº 146, ano 7.

¹¹ Edição do dia 06/03/71, ano 7.

¹² Edição do dia 31/01/71, ano 7.

¹³ Edição do dia 04/04/71, ano 7.

¹⁴ Edição do dia 18/04/71, ano 7.

¹⁵ Edição do dia 30/05/71, ano 7.

¹⁶ Edição do dia 13/06/71, ano 7.

¹⁷ Edição do dia 11/07/71, ano 7.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Edição do dia 30/09/71, ano 7.

²¹ Edição do dia 26/06/71.

²² Idem.

No entanto, percebi nas Atas da Câmara uma outra imagem da cidade de Viçosa, em contraposição a esta imagem da cidade do baixo índice de mendicância e crescente desenvolvimento, construída pelo “Folha de Viçosa”. Na Ata da terceira reunião ordinária da Câmara Municipal de Viçosa, realizada no dia dezessete de março de mil novecentos e setenta e cinco, percebi uma outra Viçosa – a Viçosa de relações tensas, de índices significativos de miséria que levavam muitos pais pobres, com dificuldades econômicas para gerirem a vida dos filhos, a reivindicar do poder legislativo atitudes que facilitassem o ingresso de seus filhos na unidade da FUNABEM em Viçosa:

*O vereador Antônio Zaharam, traz conhecimento à casa de que foi procurado por diversos pais de famílias, pede que seja dirigido um ofício ao Prefeito, para que este se dirija, a quem de direito, pedindo providências e solicita, também, seja dirigido um ofício ao Presidente da FUNABEM, pedindo maiores facilidades de ingresso educandário com sede em Viçosa, dos nosso menores, menos favorecidos.*²³

Diante das evidências das Atas da Câmara, comecei a desconfiar do “progresso e baixo índice de mendicância” da Viçosa apresentado pelo “Folha de Viçosa”. A pesquisa das Atas da Câmara trouxe para mim a necessidade de problematizar a imagem da “cidade progressista” e com “inexistente índice de mendicância” apresentada nos jornais. Percebi que a idéia de benesses e o sentido positivo agregado à palavra “progresso” não poderiam ser estendidos a todos os cidadãos viçosenses, pois pelo que as fontes evidenciam, o “progresso” estava estritamente vinculado e restrito a determinados grupos socioeconômicos – sobretudo aqueles ligados à produção de cana-de-açúcar e café.

Com relação aos meninos que viviam na EAAB, era comum que fossem apresentados nas edições dos meses de setembro e dezembro. Em setembro, apareciam desfilando, uniformizados e aparentemente felizes ao lado de outros estudantes de diversas escolas viçosenses, na edição de comemoração da Independência do Brasil. Ainda em setembro, também apareciam brevemente na comemoração do aniversário de Viçosa, no dia 30 do referido mês. As edições em comemoração ao aniversário da cidade eram recheadas de inúmeras homenagens à “Terra de Bernardes”, e a Escola

²³ Atas da Câmara Municipal de Viçosa, período 1972-1975, página 149.

Agrícola Arthur Bernardes, unidade da FUNABEM em Viçosa, era apresentada compondo a construção do cenário da cidade em progresso.

Já nos meses de dezembro era comum encontrar os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa nas festividades de fim de ano, comemoradas na própria instituição. Algumas edições do mês de dezembro focalizavam, por um lado, as festividades de entregas de diplomas para os alunos que haviam terminado o ensino primário e, por outro, as comemorações natalinas. Sob a ótica do “Folha de Viçosa”, a FUNABEM era sempre enaltecida e apresentada como o lugar exemplar e ideal de acolhimento a “menores”.

Nessa direção, o jornal Folha de Viçosa, apenas num pequeno número de edições, voltava sua atenção aos viveres na FUNABEM, mas sempre partindo da perspectiva de reafirmar o discurso institucional, que construía uma imagem positiva da FUNABEM como instituição “reformadora”, sempre na perspectiva de compará-la a “hotel cinco estrelas”. À custa da imagem positiva da EAAB, era também reafirmada a visão pejorativa da infância pobre – apresentada ora como abandonada, ora como infratora.

O que pude perceber por meio da leitura e interpretação dos exemplares é um projeto estético-ideológico muito bonito de cidade e instituição: a Viçosa do progresso – orgulhosa por ser a terra natal do ex-presidente Arthur da Silva Bernardes, e a FUNABEM - instituição exemplar, sem tensões e contradições. Este projeto do jornal “Folha de Viçosa” mostrava-se muito mais bonito em suas páginas do que na realidade vivida e rememorada por muitos ex-internos.

No entanto, a imagem de organização e clima sempre harmonioso difundida nos jornais é dessacralizada pelas narrativas, que apontam *outras histórias*, um pouco mais desorganizadas e menos harmoniosas dos viveres dos meninos na EAAB.

As narrativas com ex-internos e ex-funcionários me colocaram diante de novas questões e brotaram em mim a paixão pelas histórias que contavam sobre suas vidas e o desejo de dar visibilidade às suas memórias e traduzir suas experiências compartilhadas e práticas sociais em histórias diversas, e em alguns aspectos, opostas àquelas que a documentação escrita produzia sobre suas vidas.

O diálogo com esses sujeitos e as narrativas dos seus familiares evidenciadas nas correspondências, instigaram-me a contar *outras histórias* de suas vidas, expressas por *muitas memórias*²⁴ que clamam serem ouvidas de outras formas.

As narrativas evidenciam que as histórias e experiências vividas e significadas por esses sujeitos estão em disputa com outras histórias produzidas em artigos de jornais, documentos escritos e orais, que os apresentam de formas distintas das próprias maneiras como se viam no passado e se apresentam no presente.

As memórias expressas pelos ex-internos, sobre seus viveres como meninos pobres na FUNABEM de Viçosa, reclamam serem ouvidas de outra forma que não as histórias que foram produzidas sobre suas vidas e de suas famílias em outros tipos de documentos.

Contudo, acho importante explorar a noção de “*outras histórias*”, para não reduzir seu significado. O “*outras*” não é necessariamente, o outro lado do discurso institucional, não significa exatamente a idéia de confrontar de um lado a memória dos ex-internos, e do outro, a da instituição, como se fossem campos homogêneos de memórias, ou campos de memórias opostos.

Nesse sentido, busquei no trabalho com “*muitas memórias*” associar a idéia de “*outras histórias*” à noção de relação que se constrói, pensando que “*outras*” não quer dizer necessariamente oposição, pois ao longo desse trabalho poderemos perceber que a prática institucional construía memórias que em alguns aspectos alcançou a concordância dos internos e seus familiares. Ao analisar os documentos, percebi a existência de muitas memórias em disputas sobre os viveres das crianças e de suas famílias no passado. Busquei compreender a idéia de “*outras histórias*” tendo em vista o movimento de memórias em disputas sobre o passado na instituição.

Trata-se de perceber que numa sociedade de conflitos, os sujeitos estão se movimentando nem sempre em oposição ao que está colocado por memórias e ideologias hegemônicas. Ao mesmo tempo, a idéia de “*outras histórias*” aponta para a necessidade de colocarmos “*as dissidências no centro do foco*”²⁵, e atentarmos para as mudanças, rupturas e permanências ao longo do processo histórico. Evidenciando, portanto, outros desejos, outros projetos presentes na sociedade. Nesse sentido, busquei compreender e trazer de outra maneira as vivências das crianças e de suas famílias no

²⁴ FENELON, Déa Ribeiro et al. *op cit.*

²⁵ SARLO, Beatriz. *op cit.* p.60

passado, além de como eram vistas e difundidas pelas memórias produzidas pela instituição.

Alessandro Portelli, ao trabalhar com a noção de “*memórias divididas*”, trouxe-me significativas contribuições para que eu repensasse de forma menos dicotômica, a idéia de “*outras histórias*”:

...na verdade, quando falamos numa memória dividida, não se deve pensar apenas num conflito entre a memória comunitária pura e espontânea e aquela “oficial” e “ideológica”, de forma que, uma vez desmontada esta última, se possa implicitamente assumir a autenticidade não-mediada da primeira. Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas.²⁶

Interessava-me, portanto, buscar a partir de “*outras histórias*” modos de compreender as experiências compartilhadas pelos ex-internos da FUNABEM de Viçosa, trazendo à escrita deste trabalho a construção de “*memórias divididas*”, ora em cooptação, ora em confronto.

Num segundo momento, o que conduziu minha pesquisa foi o propósito de, junto dos meus narradores, no diálogo com eles, produzir histórias de seus modos de viver e trabalhar.

Nessa direção, tornou-se importante compreender quem são, as experiências e relações vivenciadas por eles na dinâmica social da FUNABEM e também em outros espaços de sociabilidade – como se relacionavam na cidade de Viçosa durante o período de institucionalização e como modificam suas relações com a cidade quando são desligados da instituição.

Busquei, portanto, apreender quais sentidos e significados que os sujeitos que ali viveram e se relacionaram – internos e funcionários – atribuem, a partir do presente em que se encontram, às experiências e práticas sociais compartilhadas e suas concepções de mundo provenientes de tais vivências. Tentei entender como, a partir do significado do presente em que meus entrevistados se encontram, eles se voltam ao passado para reinterpretá-lo.

²⁶ PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum.” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 1998.p.106

Nesse trabalho de produção e análise de fontes orais, percebi que lidar com narrativas é antes de tudo lidar com interpretações, com construções de significados que o entrevistado confere a acontecimentos que rememora a partir de sua identidade presente. Desse modo, me debrucei sobre as narrativas dos ex-internos e dos funcionários com os quais se relacionaram – com o propósito de compreender as imagens que os sujeitos desta pesquisa estão construindo sobre as práticas sociais e as experiências vividas – sempre na perspectiva de perceber como esses momentos de recordação individuais podem significar a dinâmica de práticas sociais vividas em conjunto e relações sociais antagônicas em construção, pois tendo em vista as reflexões de Yara Aun Khoury, *“as narrativas, embora sejam pessoais, se fazem na experiência social, são constitutivas dela e são reconhecidas como tal segundo padrões de significação.”*²⁷

Tendo por objetivo apreender as visões de mundo e o modo como esses sujeitos explicam suas trajetórias de vida e relações sociais vividas, foram realizadas dez entrevistas.

Ressalto as dificuldades em contactar os ex-internos, pois, como eram em sua maioria provenientes do Rio de Janeiro, ao completarem dezoito anos eram desligados da instituição e retornavam aos seus lugares de origem, ou eram encaminhados para o serviço militar e serviços públicos em outras cidades e Estados, tendo sido poucos os que permaneceram e se encontram em Viçosa. Consegui chegar até eles a partir do diálogo com ex-funcionários, muitos dos quais, quando da extinção da instituição, foram remanejados para a Universidade Federal de Viçosa, e outros continuam trabalhando no espaço onde funcionou a FUNABEM e que hoje abriga o CENTEV/UFV.

Durante as idas ao “acervo do CENTEV” para desenvolver as atividades de catalogação e identificação dos documentos, mantinha contatos diários com esses trabalhadores, que me contavam suas histórias sobre as relações e experiências compartilhadas com os ex-alunos cotidianamente no exercício de suas funções e indicavam os lugares nos quais alguns deles se encontravam.

Dos dez entrevistados, três são ex-internos, que viveram na EAAB entre os anos de 1970 e 1989. Os demais são ex-funcionários, entre eles dois monitores, três professoras, um encarregado de acompanhar os meninos no serviço no campo e o senhor Milton, que exerceu funções no setor administrativo e contábil e também atuou

como professor por três anos. É impossível saldar minhas dívidas diante dos esclarecimentos dos entrevistados que se tornaram imprescindíveis para o desenvolvimento e as mudanças de rumo neste trabalho, uma vez que trouxeram elementos que propiciaram um alargamento da minha restrita visão das relações dos meninos na instituição e na cidade de Viçosa e me possibilitaram compreender que eles é que deveriam ser os sujeitos desta pesquisa e não a instituição.

Considero que, além desses dez entrevistados, as conversas com muitas pessoas na cidade de Viçosa, durante as atividades de pesquisa no acervo do CENTEV/UFV, da Câmara Municipal e do Folha da Mata, trouxeram-me contribuições significativas por meio de suas lembranças e impressões dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa. Foram muitas as dúvidas esclarecidas nessas conversas informais, em que muitos me questionavam sobre o que estava pesquisando, e, logo que respondia, começavam a rememorar inúmeros episódios dos meninos na EAAB e na cidade, durante os passeios ou nos campeonatos de futebol.

A leitura e a análise das entrevistas também me proporcionaram compreender como essas pessoas se vêem e interpretam seus próprios viveres; a partir dessas interpretações, trouxeram dimensões do passado vivido, que iluminaram outras formas de entender as relações de poder na sociedade em que vivo. O diálogo com os narradores foi antes de tudo um momento valiosíssimo de trocas de experiências; acredito que nessas relações dialógicas aprendi muito mais com eles do que eles comigo, e pude sentir o que Benjamim já havia constatado: que a *arte de narrar*²⁸ é a *faculdade de intercambiar experiências*.²⁹

Trilhando o caminho profícuo do trabalho com a fonte oral, procuro sempre lidar com a memória a partir do significado que lhe atribui A. Portelli: *a memória [...] constitui o lugar ideal de ardentes polêmicas*.³⁰ Acredito que há um terreno comum – as relações vivenciadas dentro e fora da FUNABEM de Viçosa, onde os sujeitos – internos e trabalhadores – vivenciaram os mesmos acontecimentos, mas cada um, na sua individualidade e experiência, elaborou significados diferentes para o acontecido. O que

²⁷ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Déa et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’água, 2004. p.123

²⁸ BENJAMIM, Walter. “O Narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.” In: *Obras Escolhidas*. Vol.1. São Paulo: Brasiliense, 1985.p.197.

²⁹ Idem, *ibidem*.p.198

³⁰ PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas Ardeatinas. História, mitos, rituais e símbolos. In: *Revista História e Perspectiva*, 25/26, Edufu, 2002.p.10

as fontes orais me permitiram evidenciar é que as pessoas não se referem aos fatos passados da mesma forma, apesar de tê-los vivido ao mesmo tempo.

Pude constatar a existência de memórias compartilhadas que, no entanto, não devem ser vistas de modo algum como *memória coletiva*³¹, pois acredito que a idéia de memória coletiva homogeneiza experiências e vivências que são significadas individualmente, daí minha predileção em trabalhar memória como arena de *ardentes polêmicas*³².

Os procedimentos teórico-metodológicos em relação ao trabalho com a fonte oral utilizados por um grupo de pesquisadores do Projeto PROCAD/Capes “Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas Memórias, Outras Histórias” também foram fontes de inspiração para meu trabalho com as fontes orais.

As experiências acadêmicas desses pesquisadores, publicadas no livro “*Muitas memórias, outras histórias*”³³, nos sugerem a necessidade de colocar em nossas investigações o “s” em “memória”, como forma de apreender a pluralidade e diversidade existente no social e, ao mesmo tempo, nos advertem quanto à urgência em tratar e problematizar a memória no campo das relações, para compreendê-la enquanto espaço de contradições, tensões e lutas hegemônicas:

*... como qualquer experiência humana, a memória é também um campo minado pelas lutas sociais. Um campo de luta política, de verdades que se batem, no qual esforços de ocultação e clarificação estão presentes na disputa entre sujeitos históricos diversos, produtores de diferentes versões e interpretações.*³⁴

A partir do contato com suas experiências acadêmicas em relação à fonte oral, pude compreender que as memórias estão em constante disputa na sociedade; as elaborações e os significados atribuídos à experiência vivida pelos sujeitos não são ingênuos, mas expressam concepções políticas, visões de mundo e valores que o entrevistado pretende transmitir.

Nesse sentido, inspirada pela produção historiográfica desses autores e pelas maneiras pelas quais lidam com a fonte oral, busquei explorar a consciência social transmitida pelos meus entrevistados e investigar como ocorrem as lutas entre forças

³¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.

³² PORTELLI, Alessandro. *op cit.* p.10.

³³ FENELON, Déa et al. *op cit*, 2004.

³⁴ FENELON, Déa et alii. “Introdução.” In: FENELON, Déa. *op cit*, p.6.

hegemônicas no campo da memória, isto é, como as memórias dos meus entrevistados estão sendo instituídas e reelaboradas na dinâmica social. Partindo do pressuposto de que o hegemônico só existe em embate com outras possibilidades, minha tentativa consistiu em repensar o movimento entre memórias hegemônicas e alternativas, opostas às tendências e interpretações dominantes.

Ao trabalhar com fontes orais, percebo uma disputa entre meus narradores pelo passado na instituição, que é feita a partir do presente, tendo em vista a referência atual das formas de se conceber o funcionamento de instituições públicas para crianças e adolescentes pobres e a legislação vigente nos dias de hoje (ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente).

As diferentes versões e interpretações dadas pelos meus entrevistados em relação aos acontecimentos vividos dentro e fora da instituição corroboraram a idéia trabalhada pelos pesquisadores no livro *“Muitas memórias, outras histórias”*, de que o campo da memória é um campo de tensões constituídas por construções e sentidos atribuídos ao passado que lutam entre si. Percebi que meus narradores ocultavam e revelavam os conflitos e aspectos do cotidiano dos meninos na FUNABEM de Viçosa conforme suas intenções e, muitas vezes, tomando por referencial a estrutura das FEBEMs do tempo presente.

Nesse sentido, o tempo da entrevista significou, para alguns sujeitos, uma oportunidade de desabafo; outros se sentiram desconfortáveis diante de questionamentos e de versões sobre o passado que lhe causavam incômodo e pretendiam ocultar. Já para os ex-internos, sobretudo para o senhor Cléber, esse momento representou a possibilidade de se fazer ouvir, de contestar muitas histórias de suas vidas contadas por outros em diversos documentos.

Tanto o senhor Cléber quanto o senhor Mário e o senhor Luis, todos ex-internos, construíram outras memórias divergentes da memória expressa pelo discurso institucional para explicar as tensões vividas, sempre requerendo o direito de cidadania, que parece ter-lhes sido negado no passado por muitos cidadãos viçosenses, os quais atribuíam a eles uma imagem estigmatizadora e criminalizante, que não condizia com seus comportamentos, jeitos de ser e trajetórias de vida.

Contam que foram para a FUNABEM não por terem cometido infrações, ou por serem frutos de lares patológicos, mas por carências materiais, nos colocando a

necessidade de problematizar a visão pejorativa que identificava “menor da FUNABEM” como “infrator”.

Por meio de suas memórias, percebi que o conceito “menor” não deve ser visto como sinônimo de “infrator” e precisa ser posto em movimento, confrontado com as vivências rememoradas por esses sujeitos. Por outro lado, as entrevistas também colocaram para mim a necessidade de problematizar a visão pejorativa atribuída às suas famílias e as formas pelas quais eram apresentadas nos discursos institucionais, expressos nos jornais e reafirmados pelos narradores, mais especificamente por alguns ex-funcionários.

As narrativas me permitiram perceber como, no embate social vivido, os meninos iam se definindo enquanto sujeitos, criando e recriando situações e práticas, travando lutas para superar o estado de carência e se estabelecerem na cidade de Viçosa após serem desligados da instituição.

Hoje, todos adultos, continuam trabalhando; dois deles, o senhor Mário e o senhor Luís, são funcionários da Universidade Federal de Viçosa, e o senhor Cléber, cabeleireiro, exerce o ofício que aprendeu durante o tempo em que trabalhou na barbearia da FUNABEM. Construíram suas famílias e continuaram a manter os vínculos que os uniam no passado; conscientes dos seus direitos, lutam por eles.

Atualmente, motivados por sentimentos de justiça, por interesses em comum, formaram uma associação de ex-alunos, que se reúne aos sábados na Prefeitura Municipal de Viçosa e em outros lugares, para requerer parte do dinheiro que recebiam pelo trabalho desenvolvido. Com consciência crítica das relações de trabalho vividas, dizem que cinquenta por cento desse dinheiro era recebido em mãos, e outros cinquenta, de acordo com o discurso institucional na época, eram depositados numa caderneta de poupança, para que fossem repassados a eles logo que saíssem da instituição – uma segurança que deveriam ter tido até que conseguissem outras formas de sobreviver.

Hoje muitos aluno entraram com um processo, uma ação aí pra ver se vai conseguir reaver esse dinheiro das próprias cadernetas que tinham. E hoje, esse dinheiro muitos não sabem o que que aconteceu, esses cinquenta por cento que tava guardado, hoje tem muitos aluno que são interno e todo mundo tá tentando ver se consegue resgatar ele né... Então no caso, nós trabalhávamos né... Alguns alunos dizem que ia conversar com algumas pessoas, mais alguns falam que tinham mas, num mostram onde tão entendeu? Aí é que é o problema... Se pelo menos mostrassem: “ah, tá em tal lugar, cês pode ir lá no seu arquivo, que tem.” Ninguém fala isso, aí todo mundo, a caderneta, e ninguém

*fala né, e todo mundo procura saber. Aí é por isso que muitos aluno resolveram mover uma ação contra a... não sei se contra a FUNABEM, deve ser contra a FUNABEM no caso né?... Contra o governo, pra ver se vai tentar reaver esse dinheiro porque se tem dinheiro né, então não custa nada fazer isso... aí tá lá..*³⁵

Na passagem supracitada, pude perceber que as lembranças dos ex-internos apresentam um caráter político. Suas memórias assumem a função de reafirmação de direitos e suas reivindicações atuais estão fundamentadas nas relações de trabalho vivenciadas no dia-a-dia na instituição.

O senhor Cléber vivenciou o momento da entrevista com grande expectativa. Quando pedi sua permissão para interpretar suas memórias e publicá-las em meu trabalho, me respondeu positivamente, levando-me a compreender o motivo de seu convencimento em ser entrevistado e de sua satisfação em poder ser ouvido, em poder contar suas próprias histórias sobre as relações sociais vivenciadas dentro e fora do espaço institucional, antes, durante e após o período de institucionalização: *Pode publicar sim, a vontade... É bom que aí você vai mostrar alguma coisa nossa, que nós vivemos, pra sociedade, aí vai ser interessante, que eu conversei com você, deve até ser interessante.*³⁶

Espero conseguir nesta pesquisa superar esse desafio posto pelo senhor Cléber: de chamar a atenção da sociedade para as vivências e experiências rememoradas por esses sujeitos. No sentido de fazer valer sua vontade e de respeitar os motivos pelos quais consentiu em ser entrevistado, me esforço ao tentar interpretar as suas memórias, para não atribuir às suas falas posições e visões que não teve, deixando de analisar suas verdadeiras intenções nesse diálogo.

Nesse sentido, acredito que a questão fundamental que deveria nortear o desenvolvimento desta pesquisa não seria apenas contestar e negar as divergentes histórias que outros contam sobre as vidas desses sujeitos, mas proporcionar que as muitas histórias que eles próprios contam sobre as relações sociais vivenciadas, da forma que mais lhes significam, se tornem públicas e conhecidas por todos. O desafio que pretendo superar nesta pesquisa, e que envolve sobretudo dilemas éticos, é buscar desenvolvê-la com dignidade e ética, de modo que ao ler este trabalho o senhor Cléber e

³⁵Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa – 34 anos, ex-interno da FUNABEM de Viçosa, que lá viveu entre os anos de 1983 e 1989. Atualmente, é cabeleireiro no Salão do Balbino, na Avenida Santa Rita, no centro comercial de Viçosa/MG. (Acervo particular da autora).

³⁶Idem.

seus colegas possam se reconhecer como protagonistas das experiências vividas e lembradas.

Quero ressaltar que tal desafio não consistiu em trazer à tona suas histórias de vida para fazer “biografias”, mesmo porque esses sujeitos não viviam isolados, e acredito que as falas do senhor Cléber, por exemplo, podem ser representativas de um grupo de meninos que viviam com suas famílias um processo cruel de empobrecimento e que buscavam alternativas de sobrevivência, que tinham interesses em estudar, em escolher uma profissão, em trabalhar, em constituir famílias, que forjaram lutas cotidianamente para superar a situação de carência e para se estabelecerem na sociedade.

O objetivo deste estudo é, por meio das análises dessas histórias que contam sobre suas vidas, levantar questões sobre a dinâmica das relações sociais vividas com outros e sobre as concepções de mundo provenientes de suas experiências compartilhadas nas relações sociais, buscando valorizar socialmente não a história de vida e a individualidade das narrativas por elas mesmas, mas as vivências e práticas sociais vividas em comum, que podem ser evidenciadas e transmitidas a partir daí.

Percebi que esses sujeitos fizeram um exercício freqüente de significar como o social vivido se apresenta no presente e suas relações com o passado; assim, em suas narrativas, esforçaram-se em atribuir significados às lutas travadas para realizarem seus projetos, suas expectativas e como agiram conscientemente no intuito de “ganhar a vida” ao saírem da instituição.

Durante as entrevistas, era freqüente um entrevistado indicar outro para o meu trabalho. Acredito que o desejo de expressarem quem são, como viviam, e serem reconhecidos socialmente tal como se apresentam no presente, os conduziram à indicação de outros e os motivaram a autorizar-me trabalhar com suas memórias: *A gente tá aqui pra mostrar a sociedade que a gente também temos os nossos valores né.*³⁷ Esta afirmação do senhor Cléber aponta para a intenção desses sujeitos e seus interesses em participar deste trabalho: mostrar como se apropriaram desse espaço e lutaram contra as dificuldades encontradas para colocarem em prática suas expectativas de um futuro renovado. Suas falas estão carregadas do valor da responsabilidade que possuíam, de expectativas, planos para o futuro e como se utilizaram e aproveitaram das possibilidades oferecidas no espaço institucional para vencê-los:

A escola, a escola assim, pra quem dentro lá... pra quem tá dentro da escola, muitas coisas acontecem, mas se o cara quer alguma coisa, só depende dele...Porque lá é uma instituição, mas se o cara souber aproveitar, lá também te beneficia em alguma coisa né, isso daí é importante...Muitos conseguiram se dar bem na escola né, é...estudaram, concursaram o segundo grau e hoje estão bem... Como eu trabalho de cabeleireiro, outros trabalham de...trabalha nos hospitais, uns trabalham de segurança, têm muitos colegas meus que já são policiais aqui em Viçosa, trabalham de PM né...e, outros formaram em técnico agrícola, e um tá na Bahia, outro tá lá em Uberlândia e outro tá lá no Rio Grande do Sul.³⁸

Portanto, como o senhor Cléber evidencia em sua narrativa, ele e muitos de seus amigos “*conseguiram se dar bem na escola*” e negaram a visão pejorativa disseminada pelo discurso institucional, reafirmada por muitos cidadãos viçosenses, que os olhavam com preconceito e os identificavam como infratores ou como perigos sociais, pelo fato de terem vivido na FUNABEM.

Durante o processo de produção das fontes orais, percebi que os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa – hoje adultos, trabalhadores, pais de família – relembavam as maneiras como agiam sobre a dinâmica social a partir das estratégias de aceitação ou enfrentamento, que são possíveis reconhecer na maneira como se comportavam. Inseridos numa lógica institucional, expressavam as maneiras como criavam condições e recriavam situações, produzindo suas próprias táticas para fazer valer seus projetos de vida nesse processo.

Também pude perceber neste trabalho com as fontes orais que, por mais que existam construções e representações do passado que alcançam reconhecimento e legitimação, passando a ser dominantes, estas podem até ocultar as representações dos ex-internos e de suas famílias, mas não conseguem anulá-las. São exatamente tais representações marginalizadas pela memória pública, expressa sobretudo nos jornais, que pretendi trazer à escrita deste trabalho, na perspectiva de colocar em evidência a vitalidade das disputas pela memória desse passado.

Devo ressaltar outras leituras que trouxeram novas maneiras de pensar e repensar minhas próprias questões. As obras de Thompson e Raymond Williams configuram-se como mais fontes de inspiração para esta pesquisa. Destaco

³⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

³⁸ Idem.

especialmente os procedimentos adotados por E.P.Thompson³⁹, uma vez que me possibilitaram enxergar a “miséria da minha teoria”. A partir do diálogo com Thompson e Williams, outras possibilidades de ler e interpretar as fontes se mostraram importantes e necessárias.

A grande contribuição de Thompson para que eu pensasse no desenvolvimento deste trabalho é que esse autor problematiza algumas interpretações simplificadoras da realidade, que a princípio pareciam satisfatórias para responder às minhas indagações, e também coloca conceitos cristalizados em movimento, tal como o conceito de disciplina.

O estudo das relações disciplinares visto na perspectiva de Thompson deve abranger também os motivos pelos quais as pessoas se convencem a sair dos seus lugares de origem e ritmos de vida para incorporarem outros. Além do mais, o diálogo com o autor me chamou atenção para o fato de que a vida das pessoas ultrapassa o universo fabril ou institucional.

Thompson⁴⁰, ao partir para o diálogo com as evidências, investigando como as relações disciplinares e sociais estavam sendo elaboradas no cotidiano dos indivíduos no capitalismo industrial, amplia tal conceito, na medida em que afirma que a disciplina não é somente o uso econômico do tempo pelo capital. Além desse uso econômico do tempo nas fábricas, ressalta a existência da *luta sobre o tempo*:

*A investida, vinda de tantas direções, contra os antigos hábitos de trabalho do povo não ficou certamente sem contestações. Na primeira etapa, encontramos a simples resistência. Mas, na etapa seguinte, quando é imposta a nova disciplina de trabalho, os trabalhadores começam a lutar, não contra o tempo, mas sobre ele [...] Era exatamente naquelas atividades – as fábricas têxteis e as oficinas – em que se impunha rigorosamente a nova disciplina de tempo que a disputa sobre o tempo se tornava mais intensa.*⁴¹

Na passagem acima, o autor remete-nos à idéia de “*luta sobre o tempo*” como estratégias de resistências próprias dos trabalhadores. Ele interpreta a disciplina não somente do ponto de vista restrito das normas ou como uma camisa de força, à qual o indivíduo está preso sem condições de escapar; ao contrário, o trabalhador, nessa

³⁹ THOMPSON, E.P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

⁴⁰ THOMPSON, E.P. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴¹ Idem, ibidem, p.293.

disputa, não está fadado a ser utilizado passivamente, mas participa do processo histórico, agindo sobre o tempo, muitas vezes, da maneira que lhe aprouver.

Saindo do universo das relações disciplinares e sociais nas fábricas em direção ao universo da FUNABEM de Viçosa/MG – com os devidos cuidados nesse salto abrupto de um espaço a outro completamente distinto, com relações historicamente especificadas e exclusivas – acredito que as relações disciplinares de força, de tensão, não existem somente no cotidiano das fábricas, mas também nas instituições sociais.

Problematizando as relações disciplinares e sociais estabelecidas e evidenciadas nas fontes com as quais trabalho, já não consigo mais ver as crianças institucionalizadas como “fantoques” manipulados pelos funcionários dos setores pedagógico-administrativos da EAAB.

As leituras de Thompson me possibilitaram perceber o óbvio que não compreendia: que o processo histórico não se desenvolve pela mobilidade das estruturas, mas que, ao contrário, são as estruturas que se movem em função das pessoas. Ao mesmo tempo, levou-me a compreender que não há disciplina, domínio e subordinação por eles mesmos. Estes só existem num dado processo histórico, uma vez que as relações de dominação e subordinação não são definitivas, estanques, mecânicas, elas só existem em determinados momentos e condições, pois o que é dominante pode modificar-se ao longo do processo.

Acho importante ressaltar que, ao pontuar as contribuições das análises de Thompson, reconheço que as relações sociais nestes dois universos – o fabril e o institucional – são bastante distintas, sendo espaços culturais e sociais completamente diferentes. Não estou pretendendo transportar para as relações sociais da FUNABEM de Viçosa experiências que são exclusivas do universo fabril que Thompson estudou em um momento completamente diverso – seria um anacronismo suicida. Compreendo que as relações sociais exigem diferenciação histórica devido às especificidades de suas formas, que as caracterizam e as tornam únicas por existirem em determinado contexto particular.

O que busco acentuar na contribuição de Thompson é a noção muito mais ampla das relações disciplinares tal qual foi trabalhada por ele e o significado que este lhes confere: relações de força, de disputas, de visões de mundo alternativas e antagônicas em constante embate no processo histórico.

Partindo deste suposto – de que as relações disciplinares são relações de força –, percebi que a capacidade do sistema institucional de organizar as práticas sociais dos internos apresentava fissuras e convivia com rupturas, mudanças e incorporação das ações humanas.

As fontes pesquisadas evidenciam que as grandes explicações e os modelos de funcionamento do sistema, não são bem vindos e permitidos para se pensar nas práticas vivenciadas no espaço institucional da FUNABEM de Viçosa, saturado de relações disciplinares e sociais tensas e conflituosas. A partir das contribuições de Thompson, pude perceber que as evidências apontam para o fato de que os meninos não estavam condenados à estrutura porque possuíam potencial para agir sobre ela. O tempo dos internos na FUNABEM de Viçosa era objeto de uma disputa na qual as crianças demonstravam suas expectativas e valores expressos em ações e artimanhas de resistência:

De 22 horas às 6 horas do dia 3 a 4-01 de 1985 [...] alunos que pernoitaram na FUNABEM: 300-307-312-314 [...] 7-1-1985 obs: A 1h.10 foram pegos na cidade os alunos matric. 17-27-145-272-287 – tudo deixa à transparecer que êstes alunos estavam à fim de fugirem.⁴²

As evidências expressas pelas fontes orais e escritas – Prontuários e Livros de Ocorrências, em especial os registros de fugas, brincadeiras em momentos indevidos, isto é, no expediente escolar ou de trabalho, desentendimentos e agressões que envolviam os internos e os funcionários, bem como envolvendo os internos entre si, e outras formas diversificadas de ações e resistência – me sugeriram pensar que as relações disciplinares eram, sobretudo, relações tensas nas quais os funcionários encarregados de ordenar o cotidiano e estabelecer procedimentos não obtinham sempre o sucesso que esperavam no controle sobre as crianças e adolescentes carentes. Nem sempre o que a racionalidade do sistema propunha era aceito e colocado em prática pelos meninos.

A grande contribuição de Thompson para o desenvolvimento deste trabalho é justamente ter me conduzido à tentativa de devolver a ação e o papel aos sujeitos, na medida em que não reduz o ser humano a mero objeto de construção, mas o interpreta como participante do processo de construção de sua identidade, como sujeito de sua própria história e de sua consciência afetiva e moral.

⁴² Livro de Ocorrências Janeiro de 1985 – Acervo Documental do CENTEV-UFV, p.03-06.

O sujeito visto sob a perspectiva thompsoniana não é simplesmente constituído e utilizado passivamente por um sistema, mas é também constituinte de tal sistema, luta sobre o tempo e não se reduz a objeto do uso econômico deste.

Os documentos produzidos pelos funcionários da FUNABEM de Viçosa apontam para o fato de que não eram raros os internos que lutavam contra a racionalidade proposta pela instituição – a divisão do tempo entre estudos, trabalho e lazer – e contra a restrição posta pelas relações de trabalho – do direito de ser simplesmente criança, com todas as atitudes e gestos adequados a essa fase da vida.

Fragmentos da carta enviada pela assistente social da instituição à mãe do interno procedente de São Paulo em 1987, de matrícula nº 353, evidenciam que o processo de disciplinarização era sobretudo um processo fluido, em que não dá pra dicotomizar as ações dos meninos de um lado e as da instituição do outro, pois constituía-se enquanto um processo relacional marcado por uma multiplicidade de forças, relações de enfrentamento e aceitação, relações antagônicas e conflituosas. A leitura desta carta me sugeriu pensar que a dinâmica das relações e práticas vivenciadas na FUNABEM de Viçosa não fluía por ela mesma, mas deveria ser aliada às perspectivas e expectativas dos meninos que lhes davam vida e lhes deixaram suas marcas:

Prezada L...

Recebi sua carta e lamento informar-lhe que a matrícula do W... foi cancelada por absoluta falta de interesse do mesmo. Várias vezes, tentamos mudar a decisão de W... porém não tivemos qualquer êxito. O Sr. J..., muitas vezes afeito, vinha nos pedir tolerância o que sempre atendíamos. Porém, seu filho não mais colaborou na tarefa de prepará-lo e orientá-lo à vida, demonstrava resistência.⁴³

A partir do diálogo com os procedimentos teórico-metodológicos adotados por Thompson, busco perceber no estudo das fontes esse aspecto das relações disciplinares, que são também relações de força, uma “via de mão dupla”, de embates entre valores e expectativas dos internos e valores da instituição, e não simplesmente um processo vertical saturado de normas impostas exteriormente.

Acredito que as relações sociais, tanto nas fábricas pesquisadas por Thompson quanto na FUNABEM de Viçosa, não eram simplesmente impostas, mas “negociadas”;

⁴³ Correspondência datada de 29/05/1989, anexada ao Prontuário do menor interno, nº de matrícula 353. Acervo Documental do CENTEV/UFV.

nesse processo de negociação, as condutas e experiências, tanto do operário quanto da criança institucionalizada, impuseram limites à racionalidade proposta pelo sistema e tiveram papel crucial.

Por outro lado, além da necessidade de problematizar e questionar conceitos analíticos, fechados, totalizantes e confrontar minhas precipitadas interpretações com as evidências expressas pelas fontes, Thompson me possibilitou compreender que na primeira proposta do meu projeto de pesquisa também faltava à “miséria da minha teoria” o mesmo *termo ausente: Experiência*⁴⁴ da prática teórica de Althusser, criticada tão veementemente por Thompson. O pecado capital cometido por Althusser consistiu num desprezo deste em relação às experiências, à elaboração mental e emocional dos sujeitos diante dos acontecimentos, em favor de uma idealização da organização estrutural.

Uma análise estrutural era feita por Althusser sem que este dialogasse suas idéias com as evidências do processo histórico trazidas pelos sujeitos, e o produto de tal procedimento de pesquisa, conforme nos adverte Thompson, foi uma “*estrutura conceptual [que] paira sobre o ser social e o domina*”⁴⁵, um verdadeiro “*planetário de erros*”.

Percebi, a partir do contato com as reflexões de Thompson, que também faltava às minhas indagações o olhar sobre as experiências vividas pelos sujeitos na FUNABEM. A herança das análises sociológica durkheimiana e estruturalista foucaultiana, que desconsideravam a subjetividade do indivíduo como se este fosse mero produto do fato social ou da estrutura social, marcava fortemente minha concepção de história e, conseqüentemente, minhas interpretações. As ações humanas não cabiam no pragmatismo e exercício de classificação presentes nas teses desses estudiosos.

O meu orientador, Professor Paulo Roberto de Almeida, foi quem primeiramente denunciou o “planetário de erros” e incoerências que estava prestes a cometer e que espero não tê-lo feito neste trabalho. Sempre me questionava: “Gisélia, aonde estão os seus sujeitos?” “Não tem gente nessa história?” Outras vezes me advertia para que tomasse cuidado em não reduzir as crianças institucionalizadas a meros objetos e produtos de uma estrutura imposta: “Fuja da estrutura” ou “cuidado, não dá para colocar

⁴⁴ THOMPSON, E. P. A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.180

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.22

remendos novos em panos velhos.” A partir de seus “puxões de orelha”, pude compreender o quão importante era dialogar com minhas fontes no intuito de perceber os meus sujeitos e valorizá-los enquanto agentes no processo histórico, portadores de experiências, consciências e visões de mundo.

Nesse sentido, posso dizer que o contato com os procedimentos de Thompson agitou profundamente meu olhar sobre o objeto de pesquisa e teve papel fundamental na minha reorientação de percurso, uma vez que me possibilitou compreender que a lógica da história é peculiar e contrária à lógica pragmática e classificatória de uma dada sociologia.

Percebi que era extremamente necessário divorciar-me dessa herança. Nesse processo doloroso do divórcio, pude enxergar minha cegueira estruturalista e passei a eleger os sujeitos da FUNABEM de Viçosa como protagonistas desta pesquisa. Tornou-se importante para mim compreender seus valores, experiências, concepções de mundo, práticas, artimanhas de resistências, suas ações, as mudanças que promoveram, as razões pelas quais estiveram ali, as relações sociais existentes em sua dinâmica cotidiana, como interagiam e agiam para além do espaço institucional durante os passeios no centro comercial de Viçosa aos finais de semana, como eram tratados pela sociedade viçosense e pelas políticas públicas.

A partir desse momento, meu esforço começou a girar em torno da tentativa de trazer para a escrita deste trabalho, a partir das muitas memórias dos ex-internos e dos funcionários com os quais se relacionavam, as experiências das crianças e adolescentes que viveram sob a tutela do Estado na FUNABEM de Viçosa, entre os anos de 1964 e 1989. Meu propósito é focalizar a consciência social e afetiva destes sujeitos e as tensões das práticas sociais vivenciadas por eles na instituição e também fora da dinâmica de seus muros, em outros espaços de sociabilidade, no intuito de traduzir suas memórias em muitas histórias.

Outra grande contribuição de Thompson consiste em ter ido além da antítese rígida de alguns estudos marxistas que consideram a existência de apenas duas ideologias: a dos capitalistas e a dos proletários. Nas reflexões do autor, os conceitos de ideologia e consciência se estendem também aos homens comuns, incluindo os que não estão inseridos na produção industrial.

Nesse sentido, Thompson, inspirando-se nas produções de Gramsci, sugeriu uma nova maneira de conceber a consciência dos sujeitos ao nos propor pensar que as idéias

dos homens comuns estão correlacionadas às concepções de mundo que os acompanham, a partir das experiências que viveram. Essas idéias se encontrariam com outras existentes fora desse contexto – as idéias das classes dominantes. As concepções de mundo e os modos de viver estudados por Thompson não diziam respeito a questões internas e exclusivas de alguma classe ou grupo social, mas sim à fusão dessas idéias diferentes num mesmo espaço cultural. Essa concepção da “*consciência contraditória*” do sujeito na história foi decisiva e impulsionadora de novos caminhos para meu trabalho:

*É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde. Adotando outros termos, esse foi um problema que ocupou Gramsci. Ele observou o contraste entre a “moralidade popular” da tradição do folclore e a “moralidade oficial”. Seu “homem-massa” podia ter “duas consciências teóricas (ou uma consciência contraditória)”: a da práxis e a “herdada do passado e absorvida acriticamente”...*⁴⁶

Pude tirar uma imensa lição das questões postas por Thompson, que possibilitaram novas formas de entendimento do sujeito; a partir de sua forma de conceber a consciência do homem, busquei compreender as consciências sociais dos meus sujeitos, frutos de suas experiências vividas na práxis, isto é, na prática da dinâmica institucional e em outros espaços de sociabilidade.

A partir das contribuições advindas das discussões de Thompson, procurei perceber, por meio do estudo das evidências, a consciência social, afetiva e moral dos sujeitos da FUNABEM de Viçosa, uma consciência que não pode ser vista simplesmente como produto da estrutura imposta e que tem se mostrado contraditória, confusa, mista e crítica, a qual procuro compreender para inserir na escrita deste trabalho. Além disso, certa da existência de consciências sociais distintas e mesmo antagônicas existentes nas relações dentro e fora da FUNABEM de Viçosa e evidenciadas pelas fontes, busco compreender o movimento de hegemonia existente nesse universo e as formas pelas quais os sujeitos disputavam a hegemonia e criavam suas práticas culturais.

O contato com os procedimentos de Thompson e as leituras das fontes a partir desse diálogo me possibilitaram perceber que o espaço institucional não deve ser visto como imbatível, homogêneo, mas como lugar de disputas, de forças hegemônicas em

⁴⁶ THOMPSON, E.P. “Introdução: costume e cultura”. In: Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.20.

embate, em que a identidade do interno, longe de ter sido aniquilada, intervinha e participava ativamente nesse processo de lutas hegemônicas.

A tentativa deste trabalho, depois do ainda inacabado e incompleto amadurecimento intelectual, foi priorizar a análise das vivências e “experiências” dos sujeitos e não mais a elucidação da estrutura e do contexto. Nesse sentido, esforcei-me para não lidar com as relações de forma mecânica, em termos de classificações generalistas e rígidas, como “vencidos” e “vencedores”. As fontes evidenciam que essa dicotomia reduz o potencial e a capacidade de ação do sujeito, além de fragmentar o passado vivido e rememorado.

Tendo como objetivo a pesquisa das lutas hegemônicas vivenciadas cotidianamente na instituição e na cidade de Viçosa, não poderia deixar de mencionar a importância dos estudos de Raymond Williams⁴⁷ sobre o processo complexo das lutas hegemônicas em espaços culturais, que também marcaram minha reorientação de percurso e muito têm contribuído para o encaminhamento desta pesquisa. O autor, ao colocar esse conceito histórico em movimento, ampliou a noção tradicional e totalizadora de hegemonia.

Raymond Williams – que durante sua trajetória intelectual esteve sempre em contato com as abordagens marxistas da cultura – expressa o alargamento da noção de hegemonia realizado pelas análises de Gramsci. Propõe-nos pensar no conceito de hegemonia entendido numa perspectiva mais ampla, que ultrapassa as noções de ideologia e cultura em seus sentidos restritos de dominação e manipulação.

A noção de hegemonia vista na perspectiva de análise de Williams não pode ser reduzida a um sistema formal de idéias, produzido por determinada classe dominante. O autor nos adverte que a idéia de ideologia não pode ser pensada isoladamente do processo cultural como um todo, isto é, como conjunto de experiências vividas na prática social.

*A realidade de qualquer hegemonia, no sentido político e cultural ampliado, é de que, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva. A qualquer momento, formas de política e cultura alternativas, ou diretamente opostas, existem como elementos significativos na sociedade.*⁴⁸

⁴⁷WILLIAMS, Raymond. “Hegemonia”. In: Marxismo e Literatura. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁴⁸Idem, ibidem, p.116.

Os procedimentos teórico-metodológicos de Williams também constituíram fontes de inspiração para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que traz a compreensão de que não existe no campo cultural um processo ideológico total. Gramsci, fonte de inspiração de Williams, é o próprio exemplo do processo complexo das lutas hegemônicas: mesmo estando confinado numa prisão fascista, com a saúde debilitada, vigiado e reprimido pelo totalitarismo de Mussolini, que intentava impedi-lo de pensar, continuava escrevendo, expressando formas hegemônicas alternativas. A vontade do promotor no processo que o condenava à prisão: “*É preciso fazer com que esse cérebro deixe de funcionar por 20 anos*⁴⁹” não se consumou, e o cérebro de Gramsci continuou funcionando cada vez melhor.

O seu exemplo de atividade empreendedora reflete a própria maneira como busquei trabalhar com a consciência dos sujeitos desta pesquisa, em suas potencialidades, em suas capacidades de ação, em suas disputas hegemônicas, visto que as fontes apontam para o fato de que mesmo em condições adversas os sujeitos agem, pensam e elaboram projetos de vida.

A partir das contribuições de Williams, passei a ler nas fontes como se davam as relações hegemônicas no espaço institucional da FUNABEM de Viçosa. Essas relações não podem ser identificadas apenas com a idéia simplista de imposição e manipulação, pois, as evidências me sugerem pensar que no embate social o hegemônico institucional não existiu sozinho, mas coexistiu com formas hegemônicas alternativas e oportunidades de sobrevivência, encontradas por essa parcela da população brasileira que era desprovida das mínimas condições socioeconômicas para suprir suas necessidades mais elementares.

Busquei trazer para a escrita deste trabalho como se davam as lutas hegemônicas freqüentes que envolviam estratégias de resistência e aceitação, materializadas em embates permanentes entre as perspectivas e valores dos meninos e o modelo institucional de conduta, em que não havia vencidos nem vencedores definitivos, e sim expectativas e desejos a serem conquistados ou frustrados e que hoje são significados diferentemente pelos sujeitos.

A partir das leituras das fontes sob a inspiração dos procedimentos de Williams, pude notar que, por mais que o sistema institucional detivesse em determinados

⁴⁹GRAMSCI, Antônio. Caderno 11. (1932 – 1933). Introdução. In: GRAMSCI, Antônio. Cadernos do Cárcere. v.1. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.18.

momentos uma certa capacidade de direcionar as vidas dos meninos e de estabelecer limites às suas práticas, não era, contudo, capaz de controlar seus pensamentos, sonhos, projetos de vida para o futuro e suas ações criativas. As evidências nos sugerem pensar que o institucional hegemônico também sofria pressões e limites dos internos, imbuídos de suas concepções de mundo e expectativas, e não apenas as impunham.

Acredito que os valores e expectativas do senhor Cléber, Mário e Luis “Baiano”, meus entrevistados, e também de seus colegas com quem não tive a oportunidade de conversar, impregnavam esse universo múltiplo, diversificado, saturado de relações de força tensas e contraditórias. Por meio de suas narrativas, evidenciam que seus valores, interesses e aspirações estavam em constante disputa com as práticas e valores que a instituição pretendia legitimar.

Justaposta à noção de movimento do processo histórico, lido com a noção de “experiência” e “hegemonia”, daí o fato de as análises de Thompson e Raymond Williams terem se mostrado essenciais nesse percurso.

Além do diálogo com os procedimentos de Thompson e Williams, busquei também dialogar com algumas produções historiográficas que discutem sobre a problemática da criança carente e as políticas públicas destinadas a essa parcela da população brasileira. Dentre esses autores, destaco o trabalho de Aparecida Darc⁵⁰, que pesquisou os viveres de crianças e adolescentes carentes que viveram e/ou trabalharam nas ruas da cidade de Uberlândia, entre os anos de 1985 e 1995, e que teve grande contribuição para eu repensar minhas questões.

As reflexões postas no seu trabalho me permitiram perceber que a história pautada no estudo das práticas assistencialistas, das normas e regras institucionais e do contexto e histórico das instituições constituem apenas um aspecto do amplo processo que envolve a problemática da infância e adolescência carentes.

Pude perceber, por meio das questões trabalhadas por Aparecida Darc, que nosso presente já está saturado de produções historiográficas que focalizam, por um lado, o estudo do contexto da ditadura militar – momento do surgimento da FUNABEM em âmbito nacional – e, por outro, o enfoque nas regras institucionais e políticas públicas. Considero que esses trabalhos têm seu valor e sua importância, porém elegi como foco desta pesquisa as vivências e experiências das crianças e adolescentes carentes que

⁵⁰ SOUZA, Aparecida Darc de. Capitães do Asfalto: infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia 1985-1995. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados PUC/SP, 1998.

viveram na FUNABEM de Viçosa, colocando-as como centro de minhas investigações, como protagonistas desta pesquisa.

Acredito que, mais importante do que focalizar as regras e políticas públicas é tentar compreender como tais políticas e regras foram vivenciadas por esses sujeitos no passado e como eles as significam no presente.

Além das contribuições de Aparecida Darc, também dialoguei ao longo do texto com Fernando Londoño⁵¹, Edson Passetti⁵², Marco Antônio Cabral dos Santos⁵³, Irma Rizzini⁵⁴, Renato Pinto Venâncio⁵⁵ e outros estudiosos dessa temática.

Ao dialogar com estas produções historiográficas, percebi que há uma tendência por parte de alguns autores, como, por exemplo, Edson Passetti⁵⁶, em enfatizar apenas o caráter mais austero e tenso das relações vividas pelos internos em instituições públicas. No entanto, o viver dos meninos na FUNABEM de Viçosa não se fez somente desse aspecto, visto que os narradores trazem outros elementos desse passado e outras relações que também compuseram essa realidade social: a busca por alternativas de sobrevivência, os laços de afetividade mantidos pelas relações de amizade – os quais coloco em evidência para além das práticas arbitrárias.

Além disso, percebi que alguns dos autores tendem, em suas análises, a enfatizar a funcionalidade do sistema e, ao adotarem uma postura baseada nas denúncias das arbitrariedades contidas nas relações, acabam perdendo de vista a complexidade do processo histórico em toda a sua dimensão, as rupturas e mudanças promovidas pelas crianças e a constante busca destas para superar o estado de carência em que se encontravam.

Neste trabalho, problematizo algumas interpretações dos autores lidos, tendo em vista os significados que os ex-internos conferem às relações vivenciadas, pois ao trazerem em suas narrativas novas formas de compreensão do passado vivido na instituição, ampliam as interpretações de determinadas produções historiográficas.

⁵¹ LONDOÑO, Fernando Torres. “A Origem do Conceito *Menor*.” In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

⁵² PASSETTI, Edson. “Crianças Carentes e Políticas Públicas.” In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. 4ªed, São Paulo: Contexto, 2004.

PASSETTI, Edson. A Política Nacional do Bem-Estar do Menor. Dissertação (Mestrado). PUC/SP, 1982.

⁵³ SANTOS, Marco Antônio Cabral dos Santos. “Criança e criminalidade no início do século.” In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das Crianças no Brasil. 4ª ed, São Paulo: Contexto, 2004.

⁵⁴ RIZZINI, Irma. “Pequenos Trabalhadores do Brasil.” In: PRIORE, Mary Del (org.). História das crianças no Brasil. 4ªed, São Paulo: Contexto, 2004.

⁵⁵ VENÂNCIO, Renato Pinto. Famílias abandonadas. Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Papirus, 1999.

⁵⁶ PASSETTI, Edson. “Crianças carentes e políticas públicas.” In: PRIORE, Mary del. *op cit*.

Ao pesquisar uma específica parte da história brasileira sobre a trajetória da infância pobre que vivia sob a tutela do Estado na FUNABEM de Viçosa, e na constante busca em trazer à escrita deste trabalho a consciência social dos sujeitos em relação às maneiras como viviam as crianças carentes e como foram tratadas pela sociedade viçosense e pelo poder público no passado – meu propósito é chamar a atenção da sociedade brasileira para as formas com que tem tratado suas crianças e adolescentes carentes nos últimos tempos, propiciar que esta levante questões sobre o que pode ser modificado nesse tratamento, o que pode ser diferente nos dias de hoje.

O estado de privações vivido por muitas crianças brasileiras no passado e no presente tem se configurado enquanto um problema político e social, e não uma questão de polícia, que precisa ser pensado, repensado e principalmente extirpado. Acredito que uma das formas de tentar intervir e transformar a dura realidade vivida por essa parcela da população brasileira é, primeiramente, buscar compreendê-la.

Fundamentada no marxismo inglês contemporâneo, sobretudo o Thompsoniano, organizei esta dissertação conforme descrito a seguir:

No primeiro capítulo – *“Tô dentro de uma instituição, vou procurar o melhor lá dentro”*⁵⁷: *as múltiplas faces das relações vivenciadas no cotidiano da FUNABEM de Viçosa* – busquei compreender como esses sujeitos se sentiam e agiam na dinâmica social, as mudanças por eles promovidas, como se apropriaram desse espaço para criar e recriar situações, e as lutas travadas para realizarem seus projetos e expectativas de um futuro renovado. Pretendo analisar as formas diversificadas das relações disciplinares e sociais vivenciadas entre internos e funcionários, que são também significadas diferentemente por eles. Além disso, ao dialogar com as produções historiográficas que discutem a problemática da criança carente vivendo sob a tutela do Estado em instituições públicas, pretendo me situar diante das interpretações postas nas obras, no intuito de problematizá-las tendo em vista os elementos dos viveres no passado trazidos pelos narradores.

No segundo capítulo – *“Mamãe tem sempre procurado te dar o melhor”*⁵⁸ –, por meio do estudo das correspondências enviadas pelos familiares e amigos dos meninos, minha proposta é buscar compreender quem eram essas famílias, como viviam, os

⁵⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

⁵⁸ Correspondência emitida pela mãe, que residia no Rio de Janeiro, ao seu filho H..., no dia 29 de abril de 1982, anexada ao seu prontuário.

motivos pelos quais abriam mão do convívio com seus meninos e os olhares das famílias sobre seus pequenos institucionalizados, na perspectiva de problematizar a memória expressa pelo discurso da instituição e incorporada por alguns narradores, que produzia e disseminava uma imagem negativa dos familiares dessas crianças. Além disso, meu propósito é ler o significado social das cartas, como estas me permitem perceber os dramas vividos socialmente por diversas famílias brasileiras no passado e suas relações com o presente.

No terceiro capítulo – *“Ah! é aluno de FUNABEM? É... você não vai ter futuro nenhum namorando com um rapaz desse...”*⁵⁹ – pretendo discutir as diferentes memórias dos sujeitos em relação aos passeios nos finais de semana no centro comercial de Viçosa, na perspectiva de problematizar como era construída uma visão sobre os internos e como eles eram tratados pela sociedade viçosense. Os passeios no centro da cidade evidenciados nas narrativas apontam para relações sociais, algumas vezes tensas, entre as crianças e outros lugares de sociabilidade. Além das percepções, concepções políticas e sentimentos imbuídos nas narrativas, busquei compreender como ocorria a interação entre as crianças e a sociedade viçosense, assim como os olhares dessa sociedade em relação a esses sujeitos. Os ex-internos evidenciam, por um lado, como lidavam com esses olhares, muitas vezes estigmatizantes, e os esforços empreendidos para vencê-los, e, por outro, como suas relações com a cidade se modificam ao serem desligados da instituição.

⁵⁹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

CAPÍTULO I

“Tô dentro de uma instituição, vou procurar o melhor lá dentro”⁶⁰: as múltiplas faces das relações vivenciadas no cotidiano da FUNABEM de Viçosa.

Neste capítulo busco compreender o universo social de uma geração de meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa no passado – suas idéias e os motivos de ali terem vivido. Antes de trabalhar com os significados que conferem, a partir do presente, às relações e experiências vividas, acho importante dizer quem são, de onde vinham e porque vinham.

Por meio de suas narrativas, percebi que as experiências de “ser interno” traduziram todo um modo de vida que nos permite pensar a constituição da cultura desses sujeitos não isoladamente, mas na tensão com o outro – com a sociedade e a organização institucional.

Hoje com praticamente a mesma idade e trajetórias de vida semelhantes, conhecidos na época como “menores”, se fizeram “maiores” enfrentando muitas lutas e dificuldades.

Ao pesquisar os recortes de jornais e periódicos da instituição das décadas de 1970 e 1980, percebi que esse momento histórico foi marcado pela intensa construção e divulgação da imagem do “menor” carente associada ao mundo do crime e da violência. O discurso institucional sugeria que a “questão do menor” deveria ser tratada como problema de “segurança nacional”.

Esses discursos evidenciam as estratégias do poder público e das classes dominantes da sociedade, pois ao referenciar o problema do menor como problema de segurança nacional, ao apresentá-los como “perigos sociais”, eles escamoteavam as verdadeiras causas da carência vivida pelos menores. Inserindo o drama vivido por esses meninos na ideologia da segurança nacional, encontravam os argumentos para justificar os projetos e as políticas para tentarem controlá-los.

Esses discursos não focalizavam em nenhum momento questões econômicas, sociais, culturais e políticas fundamentais, como, por exemplo, a desigualdade e injustiça social vivenciadas pelos meninos e por suas famílias, principalmente quanto ao acesso ao emprego, à educação e à saúde. A proposta de “regenerá-los”, além de

⁶⁰ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

profundamente moralista, camuflava a realidade vivida, além de reafirmar os valores e padrões de conduta das classes sociais dominantes.

A solução para o “problema do menor” sugerida no artigo “Sou menor”, de autoria de Adolpho Bloch, publicado na página 12 do Jornal “Correio Brasiliense” em Brasília/DF, no dia 13 de abril de 1989, e depois anexado no periódico da FUNABEM - “Boletim de Notícias”, pode representar a solução preferida naquele momento por alguns setores da sociedade para o drama vivido pelas crianças carentes nas ruas. Ele afirmava ser *“coisa fácil e oportuna, a criação de colônias agrícolas, situadas no interior de nosso país, com a finalidade de lá instalarmos nossos menores delinquentes, desse modo livrando nossas cidades da presença incômoda e perigosa destes.”*⁶¹

O que mais me indigna é que, decorridas quase duas décadas da disseminação dessa visão, ela parece ainda ter aceitação na sociedade do tempo presente. Ainda hoje, algumas classes da sociedade civil continuam a ver a solução para o problema da infância e adolescência pobres na “limpeza da cidade”. O desejo de afastar de seus olhos e do seu meio as “classes perigosas” ainda leva as classes sociais detentoras do poder econômico e político a buscar remédios para tal fim. Dentre esses remédios, além das instituições, anos mais tarde foram criadas “soluções” ainda mais cruéis, como o extermínio de milhares de pobres na década de 1990, realizado por grupos institucionalizados – chacinas no Rio de Janeiro: Candelária, Vigário Geral.

No diálogo com as obras jornalísticas de Zuenir Ventura⁶² e Gilberto Dimenstein⁶³, pude perceber que a solução armada, o extermínio de crianças pobres, ainda hoje é visto pelos grupos de extermínio – também conhecidos como “esquadrões da morte” – como a solução mais eficaz para lidar com o drama de milhares de crianças em nível elevado de pauperização. E o pior: os autores constataam que tais grupos ligados à Polícia Militar e grupos de milícias particulares, parecem agir com o consentimento e aprovação de parte da sociedade civil, que, sentindo-se ameaçada com a presença indesejável de crianças e adultos maltrapilhos nas ruas, acabam por notabilizar tal prática como o melhor remédio para a “falta de segurança” e o “direito de propriedade”.

Embora os dados estatísticos trabalhados por esses autores sejam passíveis de questionamento, devido ao grande número de vítimas dos “esquadrões da morte” que

⁶¹ FUNABEM Boletim de Notícias, nº 82, 10/05/89, Assessoria de Comunicação Social-MINTER- Ano VII. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

⁶² VENTURA, Zuenir. Cidade partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

não são contabilizadas e documentadas, os números são elevados e assustadores, principalmente em grandes capitais, como o Rio de Janeiro. Essa prática indica que, na atualidade, o problema da desigualdade social ainda continua a ser visto como caso de polícia e não como questão de falta de política.

Ao contrário das imagens dos internos construídas e divulgadas pelo discurso institucional, não faltavam caráter e honestidade na personalidade dos meninos. Estas características eram marcantes nos seus jeitos de ser e agir, o que lhes faltava era o mínimo indispensável à sobrevivência.

Em suas narrativas, evidenciam que não tiveram “resgatadas a dignidade” porque nunca a haviam perdido. Nem muito menos foram “reformados” ou “reeducados”, porque não eram peças ou objetos que precisassem de “reparos”, precisavam sim de melhores oportunidades de estudar e viver.

A narrativa do senhor Cléber é bastante significativa porque, ao referenciar os motivos pelos quais veio para a FUNABEM de Viçosa, destrói a imagem pejorativa que se difundia sobre os “menores” desta instituição. No discurso institucional disseminado nos jornais, os meninos iam para a instituição porque eram infratores e suas famílias, desestruturadas. Assim como o Cléber, muitos dos ex-internos evidenciam que foram para a FUNABEM por questões não de ordem “criminal”, mas de ordem “econômico-social”.

G: ...entrou...você entrou lá em... com quantos anos? Por qual motivo vc foi pra FUNABEM de Viçosa?

C: É, eu entrei com 12 anos...12, isso.. Eu tive um problema familiar...Aí, eu tive um problema, minha mãe... um era oficial da marinha, meu pai né... e minha mãe era obstetrícia, fazia parto, trabalhava no hospital. Aí eles morreram... meu pai conheci quando eu tinha cinco anos, até os cinco anos eu conheci ele, mais ou menos, aí ele faleceu. Depois aí eu convivi com minha mãe até os nove anos né, aí faleceu também, problema de coração. E vim a ser criado com minha tia, irmã da minha mãe... Aí houve uns problemas é, entre famílias e algumas coisas, aí acabei sendo internado. Mas também não tem problema que não fiquei revoltado por isso né, foi o jeito deles de achar que era o melhor pra mim também e nesse sentido, o que que eu fiz, já que eu perdi pai e mãe aí eu preferi viver minha vida. Tô dentro de uma instituição, vou procurar o melhor lá dentro. É, eu fui... mas eu achei...eu dali pra frente, perdi pai e mãe, aí eu achei que o melhor era seguir o meu destino né...dentro de uma instituição, aproveitar o que

⁶³ DIMENSTEIN, Gilberto. Guerra de Meninos. São Paulo: Brasiliense, 1991.

*era melhor lá dentro, ou trabalhar, ou estudar e sair dali com dignidade né...*⁶⁴

Ao reportar, a partir do presente, às circunstâncias deflagradoras de sua institucionalização, o senhor Cleber nos coloca a necessidade de problematizar a visão negativa que era atribuída aos meninos e suas famílias: Ele não se desenvolveu naturalmente como as plantas, à luz do dia, nem muito menos era proveniente de um lar desestruturado, indigno e patológico; pelo contrário, seu pai era militar, sua mãe era obstetrícia e, enquanto estiveram vivos, interferiram em sua formação. Diante da morte destes e das dificuldades financeiras advindas desse fato, sua tia e familiares o enviaram à FUNABEM não porque era infrator, criminoso ou um perigo social, mas porque imaginaram que essa atitude seria o melhor pra sua vida naquele momento.

Ele não ficou revoltado por isso, não saiu às pressas cometendo atos infracionais e assombrando a vida dos cidadãos; em vez disso, procurou crescer e concretizar projetos de vida que não lhes foram impostos, mas que achava melhor para si. Nessas circunstâncias, da morte dos pais, ele se apropriou das possibilidades encontradas na instituição para concretizar seus objetivos de trabalhar e estudar.

A vida na instituição é apresentada nas narrativas dos “menores que se fizeram maiores” como formas alternativas de sobrevivência. Os passeios no Rio durante as férias, o bom relacionamento com as professoras e, principalmente, as festas eram outros aspectos da infância na FUNABEM que esses sujeitos procuravam destacar. O senhor Mário, ao ser indagado sobre o seu dia-a-dia, práticas sociais e experiências como interno da FUNABEM de Viçosa, sempre rememorava as vivências na perspectiva de reafirmar o seu comportamento de menino trabalhador:

Mas, lá tinha uns momento bom também né porque ... chegava fim de ano todos pessoal ia pro Rio, pra casa, férias... tudo lá é... festa, época de festa era boa mesmo. Eu sempre achei tudo bom, num achei ruim não. As professoras sempre foi boa, fazia festa lá, tinha festa junina, fim de ano tinha festa de natal e tudo... todas festa que tinha lá era direto, festa junina era melhor ainda que tinha lá. Os pessoal que formava de oitava série, era festa, dava diploma...Lá, num achei nada

⁶⁴ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

*de ruim lá não. Trabalho, trabalhei bem, nunca tive problema lá não uai... Eu nunca tive problema lá não.*⁶⁵

Ficava imaginando, ao ouvir os sujeitos, um outro cenário desse cotidiano que ainda não havia sido percebido, onde as crianças pudessem se sentir felizes com as festividades, com a bondade das professoras, com o acesso à educação, com a possibilidade de voltar pra casa, rever familiares ou amigos nas férias, com o dinheirinho recebido como recompensa pelas atividades exercidas, com a boa alimentação, com as roupas e calçados, com os filmes assistidos durante os passeios no centro de Viçosa, com a sala de TV que possuíam no alojamento, com as “peladas” de futebol:

*Aí cada vez foi melhorando... Lá era bom porque... tinha cinema todo fim de semana... era sábado, repetia segunda-feira, todo mundo trabalhava porque na época era...era muito serviço lá uê...era muito serviço. E lá formava até, até a oitava série...Quando eu fui pra lá eu comecei a estudar de manhã e trabalhava de tarde... Trabalhava até... das uma até as cinco lá uai. Mas, era bom... trabalhava mas tinha lanche... nove horas... dez hora era lanche... era bem tratado lá, os alimento era tudo bom uai, comida era boa e tudo.... Nós tinha uma sala lá de televisão lá pra ver televisão, quem gostava de ver televisão uê. Era muito bom boba, eu num tenho a reclamar de lá não...Inclusive, todo fim de semana tinha um futebolzinho...eu jogava pelada assim na hora do almoço, só pelada...*⁶⁶

Nas narrativas do Mário, tudo isso era muito valorizado e significativo, rememorado com entusiasmo. Entretanto, reconheço que não posso generalizar os sentidos que atribui à sua infância vivida na instituição e considerar que todos os seus colegas, por terem compartilhado os mesmos momentos, o interpretam dessa maneira. Alguns teriam seus motivos para não gostar tanto daquela vida e talvez, se tivessem tido a oportunidade de contar as histórias de suas vidas, expressariam outros sentimentos em relação a esse passado. O senhor Cléber, quando indagado sobre a convivência na escola, sobre seu dia-a-dia, também rememora alguns momentos de suas experiências com saudosismo:

É, eu estudava, trabalhava, tinha o esporte né, que a gente praticava. Saía pra muitos bairros aqui dentro da cidade e ai ia jogar bola né. Saía pra outros lugares também jogar bola, chegamo ir a...perto de Belo Horizonte, num clube, até um clube bonito lá sabe, alguns

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, 43 anos, ex-interno, viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1976 e 1979. Atualmente é funcionário da Universidade Federal de Viçosa. (Acervo particular da autora)

⁶⁶ Idem.

*alunos e funcionários foram lá pra fazer uma brincadeira lá, aí fomos jogar bola. E jogava direto contra o time da polícia aqui de Viçosa e alguns outros times aqui também da cidade. Me sentia valorizado porque, só em você poder conviver na sociedade e ter aquela liberdade, você se sente melhor né...*⁶⁷

Nas narrativas há freqüentemente a ênfase nos jogos de futebol; tanto os ex-internos como aqueles que se relacionavam com eles cotidianamente no exercício de suas funções, evidenciaram que estes meninos eram grandes craques, e que nesses momentos de interação em outros lugares sociais, em outras cidades, mostravam suas habilidades aos adversários e não davam chances para nenhum deles. Os campeonatos de futebol transformavam-se em festas:

G: O senhor sente saudades daquele tempo?

*S: Eu tive pensando nisso que você me perguntou ontem... eu tenho saudades sim...Futebol, nós tínhamos o técnico de futebol lá, o preparador físico, técnico de futebol, José Miguel. Dificilmente o time da escola perdia de qualquer time aqui. Mas tinha uma disciplina... e gostavam disto, de ganhar, o negócio deles era ganhar, ganhou tá bom. Então eles...você podia arrumar todo mundo...vão bora! Cinquenta meninos, vão bora! Dois times e mais uma torcida né... “Ah! pode levar bumbo?” Pode, pode, pode...chegavam na beirada do campo e fica lá, bá...bá...báaaaa....aquela bateria lá... e os meninos brincando lá né... Cada jogador de futebol!!! E Zé Miguel conversava com eles mesmo, na maneira de incentivar eles né, de encorajar... aí eles ganhavam o jogo mesmo. Futebol não tinha pra ninguém aqui não... Todo campeonatozinho, ganhava...*⁶⁸

Há nessas narrativas aspectos das relações e vivências valorizados por esses sujeitos e que lhes são significativos, que rememoram com saudade, com prazer.

G: ...então quer dizer que lá na Fundação vocês tinham muito lazer...

L: Igual eu tô falando com cê, nós lá tinha diversão de tudo quanto é jeito lá porque lá quando a pessoa acabava o serviço ele ia pro campo, jogava bola, tinha muita diversão lá. Tinha jogo de dama, tinha jogo de dominó, tinha um monte de coisa lá pra gente se divertir. Tinha pingue-pongue, tinha umas cinco, seis mesa de pingue-pongue, então marcava lá, agora é minha vez, contava lá, marcava lá, contava dupla, tudo direitim. Então futebol então tinha direto, tinha tudo. O futebol então era o que era mais famoso lá né. Os pessoal gostava de jogar mesmo, marcava time, fazia time, fazia time contra alojamento disputava né, disputava até, lá era bom que um copo de suco era

⁶⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

⁶⁸ Entrevista realizada com o senhor Sidney Sales Bernardino, no dia 10 de agosto de 2005, no CENTEV/UFV onde exercia suas atividades, e aposentou posteriormente, no início de 2006. O senhor Sidney foi admitido em 1973 na FUNABEM pra exercer as funções de monitor e inspetor de turma. (Acervo particular da autora).

*questão de fazer time. Então os funcionário chegava lá com uma rapadura lá, aí partia a rapadura em doze, então aí fazia seis, dez time, o time que ganhasse, ganhava a rapadura (risos). Era desse jeito... bala, suco, saquinho de quissuque, tudo era motivo pra gente fazer time, como se fosse um campeonatinho rápido que ganhava aquele troféu: um pacote de suco ou uma barra de rapadura, ou qualquer coisa, bala, doce.*⁶⁹

Ao pesquisar o acervo do fotógrafo viçosense Tony Melo, que fazia a cobertura dos eventos na cidade e era colunista do jornal Folha da Mata nas matérias sobre “*Sociais em Sociedade*”, pude encontrar os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa em suas experiências de vida e rotinas cotidianas. Era comum encontrá-los nos documentos imagéticos que me foram disponibilizados para a pesquisa, exercendo diversas atividades na instituição, nos desfiles de sete de setembro nas ruas de Viçosa e em demais comemorações na cidade. Os campeonatos evidenciados pelas fotografias me permitiram compreender que “as peladas de futebol”, focalizadas também pelas narrativas, eram uma das atividades que constituíam os modos de vida dos internos. Em suas narrativas há afirmação deles mesmos enquanto sujeitos – percebiam as diferenças e pretendiam superá-las; eles colocam em evidência que, embora fossem internos da FUNABEM, venciam os jogos de futebol.

⁶⁹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno, viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1974 e 1982. Atualmente é funcionário do Restaurante Universitário, na Universidade Federal de Viçosa. (Acervo particular da autora).



Foto: Time de futebol da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1979. Arq. Pesquisa: Tony Mello.



Foto: Campeonato de Futebol dos alunos da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1979. Arq. Pesquisa: Tony Mello.

É comum nas narrativas a presença de uma onda de encantamento acompanhada por uma tendência em idealizar o passado, a infância como a idade de ouro que não volta mais. Diante de um presente em que não têm mais o mesmo vigor e energia

próprios daquela fase da vida, o senhor Luis Baiano adota a postura de olhar para trás, suspirando e se valorizando como um grande jogador de futebol no passado:

G: tem algum outro caso que o senhor se lembra, que é importante para você?

L: O meu negócio, igual eu tô falando com cê, eu gostava mais de jogar bola. Então o que eu gostava era quando eu pegava a bola e que eu vinha correndo que eu conseguia passar o último zagueiro por exemplo e vinha correndo, muitas vezes eu já fazia goleiro até sair fora do gol sabe (risos). Então Zé Miguel que era professor, botava rede nova e eu furava muita rede sabe, aí um dia eu chutei a bola com tanta força, a bola foi e garrô, furô, garrô num tem aqueles negócio da trave que segura a rede? Então a bola garrou ali, enganchou naquele buraco ali e ficou ali garrada(risos). Eu furava muita rede sabe, jogava muito, corria muito, eu gostava do tempo assim que eu corria muito, jogava muito, mas essa coisa que eu fico lembrando hoje, fico lembrando é...hoje se eu dô uma corrida daqui até ali, acabou, num quento mais nada né(riso), é verdade.⁷⁰

Nesta passagem, o senhor Luis evidencia que a instituição significava não apenas o espaço social onde eles forjavam alternativas de sobrevivência para tentar suprir a carência material, mas era também o espaço onde se divertiam, jogavam bola, faziam amizades, como qualquer outra criança em situações menos precárias que vivia com sua família.

A mesma esperteza e vivacidade que esses “craques no futebol” tinham para se divertirem estendia-se para o aprendizado em sala de aula. As professoras entrevistadas sempre partem da perspectiva de evidenciar como esses meninos eram espertos e sagazes. A senhora M.J.G, quando indagada sobre o processo de aprendizagem e a convivência diária com os meninos na sala de aula, aponta para o potencial e *facilidade que tinham para aprender*:

Eu ficava boba porque mesmo vindo com muitas dificuldades de casa, eles aprendiam com muita facilidade. Eles tinham muita facilidade, mesmo aqueles mais levados... eles falavam muito bem, carioca fala muito bem né? E tudo... parecia que eles tinham muito gosto do que fazia, de estudar e tudo.⁷¹

⁷⁰ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

⁷¹ Professora M.J.G, trabalhou durante as décadas de setenta e oitenta – período de vigência da FUNABEM de Viçosa e também nos anos 1990 – no então CBIA. Entrevista realizada no dia 21 de Julho de 2005. Buscando respeitar os pedidos dos entrevistados e resguardar-me de possíveis processos jurídicos, só citarei neste trabalho o nome daqueles que me autorizaram a fazê-lo.

No entanto, para além dos aspectos valorizados dos seus viveres, eles destacam nas narrativas algumas dificuldades e tensões nas relações vivenciadas. Ao mesmo tempo que reelaboravam suas vivências na FUNABEM, formulavam uma consciência da realidade vivida, que, apesar de prazerosa em muitos aspectos, era também pesada. Parece paradoxal ver o senhor Mário valorizar o trabalho exercido e, simultaneamente, caracterizá-lo como pesado.

G:...Você disse que todos trabalhavam....me fale um pouco mais sobre o trabalho que vocês desenvolviam...como era?

M: E o serviço lá o bicho pegava mesmo, serviço pesado... roçar pasto, capinar, serviço de roça uai... Plantava arroz, plantava tudo lá na época lá uai... trabalhava a tarde inteira até cinco hora, de uma a cinco, tinha intervalo na hora do lanche... tinha intervalo e tudo uai. Depois cinco hora, ia embora, tomar banho, jantar, brincava até mais ou menos umas nove hora, depois tinha que dormir...Eu participei... no Rio aquilo era feira mesmo... porque tinha muita coisa...Eu gostava muito de ir com o carrinho cheio de verdura, fruta e tudo quanto há. Aí fui no Rio uma vez na feira sim. Já participei aqui em Viçosa também, fazia feira em Viçosa, todo lugar aqui fazia feira aqui... caminhonete aqui... eu acordava cedo vendia laranja e tudo na praça, na época ali quando tinha feira. Foi caminhão cheio também pro Rio de Janeiro fazer feira, porque na época nós plantava muito, melancia, era muita coisa, fruta, era muita coisa, sobrava até muito... mandava direto pro Rio, todo fim de semana, mandava caminhão cheio pro Rio, pra escola de lá. De vez em quando vendia pra cá também, fazia feira... pra comprar roupa e tudo.⁷²

As interpretações que constrói sobre as “feirinhas” nas quais trabalhou permitem perceber que o trabalho exercido, apesar de árduo, era valorizado como possibilidade de interagir em outros espaços, comprar roupas, bem como a rapadura de que tanto gostava, e freqüentar os cinemas nos fins de semana. Além do mais, parece ter sido muito significativo para o senhor Mário os lanches durante o intervalo. O fato de ter tido relevante papel na superprodução em gêneros alimentícios, feiras das quais sempre participava, a boa alimentação, os passeios, festas, o acesso à educação, a sala de TV no alojamento, o baixo poder aquisitivo proporcionado pelo dinheirinho recebido em recompensa pelas atividades exercidas, isso na sua visão de mundo significava “ter tudo”, era ter motivos para considerar boa a vida que levava ali: ... *mas nós tinha tudo*,

⁷² Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

*num faltava nada aqui não... Falar verdade, eu sempre gostei, nunca achei ruim lá não.*⁷³

A FUNABEM de Viçosa era conhecida como Escola Agrícola Arthur Bernardes, pelo seu empreendedorismo nas atividades no campo. Tanto o senhor Mário quanto outros narradores evidenciam que a Escola se destacava em relação à super produção de gêneros alimentícios, que, além de abastecerem a instituição, ainda eram enviados para suprir as necessidades das unidades da FUNABEM no Rio de Janeiro (Escola Padre Severino; Escola 15 de Novembro) e também vendidos para o comércio local, nas feiras em Viçosa e no Rio.

Experiências de lazer, jogos de futebol, brincadeiras e festividades são rememorados pelos ex-internos sempre ao lado das experiências pesadas no ambiente de trabalho. Havia por parte do discurso institucional a tendência em enfatizar o trabalho como a melhor escola para a infância pobre.

Nessa direção, recaíam sobre o pouco desenvolvimento físico dos meninos responsabilidades de adultos. Eram eles os incumbidos de prover a auto-suficiência da instituição e, por isso, tinham parte de sua infância tomada pelo trabalho pesado no campo, em ofícios industriais ou atividades domésticas.

No periódico “FUNABEM Destaque Especial”, é possível perceber a tônica do “trabalho” como a melhor escola para a criança carente no discurso da presidente da FUNABEM Marina Bandeira, proferido no dia 27/6/1989 durante o Seminário Nacional sobre Educação e Trabalho, promovido pela FUNABEM em Brasília. Este discurso foi inserido nos anais da Câmara no dia 13/7/1989:

Sabe-se que a população brasileira conta com um número altíssimo de jovens entre 12 e 18 anos, que na sua maioria são considerados em situação de carência e, por consequência, representando um risco social sério para eles e, porque não dizer: uma ameaça potencial para o futuro da sociedade.

*Neste Seminário sobre Educação e Trabalho quer-se refletir, buscar caminhos que permitam pelo menos, minorar a situação sofrida pelas nossas crianças e adolescentes, tendo-se em mente o binômio Educação e Trabalho.*⁷⁴

O discurso da presidente da FUNABEM, Marina Bandeira, reafirma a construção da imagem da criança e adolescente pobre, sem exercer algum tipo de

⁷³ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

trabalho, como um perigo social, uma “*ameaça potencial para o futuro da sociedade*”. Sob o aparente protecionismo e preocupação em relação à vida das crianças e adolescentes pobres, este discurso enaltecedor do trabalho significou na realidade a forma encontrada pelo sistema institucional para garantir a mão-de-obra barata, no intuito de manter a funcionalidade da instituição, além de possibilitar sua auto-suficiência. Esse discurso visava o afastamento de crianças pobres e indesejáveis do espaço das ruas, para transformá-las por meio do uso de sua força de trabalho.

O diálogo com Marco Antônio Cabral dos Santos foi enriquecedor para a compreensão das relações de trabalho vivenciadas por muitas crianças brasileiras cotidianamente em instituições políticas no século XX. Este autor trabalha com o conceito de “*pedagogia do trabalho*”⁷⁴ em suas reflexões sobre a infância carente em instituições públicas na cidade de São Paulo, na virada do século XIX para o XX. Afirma que o discurso da “recuperação” de muitos menores fundamentava-se nesse momento histórico, na disciplina de instituições de caráter industrial que tinham a “*pedagogia do trabalho coato*” como principal recurso.

Na FUNABEM de Viçosa, percebo que a “*pedagogia do trabalho*”, isto é, a educação por meio do aprendizado de ofícios industriais ou nas áreas agrícolas, era o instrumento utilizado com o objetivo de apaziguar a tensão das práticas sociais e, ao mesmo tempo, constituía-se em forma de exploração legal da mão-de-obra infantil.

Nas narrativas há constantes referências às relações de trabalho vividas. Os narradores apresentam em suas falas um trabalho que se fazia intenso, cansativo e perigoso – uma vez que as crianças lidavam com instrumentos de trabalho que colocavam em risco sua integridade física.

O senhor Milton, que exerceu suas funções na área administrativa e contábil a partir do ano de 1979 e atualmente é funcionário do CENTEV na Universidade Federal de Viçosa, quando indagado sobre seu trabalho, o dia-a-dia na instituição e a convivência com os internos, enfatiza em suas memórias o “*risco de vida*” que os meninos corriam durante o contato com seus utensílios de trabalho – enxadas, foices, serras.

Em sua narrativa, destaca que era comum a superlotação da enfermaria da FUNABEM de Viçosa, devido ao grande número de alunos mutilados durante o

⁷⁴ FUNABEM *Destaque Especial* – 13/07/1989. (Acervo Documental do CENTEV/UFV).

⁷⁵ SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. “Criança e criminalidade no início do século”. In: DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.p.216.

desenvolvimento de suas funções, principalmente os que trabalhavam no campo. A enfermaria é apresentada em suas falas “*sempre cheia*” de meninos machucados não intencionalmente – durante o trabalho, e intencionalmente – por alguns funcionários e diretores que excediam nos tradicionais “tabefes”:

*Eu lembro do Sr. Claudenir, machucava menino, chegava a menino pedia pelo amor de Deus... Chegava a machucar mesmo, ficava estirado no chão lá e levava pra enfermaria... era um período violento...A enfermaria ficava sempre cheia porque os menino... porque eles trabalhava, as vezes eles trabalhava com enxada, é... foice...era... até corriam risco de vida também né?... Meio complicado.*⁷⁶

Por mais que haja nas narrativas evidências da presença de alunos que gostavam do trabalho que desenvolviam, e mesmo do sentimento de honra expresso pelo senhor Mário quando rememora as vivências de práticas de trabalho no campo, que lhes permitiam realizar desejos de consumo durante os passeios em Viçosa nos fins de semana, não é possível florir e idealizar uma outra face das relações de trabalho apontadas pelas fontes. Uma face em que é possível perceber a exploração do trabalho infantil, a educação por meio dos princípios rígidos da disciplina do trabalho, de privações dos gestos adequados à infância e do direito de ser simplesmente criança, pois durante as atividades os meninos deveriam se comportar como adultos, e muitos deles “*valia mais do que um homem pra trabalhar, principalmente no campo, com os animais.*”⁷⁷

Durante a pesquisa no acervo do jornal Folha da Mata e do fotógrafo viçosense Tony Mello, que era fotógrafo oficial desse jornal, encontrei fotografias que evidenciam diversas atividades e ofícios desenvolvidos, que constituíam os modos de trabalho e de vida dos internos.

Dentre os inúmeros documentos imagéticos, selecionei aqueles que considero mais capazes de apontar o caráter rígido das relações de trabalho. As fotografias a seguir evidenciam que, longe de serem “menores infratores”, os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa eram “menores agricultores”, “menores mecânicos”,

⁷⁶ Entrevista realizada com o senhor Milton Lopes Duarte, ex-funcionário da FUNABEM de Viçosa. Foi admitido no ano de 1979 e no momento da extinção da FUNABEM foi remanejado para a Universidade Federal de Viçosa, onde exerce suas funções no CENTEV/UFV. (Acervo particular da autora).

⁷⁷ Entrevista realizada com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas, 46 anos, que trabalhou na instituição como secretária, orientadora e também professora. Foi admitida na FUNABEM em 1979,

“menores marceneiros”, “menores pintores”, “menores sapatareiros”, “menores alfaiates” e “menores artesãos”.



**Foto: “Menores Suinocultores”. Pocilga da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.**



**Foto: “Menores Bovinocultores”. Curral da FUNABEM de Viçosa(EAAB), 1979.
Arq. Pesquisa: Tony Mello.**



**Foto: “Menores Mecânicos”. Conserto do ônibus da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.**



**Foto: “Menores Marceneiros”. Marcenaria da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.**



**Foto: “Menores Pintores”. Reforma da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.**



Foto: “Menores Sapateiros”. Sapataria da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1979.
Arq. Pesquisa: Tony Mello.



Foto: “Menor Alfaiate”. Alfaiataria da FUNABEM de Viçosa (EAAB), 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.



**Foto: “Menores Artesãos”. Artesanato de cerâmica, barro, palha, 1981.
Arq. Pesquisa: Jornal Folha da Mata.**

Interpretando os documentos imagéticos apresentados, acredito que estes podem reafirmar o que foi dito pelo ex-interno, senhor Mário: “o bicho realmente pegava” durante o desenvolvimento do trabalho. Ao mesmo tempo, em suas narrativas emergem outro sentido para as fotografias: a importância que atribuíam às funções que exerciam.

É importante ressaltar que as fotografias supracitadas foram construídas a partir da crença generalizada no cenário nacional pós-64, de que a simples militarização e disciplinarização em todas as esferas da sociedade levaria ao progresso do país. Se pensarmos na relação do *Folha da Mata* e do seu fotógrafo com a difusão da memória institucional, podemos compreender melhor o significado das imagens e de sua seleção para a publicação no Jornal.

As fotografias também nos sugerem a possibilidade de pensar na questão da “militarização do corpo” trabalhada por Alcir Lenharo.⁷⁸ O autor nos remete à idéia implícita no projeto do governo Vargas de militarização do corpo por meio do trabalho. O projeto de *militarização psicológica*⁷⁹ configurava-se como uma estratégia que visava

⁷⁸ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. SP: Papyrus, 1986.

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.86.

converter os trabalhadores em soldados à serviço da pátria. Na perspectiva do projeto *a ação pedagógica do trabalho é a garantia da perfeição moral do ser humano*.⁸⁰ As evidências nos sugerem pensar que a FUNABEM também via o trabalho em sua positividade, em sua dimensão “humanizante” e “regeneradora”.

Nas narrativas dos funcionários, percebo que era comum a prática destes de incorporar e repetir o discurso institucional do trabalho como a melhor forma de preparar os “menores” para a vida adulta. Na perspectiva do discurso institucional reafirmado na narrativa de alguns funcionários, o trabalho era apresentado como o remédio capaz de “curar” os meninos que eram vistos como “perigosos marginais”.

Nessa direção, o discurso da “regeneração” por meio do combate ao ócio e do ensino profissionalizante era a diretriz mais rentável da FUNABEM de Viçosa para evitar a “rebeldia” dos internos, conforme rememora o senhor Sidney, 59 anos, que foi admitido na instituição em 1973 para exercer a função de “monitor, inspetor de turma”. Ele trabalhava, na data da realização da entrevista, no CENTEV/UFV; posteriormente, conseguiu se aposentar.

G: ...gostaria que o senhor nos contasse sobre suas lembranças sobre seu trabalho na FUNABEM de Viçosa, o dia-a-dia com os internos e as relações do senhor e demais funcionários da instituição com os “menores”...

S: Eu ficava nos alojamentos maiores porque eu tinha tamanho, porque eu era corajoso e sou corajoso até hoje. Então, eu ia tomar conta dos maiores alojamentos e o chefe de disciplina, de turma, não abria mão. Sempre eu sabia que ia pra lá....do meu jeito eu colocava ordem sim. Eu trabalhava no primeiro alojamento a noite. Mas tinha também o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto alojamento, esse era pouco usado né. Então cada inspetor tomava conta de um dormitório...ficava circulando né, sem parar... Se parar, você parou aqui, atrás daquela cadeira ali já tem um preparando alguma coisa ali, fumando ou... Eles tendo tempo pra ficar a toa, eles ficavam maquinando o que eles iam preparar pra bagunçar mais tarde... é aquela história se pode se dizer: a cabeça vazia é a oficina do diabo.⁸¹

Sob o pano de fundo do ditado popular: “mente vazia, oficina do diabo”, a memória histórica legitimada pelo discurso institucional encontrava a justificativa mais plausível para a exploração legal do trabalho infantil.

⁸⁰ LENHARO, Alcir. op cit, p.87.

⁸¹ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

A narrativa de outro funcionário que também exerceu a função de “monitor de alunos” e “chefe de disciplina”, o senhor J.A.S., que não quis ser identificado por motivos que explicitarei no decorrer deste capítulo, também converge para o discurso enaltecedor do trabalho. O narrador, quando interrogado sobre as funções que exercia na instituição, a convivência com os internos e demais funcionários, reafirma a idéia de que criança pobre sem trabalho é sinônimo de criança delinquente:

E, outra, não podia ficar parado, porque se eles ficassem parado sem uma atividade física, eles iam só pensar maldade...eles tinham um raciocínio fora de sério, e na cabeça deles só aparecia maldade, só aparecia maldade. Era pensar em fuga é... não conseguiam estudar direito, então eles tinha aquele tempo lá no setor agrícola, ao ar livre, liberdade deles total, para que quando eles viessem pra dentro do pátio, teria que fechar, aí não poderia, não tinha como deixar eles livre. Também tinha as oficinas de palha, cerâmica, artesanato, na fabricação de vassouras, pra ter uma ocupação na mente deles né.⁸²

Dessa forma, o narrador, sempre identificando a mente dos meninos a “mentes diabólicas”, preconizava a urgente necessidade de ocupar o tempo destes com trabalho ao ar livre para combater a “*maldade*” que rodeava os seus pensamentos. Assim, o trabalho nas oficinas industriais ou no setor agrícola, realizado ao ar livre, é apresentado ora como o remédio capaz de tornar “mentes diabólicas” em “mentes sadias”, ora como momento de “*liberdade total*” das crianças.

Parece haver na interpretação do senhor J.A.S sobre as relações de trabalho vivenciadas na FUNABEM de Viçosa, além da postura de reafirmar o discurso institucional e a tônica do trabalho como a melhor escola para a infância pobre, a intenção em romancizar e florir um aspecto dessa realidade passada.

O senhor J.A.S idealiza o “trabalho ao ar livre” como momento de “liberdade total das crianças”. Interpreta o ambiente de trabalho ao ar livre, o contato com o campo, com os animais, identificando-o ao estado de liberdade total. É possível que muitos meninos se sentissem de fato bem durante o trabalho no campo. Contudo, o senhor J.A.S deixa de evidenciar outros aspectos das relações de trabalho vividas utilizando-se da mão-de-obra infantil, nas quais os meninos, além do “ar livre”, também estavam em contato com enxadas, foices, roçando pasto, capinando, cuidando da

⁸² Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

enorme produção como se fossem homens feitos, num trabalho desgastante que reduzia as aspirações adequadas à idade a movimentos repetitivos e pesados.

Os propósitos da “*pedagogia do trabalho*”, reafirmados pelo senhor Sidney e pelo senhor J.A.S., se atrelavam a uma visão utilitária da força física e energias próprias da infância:

G: Como ocorriam os desligamentos dos alunos?

J: A gente levava para fazer o alistamento, eles iam no meio do ano né, se alistava, era o mesmo regulamento de hoje. Com 17 anos e meio, levavam eles lá em Quintino, lá no Rio de Janeiro, que é a sede né, a central. Levavam eles pra fazer o alistamento, eles faziam o alistamento, aqueles que eram sem defeito físico, era reaproveitado (grifo meu). Eles olhavam muito também o grau de escolaridade deles. Aqueles que tinha concluído como se dizia a quarta série primária né, então eles reaproveitavam (grifo meu). O porte físico deles também contava, fazia o teste, levavam, fazia o alistamento⁸³.

Em sua narrativa, o senhor J.A.S incorpora enfaticamente o discurso institucional e reafirma os objetivos da *pedagogia do trabalho*. Sua visão utilitária de “aproveitar” a capacidade produtiva dos meninos na instituição e, mais tarde, “reaproveitá-la” para o “bem-estar” dos interesses governamentais, como se fossem produtos consumíveis, era limitada pelas subjetividades individuais, vontades e expectativas de cada interno. Os senhores Cléber, Luis e Mário manifestaram autonomia em questões relativas aos caminhos que iriam percorrer no futuro, depois de desligados.

Outras vezes, é possível perceber que os objetivos utilitários do sistema institucional não eram conquistados com êxito. Embora os meninos não tivessem outra alternativa que não fosse ir para o trabalho, havia aqueles que resistiam às exigências de rigidez do comportamento, faziam “corpo mole”, não porque eram preguiçosos, conforme queria afirmar o discurso institucional, mas porque as atividades eram pesadas e exageradas para o pouco desenvolvimento físico.

O senhor Sidney, interrogado sobre sua rotina de trabalho na FUNABEM de Viçosa, aponta que embora pudessem existir aqueles que trabalhavam com prazer, não eram raros os que faziam “*corpo mole*”:

É, tinha o setor agropecuário, o menino plantava, capinava, colhia, pra vender no comércio e usar no refeitório. Lá mesmo no setor

⁸³ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

agropecuário tinha de tudo, criação de gado, de porco, galinha... e aquilo ali era pra manter a escola e vender...vender pro comércio local. Isto tudo era os meninos que fazia, e eles gostavam daquilo, eles faziam com prazer. Se tivesse um que fizesse corpo mole, é...tinha um funcionário que tinha aquela tarefa: “oh, cê tem que fazer isto daqui, se terminar, pode sentar na sombra ali e descansar um pouco”. Então eles faziam, o que tava de corpo mole tinha que servir aqueles que tavam mais bem à vontade de fazer e faziam.”⁸⁴

Ao trabalhar com as memórias desses sujeitos que foram trabalhadores da FUNABEM de Viçosa, percebi uma tendência por parte deles de difundir um outro tipo de visão preconceituosa. Além de reafirmarem o discurso institucional que apresentava a pobreza como sinônimo de delinquência, também expressaram um outro tipo de preconceito, que associa pobreza com preguiça. A senhora Fátima, ao rememorar as relações de trabalho que os meninos vivenciavam no dia-a-dia, evidencia este tipo de tratamento: *Ah, eles era preguiçoso, num queria trabalhar não, mas aprendiam a gostar.*⁸⁵

Por meio da análise dos prontuários, pude evidenciar uma contraposição a esta associação pejorativa – pobreza=preguiça. Percebi que os meninos não resistiam ao trabalho por preguiça, mas por outros motivos, como, por exemplo, o desgaste físico e as doenças advindas do excessivo esforço. Nas fichas de consultas médicas anexadas aos prontuários, percebi que era prática comum as reclamações e reivindicações dos meninos por atividades menos pesadas. Diante do contato com o médico, eram frequentes suas queixas de dores pelo corpo, em consequência de atividades intensas. O interno de número de matrícula 680, encaminhado ao setor médico, pode representar um grande número de alunos, que se opunham ao trabalho, principalmente no campo, por achá-lo pesado demais. O parecer do médico à assistente social evidencia tal situação: *Ao exame o paciente não apresenta anormalidades. Queixa-se de que o serviço no campo está pesado e que fica com dores na perna.*⁸⁶

As relações de trabalho infantil começaram a ser discutidas em fins da década de 1980, quando fervilhavam na dinâmica social discussões entre múltiplas visões que

⁸⁴ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

⁸⁵ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

⁸⁶ Parecer do médico anexado ao Prontuário do interno, nº de matrícula 680, em 22/9/1988. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

refletiam sobre os caminhos que se delineariam nas relações e tratamentos devidos em relação à infância.

As alterações e a regulamentação do trabalho infantil são frutos do momento histórico de redemocratização política no Brasil. O caminhar dos anos 80 para os anos 90 foi marcado por um movimento de luta para a promoção dos direitos da infância e adolescência, bem como por inúmeras reivindicações das mães trabalhadoras por creches, onde pudessem deixar seus filhos durante o dia. Esse momento também marcou a falência da FUNABEM, devido à descentralização das ações assistenciais e substituição do Código de Menores (1979) – legislação que regia a conduta infantil, formulada no período da ditadura militar, que tinha em vista os preceitos da Política Nacional do Bem-Estar do Menor.

Em Viçosa, em fins da década de 1980, ocorreu a municipalização do atendimento a crianças e adolescentes carentes, com a extinção da FUNABEM; em seu lugar, direcionado por uma nova legislação, foi instituído o CBIA.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que passou a regulamentar o trabalho infantil, surgiu em meio a esse processo social tenso, num cenário de embates políticos e sociais entre posições antagônicas e conflitantes sobre os modos como deveria ser tratada a problemática da infância e adolescência pobres, de modo específico, e a situação da infância, de modo geral.

De acordo com os dispositivos do ECA, ficou estabelecida a liberação e permissão para o trabalho apenas de adolescentes na faixa etária de 16 a 18 anos, com direitos trabalhistas garantidos, como, por exemplo, carteira profissional registrada regularmente.

Acredito que os dispositivos do ECA, que tratam de regulamentar o trabalho infantil e elevar as crianças e adolescentes, indistintamente, não dependendo das condições sociais, econômicas e raciais, à condição de sujeitos de direitos garantidos por lei, significaram relativo avanço em relação ao modo como se passou a conceber os cuidados devidos à infância.

No entanto, pensando nas questões sobre o trabalho infantil nos dias de hoje, percebo que entre as prerrogativas do ECA e a viabilidade para colocá-las em prática há um abismo, que me leva a compreender que criar idéias é muito mais fácil do que criar condições favoráveis de as praticarem.

No Brasil, é visível o descompasso entre as prerrogativas do ECA e as precárias condições econômicas, sociais e culturais de muitas crianças trabalhadoras brasileiras. De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) – conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2002 (PNAD), havia 3,1 milhões de crianças e adolescentes de 10 a 15 anos trabalhando. Na faixa dos 5 a 9 anos de idade, são 280.228 crianças. No país inteiro, em 16,5% das famílias com crianças há, pelo menos, uma que trabalha. Apesar de os dados estatísticos serem problemáticos, mostraram-se importantes para a visualização dos índices do trabalho infantil no Brasil, embora não possam ser tomados como verdades absolutas.

A realidade de extrema pobreza e ausência dos bens mais necessários para a sobrevivência conduzem-nas a se sujeitarem a todos os tipos de trabalhos, seja em ofícios industriais, seja exercendo atividades agrícolas, ou no trabalho informal nas ruas e praças das cidades, em busca de complementar a ínfima ou inexistente renda familiar.

Indigna-me ver a distância existente entre a generosidade das proposições do ECA e a realidade da infância no país. Os dispositivos que elevam a criança à condição de sujeitos de direitos já existem e vigoram há 16 anos, só lhes faltam condições na prática para usufruírem do direito de não trabalhar e estudar.

Irma Rizzini⁸⁷ me possibilitou compreender a situação deplorável em que vivem milhares de “pequenos trabalhadores no Brasil”, que produzem riquezas para os empregadores em condições desumanas. Diante das reflexões da autora em relação ao trabalho infantil em diversos lugares no país, ficou ainda mais evidente que, apesar das mudanças propostas pelo ECA ainda permanecem práticas de exploração do trabalho infantil:

*Os trabalhadores infantis, na maioria dos casos, são vítimas da miséria. O trabalho, quando é obstáculo ao pleno desenvolvimento da criança ou mesmo perigoso, é percebido como degradante, tanto pelos pequenos trabalhadores quanto por seus pais, mas necessário à manutenção do núcleo familiar[...] É comum o próprio adolescente tomar a iniciativa de trabalhar; no que é incentivado pela família. O trabalho juvenil não está livre de problemas: é a principal causa do afastamento da escola pelo jovem. Muitos alegam que não aprendem nada na escola e as longas jornadas os empurram para os cursos noturnos, quando estão cansados.*⁸⁸

O trabalho infantil é tido, portanto, como a principal causa que impossibilita crianças e adolescentes pobres a frequentarem regularmente os estudos. O diálogo com

⁸⁷ RIZZINI, Irma. “Pequenos Trabalhadores do Brasil”. In: DEL PRIORE, Mary. *op cit*.

⁸⁸ Idem, *ibidem*.p.386,388.

Irma Rizzini muito contribui para a compreensão das estreitas relações entre trabalho infantil e condições de pauperização:

*A criança que precisa trabalhar para comer, deixa a escola ou não consegue aprender. No nosso país, 40% das crianças até 14 anos vivem em famílias cuja renda média é de sessenta reais por pessoa. No Nordeste, a situação é mais crítica, pois 63% das famílias têm este rendimento.*⁸⁹

As questões trabalhadas por Aparecida Darc também contribuem para entendermos melhor os viveres e as experiências de crianças trabalhadoras no Brasil. Esta autora problematizou a infância e adolescência pobres e trabalhadoras a partir das experiências de meninos e meninas que viveram ou trabalharam nas ruas da cidade de Uberlândia entre os anos de 1985 e 1995. Para ela o baixo nível de escolarização e as condições de misérias desses meninos e de suas famílias são fatores que levam crianças e adolescentes pobres a buscarem na rua a viabilização de sua sobrevivência. A vida nas ruas representa uma luta diária para muitos meninos e meninas pobres que vendem balas, chicletes, frutas, engraxam sapatos e trabalham em diversos serviços.

*Durante a pesquisa, notei que a dinâmica de vida desses meninos que vivem e ou trabalham nas ruas não comporta uma vida escolar. Entre aqueles que ficam na rua vendendo produtos até altas horas da noite, as chances de concluírem seus estudos é muito pequena. A relação com a escola é de distância e estranheza.*⁹⁰

As constatações a que chegaram as autoras e suas reflexões sobre o trabalho infantil na atualidade aumentaram ainda mais minha convicção de que muitas das alterações previstas no ECA, ainda não foram postas em prática e permanecem apenas no papel. Muitos direitos previstos na legislação que rege a conduta infantil ainda não puderam ser usufruídos por diversas crianças e adolescentes pobres no nosso país.

Nas narrativas há uma percepção dos meus entrevistados quanto às mudanças propostas pela nova legislação que dispõe sobre a questão da infância e que entrava em vigor na década de 1990. Esses sujeitos se posicionam diante das mudanças. Eles demonstram ter a consciência de que a transição do Código de Menores para o ECA significou muito mais do que simples alterações de normas e preceitos legais. Compreendem que o processo de discussão que culminou na promulgação do ECA e

⁸⁹ RIZZINI, Irma. “Pequenos Trabalhadores do Brasil”. In: DEL PRIORE, Mary. *op cit.*p.404.

⁹⁰ SOUZA, Aparecida Darc. *op cit.*p.89.

falência da FUNABEM significou mudanças em relação ao tratamento e aos cuidados em relação à infância e adolescência.

Os sujeitos se posicionam politicamente em relação às novas maneiras de lidar com a infância trazidas pelo ECA. Os narradores vão construindo sua própria consciência da dinâmica desse processo, mencionando como eram as condições de trabalho e o cotidiano das crianças na instituição antes e depois da vigência do ECA. Eles buscam significar como o social que vivenciam se apresenta no presente e qual sua relação com o passado, adotando a postura de comparar o vivido e o que se vive.

O senhor J.A.S. constrói sua visão do dia-a-dia com as crianças na instituição sempre na perspectiva de enfatizar os elementos perdidos desse passado, elementos dissolvidos pela nova legislação que, na sua interpretação, eram mais eficazes para tornar mais amenas as relações de força entre funcionários e internos:

G: A partir de qual época a FUNABEM passou a atender “menores” de Viçosa e região, o senhor se lembra?

J: ... No ano de 90, 91, não...vão colocar 90, quando surgiu a lei do Estatuto do Menor e do Adolescente, que chegou uma lei dizendo: é proibido menor até 14 anos exercer qualquer função, qualquer trabalho... então quando surgiu essa lei, essa lei deles não poderem mais trabalhar, ah Gisélia... aí quer dizer eles ficavam ociosos dentro da escola porque não podiam mais fazer nada... A coisa do menor é o seguinte, tem um ditado que se diz: “cabeça vazia, oficina do diabo né”. Então eles durante o tempo que eles estavam ali no setor agrícola, é, na rouparia, na sapataria, no artesanato de palha, na carpintaria, na garagem, na horta, na pocilga, no estábulo, em todos os setores trabalhando, eles estavam evitando de praticar, quer dizer, a mente deles, o raciocínio deles, estaria quer dizer, estaria evitando de ficar pensando as coisas que levam hoje a acontecer o que tá acontecendo aí. Aonde que a própria, o próprio estatuto... o que acontece hoje, pra ser sincero com você, o que acontece hoje aí é o próprio estatuto que criou.⁹¹

No trabalho de produção e interpretação das narrativas, percebi que, assim como o senhor J.A.S., os demais narradores desta pesquisa rememoravam o passado vivido na instituição tomando por base a referência atual do funcionamento de instituições públicas de atendimento a crianças e adolescentes carentes, bem como a legislação que rege a conduta infantil (ECA).

⁹¹ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

Nessa direção, as diferentes versões construídas pelos meus entrevistados em relação aos acontecimentos vividos no passado, são marcadas pelo referencial que possuem da estrutura das FEBEMs do tempo presente.

Na passagem supracitada, o senhor J.A.S. expressa uma consciência de sua realidade, reelaborando expectativas e experiências passadas que sobrevaloriza, projetando sua imagem do presente. Reafirma a idéia do trabalho como a melhor escola para a criança carente e lamenta a proibição deste. Na concepção que tem de sua realidade presente, afirma que ausência do aprendizado e desenvolvimento de diversos trabalhos no cotidiano institucional são o principal motivo que marca na atualidade as relações de violência e insubordinação no cotidiano das crianças e adolescentes que vivem em instituições públicas.

As práticas vividas pelas crianças na FUNABEM de Viçosa no período anterior à vigência do ECA são reafirmadas no momento da entrevista, numa perspectiva de valorizar aspectos das vivências no passado, que, na consciência do narrador, as tornavam menos conflituosas do que as relações vividas no presente em outras instituições. O lamento do senhor J.A.S: *ah, Gisélia!* evidencia uma posição comum entre os sujeitos desta pesquisa de, por um lado, privilegiar as relações disciplinares e as condições de vida e de trabalho no passado e, por outro, a *pedagogia do trabalho* é justificada como necessária para evitar ações de resistência por parte das crianças e como melhor forma de obter atitudes disciplinadas.

Diante de um presente de relações hostis e violentas que perpassam as experiências e vivências de muitos internos em instituições públicas, há uma tendência por parte dos meus entrevistados em idealizar as relações vividas no passado na FUNABEM de Viçosa. Assim, durante as entrevistas, frequentemente os narradores – em especial, os funcionários – olhavam para trás e suspiravam, não sei se com ou sem razão, dizendo que aqueles momentos compartilhados com os meninos da FUNABEM de Viçosa representavam bons tempos.

O senhor Sidney, outro ex-funcionário, também se posiciona politicamente diante das transformações no processo histórico de assistência à infância e adolescência pobres. Ao reelaborar a memória sobre o passado vivido na FUNABEM de Viçosa, culpa a nova legislação pelo fracasso nas relações e práticas vividas nas instituições atuais, sobrevalorizando aspectos das relações vividas no passado, que julga terem sido muito mais eficazes. No diálogo com o senhor Sidney sobre o trabalho que ele

desenvolvia juntamente com os internos, ele nos propõe refletir sobre as instituições de assistência à infância pobre dentro da relação passado/presente:

Se a disciplina hoje fosse igual a do passado, não tinha rebeliões não. Saía tudo é....tudo muito bem da escola, formava, ia ser doutor, engenheiro, aqueles troços né? Mas, fica muito a vontade... Hoje, a...a, o...o, a proteção ao menor é...é uma coisa muito diferente né? Eles tem muito direito e não têm deveres, isto é o que todo mundo pensa né. Eles tinham que ter o que? Direitos e deveres... eles tem direitos, mas cadê os deveres? A culpa é de quem?... dos nossos governantes, é do pessoal que comanda a nação que devia fazer a coisa direito... Cê tá aí trabalhando né? Então, este é o dever. Então o seu direito é respeitar todo mundo, procurar tratar todo mundo com educação. A disciplina naquela época era muito melhor do que hoje, os monitores tinham mais poder... no nosso caso aqui tinha até o cubículo.⁹²

O narrador parece reivindicar um maior poder dos monitores sobre as crianças, assim como era na sua época. Acredita que as rebeliões atuais nas instituições de assistência à infância carente e infratora, que constantemente são difundidas pelos diversos meios de comunicação, em especial pela TV, são decorrentes das mudanças que passaram a vigorar com a promulgação do ECA, em relação ao tratamento devido a essas crianças. Ele atribui o fracasso das práticas nas instituições atuais à ausência do dever, ao excesso de direitos atribuídos às crianças e à falta de poder sobre estas. Na sua concepção, a indisciplina e as desordens existentes nas instituições do século XXI são também frutos da desativação do cubículo – símbolo máximo das relações conflituosas entre os meninos da FUNABEM e os funcionários. O “cubículo” era o destino certo para os meninos rotulados “desordeiros”, “rebeldes”, “desobedientes” – o “mau menino”.

Ao trabalhar com as memórias dos ex-funcionários da FUNABEM de Viçosa, indagando sobre as suas vivências na instituição, percebi que estes elaboravam suas experiências sempre na perspectiva de conferir significados ao trabalho desenvolvido na instituição com os meninos. Suas falas evidenciam a forma como os adultos construíam o estereótipo da criança ideal – aquela ordeira, sem vícios, obediente, saudável e trabalhadora.

⁹² Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

Os “alunos bons”, como são denominados pelo senhor Sidney, receberiam um tratamento distinto dos “maus alunos”, especificando, portanto, uma diferenciação nas relações dos funcionários com os “meninos indisciplinados”:

*Tinham uns muito, muito bons, outros mais rebeldes, e aí aqueles alunos bons seriam tratados de uma maneira e, os rebeldes tinham um outro tipo de tratamento, porque se não fosse assim não tinha como segurar a escola.*⁹³

A voz de muitos ex-funcionários, que evidencia ou oculta aspectos da vida destes meninos no passado, estigmatiza a criança carente como “revoltada” ou “perigosa” e projeta as imagens do modelo da criança ideal.

O peso dos rótulos “rebelde” e “carioca” transformava as vítimas do excesso dos “tabefes” no cubículo em “vilões”. A construção do estigma configurava-se como a justificativa encontrada para tentar guiar as vidas dos meninos e impor limites às suas práticas, tendo em vista a ordem estabelecida. Entretanto, o senhor Sidney destaca as dificuldades em alcançar tais objetivos com pleno êxito, pois havia os “rebeldes”, aqueles que resistiam de várias formas, seja através das fugas, da desobediência, da recusa ao trabalho, das brigas com os funcionários e colegas, e que, portanto, não se encaixavam no estereótipo construído da criança ideal.

Acho importante ressaltar que as constantes tentativas de fuga foram as “infrações” mais cometidas e julgadas de maior gravidade, conforme os registros dos “Livros de Ocorrências”.

Nos registros dos Livros de Ocorrências e nas narrativas, há constantes evidências de fugas cinematográficas – às vezes a pé, de carona, de trem, dentro de malas de viagem, ou com bicicletas furtadas.

Interrogado diretamente sobre a questão das fugas, o senhor Milton Lopes Duarte, admitido na instituição em 1979 para exercer as funções de auxiliar de escritório, auxiliar de administração, assistente administrativo, no setor de compras, de vendas e no almoxarifado, aponta para o desejo de alguns internos de voltar para a terra natal, o Rio de Janeiro. Para o narrador, o desejo de retornar ao Rio de Janeiro e os maus tratos que recebiam constituíram os motivos principais que instigavam muitos meninos à fuga.

⁹³ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

Eles fugiam muito aqui, não sei se o Sidney falou com cê. Eles fugiam muito... a pé, e o monitor a qualquer hora da noite se comunicassem que tinha fugido, saía atrás procurando. Tinha uns que já tava...já tava chegando perto de Coimbra, em direção ao Rio de Janeiro, outros às vezes não sabia a direção certa que estava indo...então eles fugiam muito. Muitas vezes por mau trato também né, porque eles eram rebeldes, mas eles batiam muito também...isso revolta né.⁹⁴

Nos documentos há inúmeras evidências de que os meninos resistiam às tentativas de racionalização dos modos de vida e da transformação precoce em adultos, por meio do trabalho. A prática dos meninos sugeria outros valores próprios à condição de criança que se sobrepunham em muitas situações à condição de trabalhador. Suas aspirações e desejos nem sempre coincidiam com os ritmos de vida e de trabalho que se pretendia legitimar.

Dessa forma, as histórias sobre as fugas contadas tanto pelos narradores quanto pelos documentos produzidos pela instituição, como prática constante dos meninos, podem significar a luta destes por algo que consideravam um direito – o direito de ser simplesmente criança, sem ter que cumprir horários de trabalho como se fossem adultos. Além disso, as saudades dos familiares e amigos os conduziam a tais atos.

Nesses momentos os meninos afirmam-se como sujeitos, agindo conforme a compreensão que tinham das relações vivenciadas. Assim, suas vontades e aspirações sobrepunham-se a qualquer tipo de pressão do modelo institucional de conduta que tinha por fim direcionar seus comportamentos.

As relações entre funcionários e os meninos rotulados “rebeldes” e “maus alunos” eram em grande parte conflituosas. As correções pelos “*tabefes*” e no “*cubículo*” eram práticas comuns e socialmente aceitas naquela época.

G: ...como o senhor desenvolvia suas funções, como lidava com os “menores”?

S: ...Porque se você deixasse a vontade, eles aprontavam mesmo, aprontavam muito. Então nós tínhamos um chefe de disciplina, já morreu, o senhor Bené ele nos dava um apoio. O chefe de disciplina dava apoio à monitoria. Ele era responsável por tudo aquilo ali. Então se você tivesse problema com o menino, de fugir, de brigar, bater nos colegas, responder professor, essas coisa assim, ia lá, falava com ele, ele saía, chamava o menino, conversava com o menino, depois chamava o monitor, conversava os três ali, acertava tudo, ficava tudo numa boa. Agora, se fosse um caso mais grave, ele ia para o cubículo e

⁹⁴ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com o senhor Milton Lopes Duarte. (Acervo particular da autora).

se ele tivesse...tivesse muito bravo, ele ia levar uns tabefes, ia apanhar, ia apanhar mesmo, num tinha que ver. E eu te digo uma coisa, se você sabe... se hoje a disciplina fosse igual a do passado, essas FEBEM's do Rio e de São Paulo não tinham essas rebeliões não. Porque teria que ser o seguinte: o menor fosse encaminhado para a Febem, já ia com os familiares e ali seria feito uma reunião ali, com o pai, com a mãe, com a presença do menor... e falar: a nossa linha aqui é assim...explicar pra eles que se ele errar e precisar, ele vai, vai....vai levar uns tabefes.⁹⁵

Nesta passagem, mais uma vez, o senhor Sidney se posiciona politicamente frente às transformações no processo histórico em relação aos cuidados devidos à infância, estabelecendo a relação entre passado e presente. A boa educação, para o senhor Sidney, implica, se necessário for, castigos físicos e os tradicionais “*tabefes*”. Ele reivindica, além da educação pelo e para o trabalho, a continuidade de um tipo de correção aceita socialmente no passado – a correção por meio dos *tabefes* ou no cubículo. Estas eram práticas aceitas na época em que o senhor Sidney exercia suas funções como monitor de alunos, que julga terem sido capazes de conter os “*maus alunos*”. Ele lamenta a ausência destas práticas no ECA e responsabiliza a nova legislação pelo fracasso atual do cotidiano das crianças em instituições públicas.

Antigamente a polícia batia em vagabundo, hoje não bate mais. Se bate, bate escondido pra lá, ninguém sabe. Mas naquele tempo, se houvesse necessidade de bater ele ia apanhar sim. Ele já...já sabia que ia apanhar... Igual eu faço lá em casa, eu tenho dois filhos, um casal, faço, faço, num faço, num faço, se precisar de uns tabefes vai levar. Então a coisa é assim.⁹⁶

Nesta passagem fica ainda mais evidente que o narrador reafirma o discurso discriminador e preconceituoso, no qual a imagem da criança pobre é associada a “*vagabundo*”, marginal. Ao mesmo tempo, justifica com argumentos paternalistas um comportamento aceito socialmente no passado. Ele adota a postura de comparar as relações e práticas vividas com os meninos na FUNABEM de Viçosa às relações familiares que vivia com os filhos em sua casa. Assim, justifica suas atitudes no passado, de “dar uns tabefes nos meninos da FUNABEM de Viçosa se houvesse necessidade”, assim como faz com seus dois filhos em casa. A correção por meio dos castigos físicos é, na concepção desse narrador, uma forma de amor. Ele corrige os

⁹⁵ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

⁹⁶ Idem.

filhos por amá-los, e este é o argumento que encontra no presente para justificar o tratamento que dispensava aos meninos que viviam sob seus cuidados.

As conversas com o senhor Sidney a respeito da sua rotina de trabalho na instituição, são bastante representativas de um aspecto das relações sociais vivenciadas - o aspecto paternalista, que é também enfatizado por outros narradores. Ao se referir à mudança de diretores na FUNABEM de Viçosa, ele os compara a “pais” e “mães”, ressaltando a visão paternalista que está presente em muitas narrativas. Ele se mostra mais favorável ao período do diretor Gilson, por acreditar que este, no exercício de sua profissão, se identificava mais com o estilo de um “pai de família”. O narrador trata de diferenciar o papel mais amável da mãe, do mais rigoroso e austero, sem deixar contudo de ser amável – o papel do pai. Ao aproximar a atuação do Sérgio Godine com a postura mais amena, como a da mãe diante do filho, afirma que as inúmeras resistências existentes na época do Sérgio Godine como diretor ocorriam em virtude do tratamento de “mãe” que dispensava a meninos que, em “casos graves”, não podiam ser tratados assim. Por esse motivo, ele identifica a época do Sérgio com um período de maior agitação e resistência.

O Sérgio era muito bacana, duma educação que cê tinha que ver. Ele era formado em...que tipo de educação que ele formou hein? Ah, ele era formado tipo professor sabe, pedagogo...um troço assim. Então era assim e naquela época, a disciplina não podia ter esse tipo de diretor. Aí a meninada começava a bagunçar... Tinha que ser um diretor linha dura, igual chegou depois dele o Gilson e o Antônio Luiz...chegou e chegou pra valer mesmo! Num instantinho a disciplina mudou. O inspetor levantava a cabeça e começava a trabalhar com mais vontade, com mais entusiasmo... E foi uma maravilha! Papai e Mamãe... Sérgio era a mamãe, Gilson era o papai. Papai...pá! (o narrador bate as mãos e faz esse barulho)né? Mamãe passa a mão... papai chega junto, pega e pega pra valer...então era desse jeito.⁹⁷

Nesses momentos em que os narradores comparam as experiências compartilhadas com os meninos na FUNABEM de Viçosa às relações familiares, a entrevista deixa de ser vivida apenas como conflito para ser lembrada com saudosismo, para ser revivida na memória em sua dimensão mais sentimental, expressando um outro aspecto das vivências que ultrapassava os momentos tensos no

⁹⁷ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

“cubículo”. As relações entre internos e funcionários são evidenciadas nas narrativas envolvidas por sentimentos de amizade e cumplicidade.

A situação de extrema carência e pobreza que levava os meninos a viverem na FUNABEM parece ter tocado alguns funcionários, que, durante o convívio diário, passavam a se sentir responsáveis e sensibilizados com o estado de privações vivido por muitos desses meninos no passado.

G: ...sobre a convivência....

J: O negócio deles, eles era muito carente, carência, era carência mesmo porque vivam longe dos pais, longe das suas casas no Rio, então quem era o pai deles, a mãe deles quando estavam longe de seus familiares, eram nós. Então tinha aqueles funcionários que eles sentiam aquela confiança de expor os problemas deles. E eu era um deles. Um grupo de alunos quando eles sentiam aquela confiança na sua pessoa, então eles ficavam contando a vida deles pra você. Aquilo ali porque sentiam um carinho por você e ficavam em volta de você, aquele grupo ali, conversando, contando história, contando o que eles faziam, o que os pais faziam, é...contando a vida deles em si.⁹⁸

Nesta passagem, o senhor J.A.S, ex-monitor de alunos, evidencia que a cumplicidade, a confiança e o carinho parecem ter perpassado o cotidiano complexo e múltiplo de relações, subjetividades, aspirações, sentimentos e desejos. Motivados pelo sentimento de compaixão, era comum a atitude de muitos funcionários levarem alguns internos para almoçar em suas casas nos finais de semana. O convívio entre internos e funcionários ultrapassava o espaço institucional. Além disso, os laços de amizade entre internos e funcionários parece ter sido solidificado por meio do “apadrinhamento”. Muitos são os registros de batizados de internos feitos pelos funcionários, apontando que esta era uma prática comum na época.

As fontes também nos sugerem pensar numa maior identificação dos meninos com a figura feminina do que com a masculina. Os ex-internos sempre destacam em suas falas o carinho pelas professoras, e estas reafirmam as relações afetuosas que os envolviam. Parece ter havido um esforço por parte das professoras no sentido de amenizar e tornar menos dolorosa a falta que os meninos demonstravam sentir de suas famílias, que, por diversos motivos, os quais apresentarei no segundo capítulo, abriam mão do convívio com seus pequeninos ao enviarem-nos à FUNABEM.

⁹⁸ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

A senhora Vera, indagada sobre a convivência diária com os meninos, evidencia que as mulheres que exerciam suas funções na instituição parecem ter mantido estreitos laços de união com os meninos, muitos até seus “afilhados de batismo”.

Os alunos sentiam muito falta da família, da mãe, das irmãs, eles se apegavam muito a gente por isso. Nós os professores, não tínhamos muitos problemas com eles, dificilmente tínhamos problemas com alguns deles. Nós nos tornávamos confidentes deles, eram muito amigos, nós que escrevíamos cartas, ajudávamos a escrever cartas pras famílias. A maioria sentia muita falta da família... A Dirce, a Maria Inês, todos foram professores, e elas tinham um carinho especial com eles. A relação com os professores era muito boa, com a mulher de um modo geral. A Maria Inês já aposentou, ela era responsável pela rouparia, eles tinham um carinho especial por Maria Inês, Maria Inês era confidente deles. Tinha o pessoal da lavanderia, as mulheres da lavanderia, funcionárias também, eles tinham um carinho especial com as mulheres. Já com os homens eles tinham uma relação difícil com a maioria justamente por causa da disciplina rígida. Mas, já com os instrutores de oficina e o pessoal do campo, eles tinham um afeto especial, um carinho especial com eles. Nós chegamos a ponto de batizar muito aluno, quando a gente descobria que eles queriam ser batizados.⁹⁹

Esta passagem, correlacionada às narrativas do senhor Cléber, do senhor Mário e senhor Luis, me sugeriram pensar que o ato de batizá-los era feito tendo em vista a escolha dos meninos tanto em serem batizados quanto em definirem, dentre os funcionários, quais queriam como padrinhos. O apadrinhamento norteava as relações sociais entre internos e funcionários, bem como solidificava os laços de amizade que os mantêm vinculados até os dias atuais.

Olha, tem uns que me liga até hoje, eu acho que ele deve ter uns quarenta e tantos anos já...ele tinha paralisia infantil, chama Paulo Roberto do Nascimento, não posso esquecer dele, ele me liga até hoje, todo ano, no meu aniversário e no Natal, todo ano. Ele voltou pro Rio, a FUNABEM conseguiu um emprego pra ele no banco por causa da deficiência né, ele é um menino muito bom, ele teve muitos anos em banco no Rio, depois foi mandado embora, mas ele passou pra empresa de ônibus, ele continua trabalhando e, ele me ligou há três meses.¹⁰⁰

⁹⁹ Entrevista realizada no dia 11 de agosto de 2005, com a senhora Vera Saraiva, admitida na FUNABEM em fins da década de 1970, na época do funcionamento da instituição trabalhou como professora e coordenadora pedagógica. Atualmente é vereadora na cidade de Viçosa/MG. (Acervo particular da autora).

¹⁰⁰ Idem.

Mesmo depois de longos anos, esses sujeitos continuam a manter suas relações, seus vínculos. No Salão do Balbino, por exemplo, local de trabalho do senhor Cléber, muitos dos que foram funcionários e internos se encontram e frequentemente rememoram com saudades os velhos tempos.

G: ...você sente saudades?

C: Meus colegas que hoje vem aqui, muitos que tão fora né, que a gente senta pra cortar cabelo, faz uma barba também, até os próprios funcionários vem hoje aqui cortar cabelo comigo né, tem Zé Miguel, também que dava educação física na escola. Tem vez que eles vem cortar cabelo comigo aqui e a gente faz aquela recordação né, sobre futebol, sobre alguns aluno, sobre como alguns aluno era né, aquela mania que algum aluno tinha e a gente cai na risada aqui. Então a gente sente uma certa falta sim porque é uma coisa que a gente também participou né, teve sim aquele dia-a-dia, aquela convivência ali, então não tem como esquecer né.¹⁰¹

Nestas duas passagens pude evidenciar que laços de amizade uniam esses sujeitos a ponto de se sentirem em família. Embora muitos tenham seguido caminhos diversos, sempre que têm oportunidade, restabelecem tais relações.

Embora as fontes evidenciem os laços de amizade que uniam internos e funcionários, acho importante ressaltar que tais laços eram sobretudo “laços de autoridade”. Os laços de amizade e sentimentos de cumplicidade esbarravam em práticas autoritárias e no “cubículo”, evidenciado de maneira enfática na narrativa dos ex-internos e de alguns funcionários e silenciado nas narrativas de outros.

Embora os ex-internos evidenciem elementos do cotidiano que possibilitavam a constante busca por sobreviver e superar a situação de pobreza, suas lembranças também recolocam práticas vivenciadas no cubículo, por exemplo, que permanecem ocultadas pela memória hegemônica.

G: Gostaria que o senhor me contasse de suas lembranças, vivências e experiências como interno da FUNABEM de Viçosa...como era o seu dia-a-dia?

M: Eu nunca achei a escola ruim não...fiquei 4 ano de... de aluno lá. Cheguei em 76, vim do Rio pra cá e fiquei 4 ano lá. Desses 4 ano eu, graças a Deus, num achei nada ruim não...só nuns, nuns tempo ruim, na época... dos tempo do carioca...alguns tempo ruim, o bicho pegava lá mesmo. Antigamente, batia mesmo, o bicho lá pegava e os aluno apanhava demais na época lá uai... Porque gente bravo, os menino vinha do Rio pra cá uai...nunca nem apanhei, era um bom aluno,

¹⁰¹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

graças a Deus...até hoje...aluno não né, até hoje. Inclusive lá os aluno lá quando brigava sabe que eles fazia? Pegava uma luva de boxe e botava pra brigar dentro lá no meio da quadra, no meio dos aluno pra ver, depois daí ia lá pro cubículo, ai apanhava de, de borracha...é de vez em quando era... vou falar com todo o respeito...com piru de boi...Porque o bicho... é apanhava demais lá na época..., é de borracha, era cano de borracha, mangueira...de mangueira, de piru de boi...secava o piru e de porco também pra fazer chicote. Lá inclusive o pessoal que trabalhava no campo, era chicote também, porque na época podia bater mesmo.¹⁰²

Nesta passagem da narrativa do senhor Mário podemos perceber os limites dos laços de cumplicidade e amizade que perpassavam as relações. Embora destaque em sua narrativa que gostava de viver na FUNABEM e elenque uma série de elementos e aspectos dessas vivências que lhes são significativos e valorizados, como a oportunidade de alimentar, de realizar sonhos de consumo, do bom relacionamento que mantinha com os funcionários, em especial com as professoras, a quem chama de “bondosas”, não se exime de apontar a tensão de práticas cotidianas, que não eram tão amenas como são apresentadas pela visão paternalista. Ele não oculta o fato de que os colegas que não tinham bons comportamentos como o seu – e que portanto, não se encaixavam no estereótipo da criança ideal – teriam no cubículo, nos chicotes feitos de “piru de boi e de porco”, o tratamento que era dispensado aos intitulados “maus alunos”.

G: ...mas, para quem não era um bom aluno como você....

C: Ah... o cubículo era um, um colégio pequenininho, as parede toda espetada né...Aí o bicho pegava... aí apanhava mesmo, ficava dentro do cubículo...era um beco pequeno, uma porta e uma telinha pequena e uma porta só...mas, num dormia lá não, ficava só de dia só, depois ia liberado porque lá não tinha jeito de dormir, num tinha cama, nem nada...e as parede era aquela de cimento, toda picadinha assim oh, se você esbarrasse arranhava todinho, arranhava tudo uê lá.¹⁰³

Em suas narrativas, os ex-internos apresentam o caráter ambíguo das relações e práticas do cotidiano na FUNABEM, vivenciado como possibilidade de sobrevivência e de suprir carências materiais, mas também como vivências repletas de relações sociais conflituosas, agressivas e tensas. Foi no espaço institucional que o senhor Mário diz ter encontrado alternativas para superar o estado de privações em que vivia, porém foi

¹⁰² Entrevista realizada com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁰³ Idem.

nesse mesmo espaço que presenciou muitos problemas e arbitrariedades que perpassaram as relações.

A partir do contato com as memórias dos ex-internos e de alguns trabalhadores, é possível perceber que o ambiente de calma e relações afetuosas, reafirmado pela visão paternalista de alguns, apresentava limites expressos noutros relatos que apontam aspectos desses viveres ocultados pela documentação escrita e oral, trazendo à tona cenas mais austeras, negligenciadas por alguns narradores e pelos recortes de jornais da época, que divulgavam uma imagem muito positiva da FUNABEM.

As cenas do cubículo reconstruídas nas memórias dos narradores nos colocam a necessidade de problematizar a imagem construída pelo discurso institucional da FUNABEM, que buscava associá-la a hotel cinco estrelas. Além das estrelas, apontam para o fato de que lá também havia milhares de tempestades com trovões e muitos raios.

Os sujeitos – internos e funcionários – evidenciados nas narrativas aparecem imbuídos de sentimentos ambíguos, ora de enfrentamento, agressividade e autoridade, ora de cumplicidade, amizade e carinho.

A educação por meio dos tabefes e do cubículo, que também fazia parte da atuação dos funcionários na dinâmica social, deixa de ser evidenciada em muitas lembranças individuais que priorizam e focalizam apenas “os laços de amizade” e o “sentir-se em família”, numa perspectiva de identificar as vivências dos meninos no cotidiano institucional apenas com relações fraternais.

As versões que silenciam sobre os aspectos tensos e autoritários da dinâmica social vivida parecem reafirmar o discurso hegemônico do Estado, que buscava, por um lado, propagar relações igualitárias e familiares desse cotidiano e, por outro, ocultar o limite das relações, marcadas pela existência de uma diversidade de práticas que nem sempre condiziam com os propósitos de “bem-estar” do menor.

As fronteiras entre o que se pretende propagar e esconder sobre os viveres dos meninos no passado indicam a existência de um enorme abismo entre as relações reais vivenciadas e a elaboração destas. Enquanto há aqueles que nas suas construções colocam em evidência apenas o lado mais assustador do cotidiano dos meninos, outros, numa perspectiva mais idealizadora, mais romântica, exaltam em suas interpretações o lado mais cordial, mais ameno, numa constante tentativa de escamotear a tensão e arbitrariedade das relações, como se estas nunca tivessem existido, ou como se só tivesse existido no imaginário das pessoas.

É interessante notar que, em algumas narrativas, os esforços por ocultar o caráter tenso dos viveres na instituição são constituintes de elaborações que minimizam as relações cotidianas de força e enfrentamento. Nessa direção, o senhor J.A.S., em suas memórias, apresenta uma versão mais romanesca desses viveres e experiências. Buscou sobrevalorizar as relações de cumplicidade e amizade e, por meio da reafirmação enfática dos argumentos paternalistas, minimizava ou negava o caráter tenso e autoritário que também marcou as vivências de muitos meninos no cotidiano da FUNABEM de Viçosa. Na sua versão mais idealizadora, os embates entre as aspirações dos meninos e o modelo de racionalização de suas vidas se reveste de um clima sempre confortável e harmonioso. Esse narrador pinta de cor-de-rosa um cenário tenso evidenciado em outras narrativas.

Diante de interpretações tão diversas e contraditórias elaboradas pelos sujeitos desta pesquisa, tentei analisá-las em busca de clarear minhas próprias dúvidas sobre os modos de viver e de trabalhar dos meninos da FUNABEM de Viçosa e, num ato talvez de intromissão e invasão da dimensão emocional do meu entrevistado, o indaguei a respeito de um aspecto deste cotidiano não evidenciado em suas falas: “o cubículo”, já que outros narradores afirmavam que as relações estabelecidas neste “espaço conflituoso” existiram durante o mesmo período de trabalho do senhor J.A.S. Percebi que este senhor reelaborava o passado vivido e ocultava determinadas práticas tendo em vista a legislação que rege a conduta infantil e o significado atribuído à infância carente, do tempo presente.

Nessa direção, durante o tempo da entrevista, esse narrador nunca havia mencionado, por iniciativa própria, o cubículo e os limites das relações fraternais. Pareciam inquietantes e desconfortáveis para esse senhor as minhas questões. Assim, quando o indagava sobre aspectos das experiências no passado que ele preferia evitar, ele pedia para que eu desligasse o gravador, mudava de assunto, ou então construía versões mais românticas sobre tais aspectos.

Reafirmando a versão mais romanesca e idealizadora das vivências, o senhor J.A.S. revestiu de bons sentidos a existência do “cubículo”, o qual em suas elaborações, foi transformado em abstração, apresentado como fruto da imaginação dos internos, como “*gíria carioca*”.

G: Mas, quando o senhor trabalhava lá, na sua época de funcionário, já existia o cubículo né?

J: Tinha uma sala sim que não poderia se dizer, não se dizia cubículo, tinha aquele aluno muito agressivo, mas muito agressivo mesmo, então o único jeito era você colocar ele dentro daquela sala e dizer pra ele, agora você vai refletir o que você fez, quando você achar que você deve sair lá pra fora aí nós vamos retirar você daí... Aí ficava ali e assim que esfriava a cabeça aí ele pegava e explicava o porquê: “não porque eu tô com saudade da minha mãe... eu posso sair agora?” Agora você pode sair mas vai continuar no castigo por ter feito o que fez, você tentou fugir, muitas das vezes eles tentavam, aonde que a gente colocava eles nessa tal sala, que não é bem cubículo, esse cubículo quem inventou foi eles, mas lá era a sala de reflexão, o nome era sala de reflexão, o cubículo é eles que inventou, isso é uma gíria carioca.¹⁰⁴

O narrador, em suas elaborações, reafirma o discurso institucional e transforma as vítimas das agressões no cubículo em “vilões”. Fundamentado no discurso criminalizador, tenta justificar o injustificável – atribuiu aos meninos a culpa pelos maus tratos que recebiam: eram “agressivos”, eram “cariocas”, “rebeldes”, e, por isso, teriam no “cubículo” o tratamento necessário devido às “más condutas” contrárias aos valores e regras institucionais. Sofreriam no cubículo todo o peso desses estigmas.

Ao mesmo tempo, o senhor J.A.S., em suas elaborações, atribuiu outro significado mais cor-de-rosa ao “cubículo”. Converteu o quartinho pequeno, com uma porta, uma telinha e paredes de cimento grosso, cortantes, onde se colocavam em prática relações de autoridade por meio da “pedagogia do medo”, em “sala de reflexão”. Ele produziu um silêncio sobre as finalidades das paredes cortantes, nas quais muitos funcionários *esfregavam o interno até que pedissem pelo amor de Deus para que parassem*¹⁰⁵. Ao mesmo tempo, produziu silêncios sobre as formas pelas quais muitos funcionários levavam os meninos a “refletirem sobre seus atos”.

Outros narradores, como o senhor Mário, rememoram que, para “refletirem” seus colegas contavam com a “ajuda” de alguns monitores, que tinham nas “mangueiras de borracha” e nos chicotes feitos de “*piru de boi e de porco*”¹⁰⁶ seus melhores livros para o tempo que passavam na “sala de reflexão”.

Debruçando sobre as narrativas, pude perceber a existência de memórias em conflito. Os narradores disputavam o passado vivido na instituição de acordo com seus interesses, com valores que pretendiam legitimar e tomando por referência a legislação

¹⁰⁴ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S (Acervo particular da autora).

¹⁰⁵ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com o senhor Milton Lopes Duarte. (Acervo particular da autora).

¹⁰⁶ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

e o funcionamento das instituições públicas de assistência à infância carente dos dias de hoje. Assim, enquanto o momento da entrevista significou para o senhor J.A.S. a possibilidade de legitimar o discurso hegemônico da FUNABEM de Viçosa, que apresentava a instituição como um lugar exemplar de acolhimento à infância pobre, para os ex-internos e para o senhor Milton, o momento da entrevista significou a possibilidade de desabafar.

O senhor Milton, ao contrário da perspectiva do senhor J.A.S, não se exime de reconhecer e expressar os limites dos laços de amizade que rodeavam as relações entre internos e funcionários. Ele rememora com angústia os momentos de profunda tensão das relações e práticas vividas, sempre questionando os meios que eram utilizados pelos monitores, chefes de disciplinas e diretores para cumprir o fim de preparar os meninos para a vida adulta. É uma pena que não seja possível trazer à escrita deste trabalho toda a riqueza de gestos, expressões e olhares deste narrador, que expressa grande indignação em ter presenciado cenas fortes de práticas autoritárias sem que pudesse se posicionar. Para manter seu emprego, era preciso calar e ocultar sua indignação diante do destino certo dos alunos que tentavam fugir, resistiam e forjavam práticas desafiadoras do modelo de conduta estabelecido:

G: ...sobre o relacionamento, a convivência entre funcionários e alunos...

M: Inclusive eu até tive um bom relacionamento com todos eles, tanto é que eu tenho até um afilhado ainda do Rio de Janeiro, mas igual eu falei com cê eu trabalhava na contabilidade, eu trabalhei mais na contabilidade e não lidava muito com os meninos. No meio deles minha função era diferente. Agora monitor que tinha muitos problemas com eles né, tinha muitos atritos com eles né. E eles arranjavam muitas maneiras de fugir, pegava às vezes carona, a pessoa não conhecia e dava carona pra ir embora né...E bom, quando encontrado fossem, podia contar que eles ia pra enfermaria, porque eles apanhavam até desmontar mesmo...E eles tinha muita mania de dar cotovelada no aluno porque machuca internamente né...a pessoa não percebe...o que era pior. Tinha outros colegas lá, eu lembro que falava assim: “tá tudo ok né”? E dava aquela cotovelada com a maior força no peito do aluno. Eu achava aquilo a maior covardia, ma, não podia falar nada.¹⁰⁷

O medo de perder o emprego, ou ser advertido e suspenso pelos superiores hierárquicos, parece ter conduzido este narrador a produzir o silêncio sobre

¹⁰⁷ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com o senhor Milton Lopes Duarte. (Acervo particular da autora).

aspectos tensos e conflituosos que presenciou nas relações de enfrentamento entre internos e funcionários. Assim, o momento da entrevista constituiu-se numa possibilidade de superar o silêncio e verbalizar sentimentos e experiências que não haviam sido ditos anteriormente. Na consciência social expressa pelo senhor Milton há outras formas de educação que não aquela que havia sido utilizada pela FUNABEM – a educação por meio dos tabefes e do cubículo.

Embora muitos narradores, entre eles os ex-internos, não tenham ocultado de suas memórias o lado mais tenso e problemático das relações vividas, não associaram o seu cotidiano na instituição a uma história marcada apenas por crueldades e arbitrariedades. Não que estas não existissem, mas a história das crianças na FUNABEM de Viçosa não pode ser reduzida somente a cenas de crimes e barbáries, sob pena de se perder de vista a agência humana nesse processo.

Transmitindo suas consciências da realidade vivida, os narradores colocaram a necessidade de problematizar determinadas produções historiográficas, como a de E. Passetti, que significa o espaço institucional onde os meninos carentes forjavam alternativas de sobrevivência e promoviam mudanças, a “*espaço de confinamento*” e “*mortificação para pobres de todas as idades.*”¹⁰⁸ As narrativas evidenciam que identificar as vivências dos meninos no espaço institucional como espaço de mortificação e confinamento é reduzir e simplificar a complexidade das relações múltiplas entre internos e funcionários e ignorar a potencialidade de suas ações.

Não obstante essas relações, os ex-internos colocam em evidência, a partir de suas falas, como se fizeram sujeitos neste processo de tensões e aproximações.

Lutaram incansavelmente no intuito de destruir estereótipos negativos construídos pelo discurso institucional, que os apresentava para a sociedade como “perigosos marginais”, “baderneiros”, “mal nascidos”, “sem dignidade”. Era comum nos jornais da época e em especial no periódico da instituição – o *FUNABEM Boletim de Notícias* – a FUNABEM se apresentar de uma forma muito positiva, como a melhor opção para a infância pobre.

Dessa forma, à custa de uma imagem negativa construída sobre os internos e suas famílias, o discurso institucional apresentava a FUNABEM como instituição “reformatora”, “reeducadora”, como a melhor solução para estes “menores vistos como indignos”: *A FUNABEM está resgatando a dignidade de milhares de jovens mineiros*

¹⁰⁸ PASSETTI, Edson. “Crianças carentes e políticas públicas”. In: DEL PRIORE, Mary. *op cit*, p.373.

(Manchete de artigo do jornal Estado de Minas – Belo Horizonte/MG do dia 12 de abril de 1989, anexado ao “*FUNABEM Boletim de Notícias*”).¹⁰⁹

No entanto, ao debruçar-me sobre as entrevistas dos ex-internos, compreendi que as experiências vividas cotidianamente na instituição adquire significados diferentes para esses sujeitos, apesar de o motivo principal que os trouxe do Rio de Janeiro à FUNABEM ter sido semelhante: a pobreza.

Eles têm um passado comum: vinham do Rio para a FUNABEM de Viçosa marcados por uma vida de miséria, de sofrimentos, de estigmas pejorativos associados às suas identidades. Também pude perceber por meio de suas narrativas que, não só o passado de misérias e de carência do mínimo indispensável para a sobrevivência era semelhante, mas também seus sonhos eram parecidos.

Apesar do estado de privações materiais, culturais e sociais vivenciado com as famílias em seus locais de origem, esses sujeitos ainda cultivavam dentro de si sonhos e esperanças de um futuro renovado e mais promissor.

A trajetória de vida do senhor Luis Martins Carvalho, que viveu na FUNABEM entre os anos de 1974 e 1982, conhecido como “Baiano”, hoje com 42 anos de idade, funcionário público – trabalha no restaurante universitário da Universidade Federal de Viçosa, pode ser representativa do contingente enorme de meninos que vinham para a FUNABEM motivados pela crença de que seria possível encontrar ali possibilidades de uma vida melhor.

Agarrados em suas expectativas de ascensão social, abriam mão do convívio com seus familiares, seus amigos e com as belezas e praias do Rio de Janeiro ou de outras cidades do Brasil. Acho importante ressaltar que, embora a maior parte dos internos da FUNABEM de Viçosa fossem cariocas, os 150 prontuários lidos e analisados indicaram um menor número de alunos de outras partes do Brasil: um da Bahia, três de Brasília, quinze de São Paulo, cinco de Juiz de Fora, vinte e um de Viçosa e dois de Porto Firme/MG.

Almejando alcançar o direito de viver com dignidade numa sociedade que o excluía e o destituía de seus direitos de cidadania e motivado pelo sonho de continuar seus estudos em situações menos precárias, foi que o senhor Luís Baiano, com apenas nove anos de idade, decidiu vir da Bahia para o Rio de Janeiro com familiares dos

¹⁰⁹ *FUNABEM Boletim de Notícias*, nº 82, 10/05/89, Assessoria de Comunicação Social-MINTER- Ano VII. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

patrões de sua mãe, que era doméstica. Estes aproveitaram-se do sonho que Baiano e sua família tinham: de superar as condições de miséria vividas.

Com o pretexto de que iria trazê-lo para o Rio para lhe proporcionar melhores condições de estudo e de vida, esta família trouxe consigo o Luis Baiano, mas não para colocar em prática a proposta inicial que o convenceu a sair do seio de sua família e de seu ritmo de vida para incorporar outros.

A finalidade desta família era outra: de ter em casa um criado que fizesse os serviços domésticos compulsoriamente e de graça. Sob o pano de fundo da tutela e do amparo para estudá-lo, o que desejavam era ter legalizada uma forma de explorar o trabalho de Luis:

G: Senhor Luis, sou estudante de pós-graduação na Universidade Federal de Uberlândia, estou fazendo um trabalho sobre as vivências dos ex-internos da FUNABEM de Viçosa....gostaria que o senhor me contasse suas lembranças do tempo que o senhor foi pra lá, sobre como era viver lá, por quais motivos o senhor foi para Viçosa, como era a convivência com colegas, funcionários, com as pessoas na cidade de Viçosa, suas lembranças...

L: Bom, na verdade eu sou Baiano né. Eu vim pra cá com nove anos de idade pro Rio de Janeiro com uma família pra poder estudar né, esse aí foi o intuito que eles falaram pra mim né, que eu ia estudar. Aí, porque minha mãe trabalhava numa casa de família, então esses pessoal do Rio de Janeiro, bem controlado, então eles sentiram de pedir minha mãe pra poder deixar eu vim pro Rio com eles pra poder estudar né, pra poder ser alguma coisa na vida né, porque cê sabe que na Bahia lá é meio apertado... Aí eu aceitei né esse convite né e vim pro Rio de Janeiro. Então eu aceitei também porque muita dificuldade pra poder né a gente é, conseguir as coisas lá na Bahia. Mas, quando eu vim com a família no qual minha mãe trabalhava né pro Rio de Janeiro, ficando lá, é... a conversa não foi essa nada, a conversa não foi feita como eles conversaram com minha mãe e quando eu cheguei lá, fui lá pra trabalhar. Então eu praticamente eu trabalhei lá como um escravo né porque eu num pude estudar, eles não me botaram nem pra estudar e nem tampouco me dava liberdade também deu sair pra estudar também... isso é com a família que eu vim pro Rio, que eu vim da Bahia pro Rio...Aí foi uma causa que eu fiquei nessa casa e fugi porque também eles me espancavam muito né, aí eu tive que fugir. Aí neu fugindo eu fiquei um dia na rua, e no outro dia eu já tava dentro da Fundação lá em Quintino Bocaiúva, no Rio de Janeiro.¹¹⁰

A busca por melhores condições de vida, que motivou sua vinda para o Rio de Janeiro se chocou com a realidade na casa da família que o trouxe. Nessa circunstância, a rua, que para o mundo adulto burguês era vista como perigosa, significava para o

¹¹⁰ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, ex-interno da FUNABEM de Viçosa, conhecido como “Luis Baiano”. (Acervo particular da autora).

Baiano naquele momento a luta para não deixar se perder o seu sonho de estudar com mais dignidade e o fim dos castigos físicos que recebia por qualquer motivo:

Quando eu cheguei lá no Rio as coisas eram, foi ao contrário... de vez de eu estudar eles me botaram pra trabalhar né com nove anos de idade e aí eles começaram a me espancar... eu não podia fazer nada, tudo que eu fazia eles me batiam, era motivo de bater né... porque eu já apanhei igual eu tô falando com cê lá eu apanhava a toa, lá no Rio de Janeiro, se eu quebrava um copo era motivo de apanhar, se eu fizesse alguma coisa errado, era motivo de apanhar... Além de ter um outro lá, que era, desculpa eu te falar a cor, era branco, mas também era do tipo igual eu, esse tinha tudo, esse tinha televisão, tinha bicicleta, tinha o que ele falava eles comprava e no outro dia chegava. Agora eu, era só trabalho em cima, só trabalho em cima, todo dia eu tinha responsabilidade, limpar casa, limpar cozinha, lavar vasilha e tudo direitinho e mais nada.¹¹¹

Na passagem acima, Luis Baiano se refere a outro tipo de preconceito que sofria; além de ser visto pejorativamente devido à situação de pobreza e ter tido sua força de trabalho explorada por isso, também sentia o preconceito racial, por ser negro. A maioria dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa parece ter sofrido duplamente o preconceito pelo fato de serem pobres e, logo, associados como delinquentes, e o olhar pejorativo intensificava-se ainda mais pelo fato de serem negros. Dos cento e cinquenta prontuários analisados, cento e quatorze possuíam na capa uma foto do interno. Destas cento e quatorze fotografias no formato 3x4, noventa e oito eram de negros ou mulatos e as dezesseis restantes eram de meninos brancos. As fotografias evidenciam que a maior parte dos meninos que deram vida ao universo da FUNABEM de Viçosa eram negros.

O senhor Luis Baiano, com apenas nove anos de idade, já tinha consciência dos problemas e preconceitos sofridos e pensava em estratégias para superar a situação de pauperização intensa que vivia com a família na Bahia. Assim como muitos de seus colegas, tinha um grande sonho: estudar, se formar, trabalhar, constituir uma família e proporcionar aos seus pais uma vida melhor do que a vida dura que levavam. Seu convencimento em vir pro Rio de Janeiro e, depois que fugiu, para a FUNABEM, em Quintino Bocaiúva, aponta para a forma pela qual estava agindo naquele momento e a maneira que encontrou para enfrentar as situações precárias que vivenciava:

¹¹¹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, ex- interno da FUNABEM de Viçosa, conhecido como “Luis Baiano”. (Acervo particular da autora).

Igual eu tô falando com cê, eu vim com a esperança deu estudar, se formar e ajudar eles. Eu mesmo senti isso quando ela me falou: “meu filho oh, esses pessoal tá querendo que cê vai junto com eles pra estudar, se formar porque...” Pra falar a verdade pra você, eu já escrevi lá na Bahia até com esses papel de...de cimento né. Eu já escrevi até, eu já fui na aula até pra escrever com esses papel de cimento né. Então eu já sabia a dificuldade lá né, então eu logo aceitei, aceitei de cara, aceitei de primeira né e vim com meu coração aberto, só que foi tudo ao contrário. Mas, eu dou graças a Deus que igual eu falei com cê, eu fugi da casa da família no Rio e eu num cheguei a ficar o dia todo na rua. Então eu não dormi nenhum dia na rua né, nenhum dia, porque o Juizado de Menores me encaminhou pra esse lugar, pra Quintino, pra Quintino Bocaiúva. Ali eu fiquei né, fiquei na casa um que era pequeno né, depois fui pra casa três, da casa três fui pra Bem Posta no Estado do Rio de Janeiro, depois pra Saboya Lima do Estado do Rio de Janeiro, voltei e aí depois que eu vim pra Minas Gerais, pra Viçosa. Mas eu não cheguei a dormir na rua não, graças a Deus né.¹¹²

A grande importância da narrativa do Luis Baiano não se encontra na sua individualidade, mas foi de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa na medida em que me permitiu evidenciar a situação de milhares de crianças pobres que, assim como ele, tinham nos “papéis de cimento” e nos “papéis de pão” os cadernos para prosseguirem com muita precariedade seus estudos.

Embora tenham se passado muitas décadas, acredito que as vivências da infância de Luis Baiano podem ser representativas de muitos outros meninos que no tempo presente ainda vivenciam diversas dificuldades para estudar, para se alimentar e sobreviver. A história de vida da sua infância e adolescência na década de setenta do século passado, a sua experiência de ter sido uma criança pobre, é significativa para se pensar o que é ser criança pobre e trabalhadora na sociedade brasileira no passado e no presente.

Além disso, sua narrativa me permitiu perceber como os meninos, mesmo com pouca idade e desenvolvimento físico, iam se fazendo como sujeitos de sua própria história, adquirindo um certo sentido de autonomia, devido às iniciativas que tomavam mesmo em condições adversas. Depois de ter se recusado a se submeter às experiências vivenciadas cotidianamente na casa da família que o trouxe da Bahia para o Rio, tomou a iniciativa de sair desta casa, materializando seu desejo de fugir dos empecilhos que o impossibilitavam de realizar seus sonhos de estudar e se formar. Fugir para a rua foi a

¹¹² Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, ex-interno da FUNABEM de Viçosa, conhecido como “Luis Baiano”. (Acervo particular da autora).

maneira encontrada por esse sujeito de não se submeter à rotina de exploração do seu trabalho, maus-tratos e preconceitos que sofria. Ficou um dia andando pelas ruas do Rio de Janeiro e, logo, foi encaminhado para a FUNABEM.

Diante das incertezas de seu destino nas ruas, a ida para a instituição significava para Luis Baiano naquele momento a forma encontrada para ser abrigado e sair daquela situação. Ele reafirma durante a nossa conversa que não dormiu na rua nem um dia e, por isso, atribui um significado importante à vida na instituição:

G: O senhor sente saudades do tempo em que viveu lá?

L: Eu lembro de lá com alegria, e é igual eu tô falando com você, e se não fosse, primeiro Deus, e se não fosse essa formação né o que seria de mim? Quem que eu seria? Eu tinha que ter uma formação, se eu tivesse lá dentro do Rio, igual eu falei com você o primeiro dia que eu fugi, e se eu não conseguisse essa mão amiga, se Deus não me desse essa mão amiga desse lugar, eu poderia justamente tá lá na rua até hoje, um bandido ou mendigo ou morto. Morto ou preso né, os dois, morto e preso, acabado.... Então saí da rua e graças a Deus eu fui bem tratado, assim como eu posso dizer, bem absorvido né. E fiz o suficiente pra poder hoje ser um funcionário.¹¹³

É esta a imagem que possui da vida na FUNABEM: “...essa mão amiga” que se tornou para ele, naquelas circunstâncias, um espaço que lhe proporcionou sair da rua e, ao mesmo tempo, dar continuidade ao seu sonho de estudar, se formar e trabalhar.

O momento do diálogo com os ex-internos da FUNABEM de Viçosa me conduziu à necessidade de examinar os sentimentos reais que levavam aqueles meninos a estarem ali e as formas pelas quais promoviam mudanças em meio ao estado de privações em que viviam.

As narrativas do senhor Luis, do senhor Mário e do senhor Cléber, todos ex-internos, colocam em evidência experiências comuns de miséria, trabalho, castigos físicos e sonhos de um futuro mais promissor.

Durante o diálogo com o senhor Mário Luciano Santos Maia, carioca, hoje com 43 anos de idade, também funcionário da Universidade Federal de Viçosa, que veio do Rio de Janeiro para a FUNABEM de Viçosa no ano de 1976 e que lá permaneceu até 1979, percebi que também significa a vida que levou na instituição como uma forma alternativa de matar sua fome, estudar, trabalhar... enfim, sobreviver:

¹¹³ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, ex-interno da FUNABEM de Viçosa, conhecido como “Luis Baiano”. (Acervo particular da autora).

G: Por qual motivo você veio para a FUNABEM de Viçosa?

M: Sou do Rio, vim do Rio. Vim pra cá com 14 anos, não conhecia nada aqui mesmo. Eu fui criado desde pequeno no patronato... não conheci minha mãe, não conheci ninguém... fui criado desde pequeno. Fiquei 4 ano lá, depois voltei pro Rio de Janeiro pra negócio de alistamento no quartel, aí comecei a rodear, trabalhei pra todo lugar aí...Barbacena...rodei todo lugar aí.... Trabalhava no campo...campo, minha função era roçar pasto. Meu horário lá, meu dia lá era mesma hora de todo mundo... era seis horas da manhã. Os inspetores, porque era quatro hora da noite, os inspetores apitava lá, ia todo mundo pro pátio lá... fileira... todo mundo enfileirado, cada, cada fila lá era oito pessoa. Aí pra entrar pro refeitório, pra tomar café, pra almoçar era a mesma coisa. Almoçava e ia pro alojamento... pra trabalhar era a mesma coisa também...tinha roupa de trabalho e tudo lá uê... roçava pasto, capinava... mas, na época lá plantava tudo, plantava laranja, melancia, tinha muita coisa na época lá uai... aí muita gente tinha, tinha que trabalhar mesmo uai. Mas recebia, recebia um dinheiro todo fim de semana... por alojamento, mas recebia uê. Aí, lá era quatro alojamento, o primeiro alojamento saía sábado...sábado de tarde, domingo de manhã e voltava, aí no outro fim de semana aí o outro alojamento ia. E recebia... isso tudo era bom lá uai... Era mingau de manhã cedo, café era bem reforçado, roupa bem... roupa, calçado, tudo bem...todo mundo lá na época andava bem organizado uê.¹¹⁴

Através da consciência social expressa pelo senhor Mário e da forma como se situa no período histórico que rememora, é possível perceber que para um indivíduo órfão, que passou toda sua infância e adolescência sob os cuidados dos funcionários nas instituições assistencialistas e que desde o momento em que nasceu era desprovido dos bens mais necessários e imprescindíveis para a sobrevivência, a vida na instituição não se apresentava como uma vida puramente de sacrifícios.

Nos momentos em que reelaborava seus modos de viver e de trabalhar na instituição e na cidade, senti a todo momento que ele perguntava para si mesmo: sim, eu estive ali, vivendo sob privações, mas, e se eu estivesse na rua, como iria alimentar ou trabalhar?

Naquele momento de sua vida, este narrador se afirmava enquanto sujeito histórico na busca de alternativas de sobrevivência.

É interessante notar que as narrativas do senhor Mário, ao reconstruir sua infância na instituição, trazem à tona dimensões desconhecidas deste social e ao mesmo tempo, evidenciam diversos elementos que valorizava por considerá-los importantes para uma vida confortável e que garantiam a sobrevivência cotidiana, como por

exemplo, a “alimentação”, a “roupa” e o “calçado”. Ao mesmo tempo, suas falas apontam as privações vividas por muitos desses meninos no ambiente familiar ou nas ruas.

Mais que a garantia da sobrevivência cotidiana, ter mingau de manhã cedo, café bem reforçado, roupa, calçado, almoço e a possibilidade de plantar muita coisa como melancia e laranja, e de receber por isso um “*dinheirim mixaria*” significava para o senhor Mário a realização de expectativas e a possibilidade de um futuro renovado.

A recompensa recebida pelo trabalho, apesar de reconhecer que era uma quantia pequena, representava para os meninos a possibilidade de realização de seus sonhos de consumo durante os passeios no centro da cidade de Viçosa aos finais de semana. O senhor Cléber também evidencia que, *apesar do dinheiro era pouco, mas dava pra fazer uma brincadeira boa*.

Indagado sobre o dia-a-dia e as experiências como interno da FUNABEM de Viçosa, o senhor Mário evidencia que empregavam o fruto de seu trabalho na compra de rapaduras, doces, roupas, calçados, pastéis na feira, lazer e até mesmo para a aquisição do proibido – o cigarro, contrariando as regras da instituição e a forma como eram educados pelos funcionários para gastarem o dinheiro recebido:

*Recebia um dinheirim na época, recebia um dinheirim mixaria, nego comprava uma rapadura é... borrão pra fumar. Mas nós chegava na escola, revistava tudo, pegava tudo de todo mundo uai... pegava... aí num devolvia não... é claro, não podia fumá. Rapadura não, só que negócio de fumar cigarro...aí num podia, na época não podia fumar mesmo não uai...*¹¹⁵

Nesta passagem podemos evidenciar que os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa eram, sobretudo, “meninos trabalhadores” que vivenciavam na instituição, além das relações educativas e pedagógicas, relações de mercado. O cotidiano dos meninos era marcado pela divisão do tempo entre trabalho, estudo e lazer. Aqueles que trabalhavam pela manhã estudavam no período da tarde, e vice-versa. As narrativas evidenciam que as relações de trabalho na EAAB tinham tanto rigor quanto nas fábricas, com horários a serem cumpridos, regras delimitadas, recompensa em dinheiro e desconto das horas não-trabalhadas.

¹¹⁴ Entrevista realizada com no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

A narrativa da senhora Fátima de Souza Freitas, 46 anos, hoje funcionária do CENTEV/UFV e que no passado trabalhou na secretaria e também na sala de aula entre os anos de 1979 e 2002, tanto na FUNABEM quanto no CBIA, aponta o rigor das relações e disciplina de trabalho no cotidiano institucional. Quando interrogada sobre sua rotina de trabalho e a convivência diária, ela rememora que eram descontadas no salário dos meninos as horas em que não cumpriam suas funções:

Mas os menino trabalhava, querendo ou não querendo eles trabalhava, eles aprendiam alguma coisa. Na época que eu entrei tinha artesanato de madeira, depois teve de cerâmica, depois teve artesanato de palha, muitos aprenderam a marceneiro né, pedreiro, eles tava sempre aproveitando a oportunidade. Eles trabalhavam mas, eu também descontava as horas deles também quando eles não iam, descontava porque eles tinha que saber que a vida deles cá fora era né... ali era um treinamento pra ele viver cá fora. Tinha menino ali que valia mais do que um homem pra trabalhar (grifo meu), principalmente no campo, com os animais.¹¹⁶

O trabalho desenvolvido é apresentando nas narrativas dos sujeitos de maneira incessante. Na narrativa do senhor Mário, por exemplo, é um elemento sempre destacado. Ele ressalta que aprendiam certos ofícios que os possibilitaram enfrentar a vida adulta ao serem desligados para o mundo. Como o próprio senhor Mário evidenciou, por meio da função aprendida de “roçar pasto” ele trabalhou em vários lugares ao ser desligado da instituição em 1979.

Enquanto dialogava com o senhor Mário, pude perceber que, através do seu exercício de olhar para trás, ele buscava expressar o valor que depositava nesse passado. Ao falar de suas vivências na instituição, seu olhar transmitia o quanto se sentia valorizado em ter vivido tais experiências. Embora tenha colocado muitas reticências, Mário não relembrava a vida na instituição como decepcionante ou fantasmagórica.

Ao contrário das interpretações de determinados autores, os ex-internos, ao rememorarem o passado na instituição, não se identificaram em momento algum como crianças infelizes ou revoltadas:

G: ...sobre a convivência na FUNABEM...

C: Mas a convivência aqui, na escola de Viçosa, era muito boa, eu sempre fui um cara tranqüilo, nunca dei problema nenhum, nem tanto

¹¹⁵ Entrevista realizada com no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹¹⁶ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

*pros alunos, nem como pros inspetores, e tudo que eu pude somar lá dentro e aproveitar, eu aproveitei. Hoje eu trabalho de cabeleireiro e foi o ofício que eu aprendi lá...*¹¹⁷

Ao dialogar com produções historiográficas sobre a problemática da infância carente, percebi que algumas das obras que discutem sobre o cotidiano de crianças carentes em instituições públicas abordam apenas o que consideram o “lado escuro” do dia-a-dia desses sujeitos: as privações, o poder dos superiores hierárquicos sobre as crianças, expresso muitas vezes em gestos arbitrários de violência e crueldade, a educação pelo trabalho, as vezes árduo, no campo ou em oficinas industriais.

Quero destacar que tais obras têm sim a sua relevância, mas acredito que ficam limitadas a retratar a condição de exploração das crianças; assim como os noticiários de TV, fazem suas críticas a tal situação de degradação tendo por base as denúncias. Ao adotarem essa postura de negar a exploração mostrando as crianças como degradadas, essas produções historiográficas deixam de analisar as relações reais efetivamente vivenciadas e significadas por esses sujeitos, perdendo de vista a própria noção de processo e o entendimento das mudanças que ocorrem no desenrolar deste.

Nessa direção, percebi que há uma tendência de determinadas interpretações em focalizar apenas o que, de acordo com suas classificações, consideram o “lado escuro” das vivências, relacionando a história das crianças em instituições sociais a um conjunto de submissões e sofrimentos. Ao olhar para esses sujeitos em termos de funcionalidade do sistema, alguns autores acabam perdendo de vista a complexidade do processo histórico em toda a sua dimensão e as rupturas e mudanças promovidas pelas crianças.

As narrativas dos senhor Mário, do senhor Cléber e do senhor Luis nos colocam a necessidade de problematizar e relativizar certas afirmações de produções historiográficas, como a que se segue:

*No internato as crianças são criadas sem vontade própria, têm sua individualidade sufocada pelo coletivo...A internação traz o sentimento de revolta no residente porque ali anuncia-se para ele a sua exclusão social.*¹¹⁸

¹¹⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹¹⁸ PASSETI, Edson. “Crianças carentes e políticas públicas”. In: DEL PRIORE, Mary. *op cit*, p.348.

Ao dialogar com essa produção historiográfica tendo em vista as evidências das fontes por mim pesquisadas, percebi que havia um descompasso entre o significado dado pelos senhores Mário, Luis e Cléber às experiências vivenciadas no cotidiano da FUNABEM de Viçosa, e o atribuído por Edson Passetti ao cotidiano dos meninos internos em instituições públicas brasileiras.

Em suas narrativas, evidenciam que naquela conjuntura vivida – em condições de miséria e privações – não tinham outra opção que não fosse ir para a FUNABEM. Contudo, também evidenciaram que o fato de terem ido para esta instituição não significou a submissão escancarada, nem muito menos ausência de “*individualidade*” e “*vontade própria*”. Demonstraram, sim, ter, além de “vontades próprias”, iniciativas e projetos de vida. Fundamentados em suas expectativas de um futuro mais promissor, lutaram para colocar em prática seus desejos de estudar, formar e exercer algum tipo de trabalho.

Na visão desses sujeitos, a vida na instituição não adquiria o significado de reafirmação da exclusão social, mas significava formas alternativas de alimentar, morar, vestir e estudar e, aproveitando-se destas oportunidades. É óbvio que tinham muitos problemas e que passaram por muitas dificuldades e maus momentos no cotidiano institucional. Eles não deixam de constatar em suas narrativas a existência de práticas arbitrárias e violentas em suas histórias de vida e na dos colegas que compartilhavam das mesmas experiências. No entanto, evidenciam que as experiências negativas configuravam-se apenas como um aspecto das relações efetivamente vivenciadas; um aspecto traumático é claro, mas seus viveres não se fizeram somente desse aspecto.

As narrativas dos ex-internos trazem interpretações das experiências vividas na instituição que se chocam com a visão de Edson Passetti quando este afirma que tinham “*a individualidade sufocada pelo coletivo*”.

Em suas falas, percebo que não tinham “*a individualidade sufocada pelo coletivo*”, pois era comum que os meninos participassem das discussões referentes às suas vidas. Expressavam vontades próprias sobre seus processos de transferência, desligamento, e expunham suas preferências em relação ao destino que queriam seguir.

Expressavam também suas preferências em relação ao aprendizado de certos ofícios em detrimento de outros. Exerciam ofícios industriais, como, por exemplo, artesanato de palha, barro, cerâmica, fabricação de vassouras, além das funções no setor

agrícola nas áreas de cunicultura, bovinocultura, suinocultura, apicultura, horticultura, olericultura, pomicultura e criação de aves.

G: ...aí eles podiam escolher?

V: A partir do momento que quando, na primeira entrevista, a gente falava com eles, via qual a série, qual a sala de aula que eles iam estudar, isso era a coordenadora que fazia, depois falava com eles as oficinas profissionalizantes que tinha e a parte agrícola aonde eles desejavam trabalhar. Aí eles escolhiam.¹¹⁹

No entanto, acho importante problematizar a passagem “Aí eles escolhiam”, para não cair na armadilha de conferir poder demais aos internos. Havia um limite à “autoridade de escolha”, pois a produção de alimentos constituía o projeto prioritário da instituição, uma vez que ela deveria ser auto-sustentável. Os internos que tinham o perfil mais adequado ao serviço de campo não tinham outra escolha que não a produção de alimentos. Nesse sentido, o trabalho no campo não era opção. Entretanto, na dinâmica da instituição, a escolha de alguma profissão se dava em outro horário, após o trabalho seja no campo ou em outro setor, como por exemplo, o setor de limpeza.

A idéia de “escolha” deve ser entendida a partir do rigor da instituição, uma vez que os internos poderiam “escolher” dentro do horário absolutamente programado, e das possibilidades que eram oferecidas para o aprendizado de alguma profissão – os cursos profissionalizantes.

O senhor Cléber, 34 anos, casado, pai de três filhos, hoje cabeleireiro no Salão do Balbino, na avenida Santa Rita, uma das avenidas mais movimentadas do centro de Viçosa, indicado para a barbearia pelo “seu João”, explica os motivos pelos quais se convenceu de que esse seria o melhor caminho a ser seguido na instituição. Sua “escolha” deve ser entendida dentro daquilo que lhe era oferecido e tendo em vista o perfil do interno:

Igual eu mesmo quando eu fui pra lá o próprio seu João, que era o instrutor do salão lá, perguntou se eu queria ir pra lá: “você quer vim pra cá trabalhar comigo na barbearia?” Eu falei: quero. E eu achei melhor, por quê? Porque lá era um serviço mais tranquilo e eu poderia é, terminar meu estudo que era o que eu mais pensava né. Porque se você ficar só trabalhando no campo, às vezes você tá cansado, a mente pesa e você não tem tempo pra estudar, aí você fica com mais preguiça, e lá eu achei um setor melhor. E tudo o que eu pude somar lá

¹¹⁹ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com a senhora Vera Saraiva. (Acervo particular da autora).

*dentro e aproveitar, hoje também trabalho de cabeleireiro, e foi uma opção muito boa que eu fiz... foi o ofício que eu aprendi lá e graças a essa opção hoje eu trabalho como cabeleireiro, já trabalho aqui desde o dia em que sai de Rio Pomba, já tenho treze anos de serviço, saí de lá vim pra cá.*¹²⁰

Nesta passagem é possível perceber que diversos elementos (inclusive as “vontades próprias” e os desejos dos meninos) pautavam as relações de trabalho, que estas não eram simplesmente impostas, mas negociadas. E, nesse processo de negociação, as escolhas dos internos também definiam o caráter de tais relações e interferiam no modo como eram organizadas as funções e o trabalho. Os valores e as expectativas do Cléber e também de seus colegas davam formas e condições de funcionamento ao universo múltiplo e heterogêneo da EAAB.

O diálogo com o senhor Cléber me sugeriu pensar que, no processo de transferência, alguns internos puderam expressar suas opiniões e fazer valer seus projetos, interferindo nas discussões, tendo em vista a consciência do que seria melhor para as suas vidas:

G: ... gostaria de saber sobre suas lembranças, qualquer lembrança sobre o seu cotidiano na instituição e em Viçosa, os relacionamentos, a sua história de vida que é importante para mim...qualquer lembrança...
*C: É, eu sou do Rio, do Rio de Janeiro, é entrei aos doze anos na FUNABEM em Quintino, fiquei uns dois ou três anos, fui transferido pra Carmo de Minas, perto aqui... fiquei desde os quinze anos, fui pra lá com uns quatorze, aí vim pra Viçosa transferido pra cá também, porque se eu fosse pro Rio como que a escola também não era muito boa ficar em Quintino por causa de certos alunos e algumas coisas que poderiam acontecer também ruim né, assim no caso de repente poderia até ser bom pra mim, mas como eu achei melhor ficar em Minas, eu pedi transferência pra uma outra escola de Minas né, aí me transferiram pra Viçosa.*¹²¹

Ao perceber que se aproximava o período de seu desligamento e com consciência dos convênios entre a FUNABEM de Viçosa e algumas escolas técnicas mineiras, o senhor Cléber, se recusando a voltar para a Escola Padre Severino, no Rio de Janeiro, agiu de acordo com seus interesses e expectativas no sentido de permanecer em Minas, pois, na sua visão de mundo, considerava que este seria o melhor lugar para se estabelecer e “ganhar a vida” após sair da instituição.

¹²⁰ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹²¹ Idem.

Além de agir no intuito de ir para Viçosa, ele também assinala que participou ativamente das discussões acerca do seu destino, sempre intervindo nas decisões sobre os caminhos que iria seguir, conforme suas próprias escolhas e planos que havia traçado para estudar na Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba:

...Ai vim pra cá em oitenta e três e sai em noventa e.... em noventa. Aí já tava completando uma certa maior idade, aí pedi o diretor da FUNABEM aqui, o Gilson né na época e dona Vera Saraiva pra que eu pudesse estudar em Rio Pomba. Eu pedi uma informação como era a escola de Barbacena, porque lá tem uma escola técnica né. Aí eu cheguei lá conversando com eles e eles me perguntaram se eu queria ir pra escola de Barbacena. Aí eu falei: não, eu tô querendo achar uma coisa melhor pra mim fazer, então como eu tava parado aí falei, então eu vou estudar na escola técnica né, pra mim vai somar mais. Aí eles foram e falaram assim: “então, já que é assim você não quer estudar em Rio Pomba não?” Aí eu falei assim: eu aceito sim. Aí eles falaram: “não, então você pode ficar tranquilo porque nós vamos arrumar um jeito de você estudar em Rio Pomba.”¹²²

A interpretação de Edson Passetti, citada anteriormente, não pode ser generalizada e aplicada a todas as crianças que tiveram trajetórias de vida semelhantes, porque, por um lado, estigmatiza os internos de todas as épocas e instituições, desprezando as particularidades de suas ações e os significados que atribuem às experiências vivenciadas no cotidiano institucional. Por outro, suas interpretações homogeneizam sentimentos e visões de mundo que não fizeram parte da história de vida do senhor Mário, do senhor Cléber e do senhor Luis, por exemplo.

À luz das evidências de suas narrativas, pude perceber que esses sujeitos não se identificaram em momento algum como meninos que eram infelizes ou revoltados por terem vivido na FUNABEM. A internação, ao contrário da visão de Passetti, não brotou neles o sentimento de revolta. E os viveres nesta instituição também não foram significados como um conjunto de sacrifícios e submissões. Ao rememorarem suas vivências, não as identificam limitadas a um lugar sempre infernal.

Quero ressaltar que, ao dialogar com produções historiográficas como as de Edson Passetti, que defendem a tese da ineficácia do atendimento às crianças em instituições de assistência infantil, meu objetivo não foi fazer o contrário.

¹²² Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

Está longe do propósito deste trabalho querer vangloriar as práticas institucionais da FUNABEM de Viçosa, ou querer justificar seus mecanismos de existência. Problematicar a interpretação desse autor não significa fazer uma apologia ao sistema institucional, nem muito menos defender a tese contrária – da eficácia deste. Mesmo porque seria necessário relativizar qualquer uma destas teses, tendo em vista a situação específica de cada criança em suas particularidades, pois, embora todas elas tivessem compartilhado das mesmas experiências de vida, do mesmo espaço institucional, o significado que conferem às vivências são diferentes, e suas trajetórias de vida, apesar de semelhantes, também são distintas.

Há, como o senhor Mário, o senhor Luis e o senhor Cléber, aquelas que aproveitaram as oportunidades oferecidas para forjar estratégias de sobrevivência e de mudanças das condições de vida e que olham para esse passado de vivências na instituição conferindo-lhe grande valor, apesar de também terem vivenciado situações adversas. Talvez outras, que não tiveram a oportunidade de expressar-se, olhariam para trás atribuindo outros significados a tais experiências.

Acredito que cada uma dessas visões está com sua parcela de razão, mas nenhuma delas é capaz de revelar uma única realidade sobre as relações históricas e experiências vivenciadas por esses meninos no passado. Não vejo as explicações como verdades absolutas, mas apenas como evidências, pois as consciências sociais e os valores expressos pelos sujeitos são múltiplos, heterogêneos, contraditórios, não permitindo nenhuma afirmação cabal sobre a eficácia ou não das políticas públicas de assistência à infância aplicadas pela FUNABEM de Viçosa. Busquei eleger neste trabalho, como mais importante do que fazer qualquer tipo de afirmação sobre esse assunto, apreender quais significados que os sujeitos que ali viveram e se relacionaram atribuem às experiências e práticas sociais compartilhadas e suas concepções de mundo provenientes de tais experiências.

Nessa direção, ao trabalhar essas questões, busco compreender, por um lado, como os “menores” que viveram na FUNABEM, hoje “maiores”, significam tais políticas públicas. No entanto, o propósito de pensar nestas políticas se fundamenta no desejo de refletir sobre a problemática da infância carente, como esta tem sido tratada pelo poder público e pela sociedade civil ao longo do processo histórico.

O viver na instituição significava para os ex-internos a possibilidade de ter uma infância menos precária e uma vida adulta mais promissora. Ao lado da tão sonhada

possibilidade de estudar com um caderno e não mais com “papel de cimento” e se formar estava a certeza de que ali poderiam matar a fome.

Nesse sentido, a “boa alimentação” é um aspecto dos viveres muito enfatizado em suas falas, evidenciando as privações de alimentos que vivenciavam em seus lares, devido às dificuldades de suas famílias para gerirem suas vidas.

G: se alimentava direitinho então...

L: Eu pra mim a Fundação foi um ensinamento sabe, foi um ensinamento sabe. A minha vida na FUNABEM foi uma oportunidade de aprender tudo, tudo sobre tudo né, tudo sobre tudo. Porque igual estudar né e tomar uma formação, uma formação... Se alimentava bem, uma alimentação boa. Ali eu vou te falar assim, uma alimentação vou falar com você, na época era melhor do que aqui na Universidade a alimentação. Na época dos alunos dos carioca, pro você vê bem, lá era assim uma coisa abundante. Oh, ovo por exemplo, vou te falar assim, na hora do lanche eles davam pão, café com manteiga e ovo. Então eles chegava assim com aqueles panelão de ovo assim e o aluno pegava e comia o tanto que quisesse. Se comesse tudo, queria repetir, a gente podia ir lá e repetir. Não tinha nada assim coisa...e era coisa com abundância sabe, a carne lá era com abundância, tinha muito boi, muito porco, muita galinha. Eles comprava peixe, era coisa com abundância, era uma alimentação ótima, muito boa.¹²³

Esses sujeitos, aproveitando-se das oportunidades oferecidas, agiam sobre a estrutura e a sociedade capitalista que os excluía. Eles enfrentaram muitas dificuldades não só para promover mudanças em seus estados de privações, mas também para vencer a imagem pejorativa que associava automaticamente a pobreza com criminalidade.

O senhor Cléber evidencia como agiu na sociedade para mostrar que ele e muitos de seus colegas não se adequavam à visão negativa que lhes era atribuída por ter sido “menor da FUNABEM”:

G: sobre a convivência...

C: A convivência aqui na, na escola de Viçosa era muito boa, eu sempre fui um cara tranquilo, nunca dei problema nenhum, nem tanto pros alunos, nem como pros inspetores, e tudo o eu pude somar lá dentro e aproveitar, então eu aproveitei. Hoje também trabalho de cabeleireiro e, como te falei, foi uma opção muito boa que eu fiz, e graças a essa opção que hoje eu trabalho como cabeleireiro, já trabalho aqui desde o dia em que sai de Rio Pomba, já tenho 13 anos aqui no serviço, saí de lá vim pra cá. Então na época o único problema

¹²³ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, ex-interno da FUNABEM de Viçosa, conhecido como “Luis Baiano”. (Acervo particular da autora).

é que a sociedade achava que aluno de FUNABEM era é....tinha um certo preconceito né? Porque ser aluno de FUNABEM era um sinal de que ele era um bandido, e que não poderia somar nada na sociedade também. Não, não era bem assim não.... não, então eu aproveitei mostrando a sociedade, eu e alguns colegas meus, que nós também temos capacidade em estudar, em ser alguém na vida, trabalhar né.¹²⁴

Antes de finalizar esse capítulo acho importante ressaltar que o mesmo apresenta um limite. Já destaquei anteriormente, as dificuldades em contactar os ex-internos, devido ao fato de que poucos permaneceram em Viçosa após terem sido desligados da instituição. Há, portanto, um limite das discussões trabalhadas nesse capítulo decorrente desse fato, que diz respeito ao número das entrevistas e principalmente, ao perfil dos entrevistados.

Podemos perceber que os ex-internos que tive a oportunidade de dialogar são pessoas que saíram da instituição e que conseguiram um trabalho, que têm atualmente um lugar social bastante semelhante na cidade, e que precisa ser justificado, que os conduz a levantar pontos positivos da FUNABEM. Eles destacam entre outros aspectos desses viveres, o ofício que aprenderam na instituição porque isso justifica o lugar social que ocupam nos dias de hoje. No entanto, não sei se esta é uma realidade válida para os demais ex-internos que viveram na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1964 e 1989, uma vez que não consegui encontrar aqueles que possivelmente se encontrem fora dessa situação.

Foi inquietante quando me vi diante desse limite, percebi que haveria de voltar aos meus entrevistados para buscar lidar com seu significado, indagando-lhes sobre a existência de ex-internos em outras condições. Foi o que fiz, confesso que com um pouco de atraso, faltando alguns meses para o término da dissertação. Notei que entre os ex-internos que conversei parecia desconhecido o destino de muitos de seus colegas que talvez não compartilhem de seus lugares sociais. Ao contrário, os ex-funcionários reafirmavam que alguns deles “tinham dado certo”, outros não, mas nenhum deles foi capaz de me indicar com precisão aonde poderiam ser localizados, conforme evidenciado pela senhora Vera Saraiva:

Quando foi extinta a FUNABEM e aí começou o trabalho com Viçosa que eu creio que tenha sido nos idos de 90, então ela foi extinta e foi criado o CBIA, Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência, foi

¹²⁴ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

*criado no tempo do Collor, logo que o Collor assumiu, era mesmo a FUNABEM só mudou de título e tentaram outros objetivos pra ela. Então aí ela passa a ser CBIA, Centro Brasileiro para a Infância e a Adolescência, é com o mesmo trabalho mas aí mudou o objetivo que foi muito importante, tirou esses adolescentes do Rio de Janeiro e de outras cidades, que vinham do Rio de Janeiro, e passou a atender só a Viçosa e região, aí nosso trabalho foi mais positivo, porque a gente via o resultado. Porque os do Rio voltavam para o Rio e a gente perdia o contato. A gente fazia um trabalho de anos e depois a gente não sabia o que aconteceu, a gente só sabia aqueles que voltavam pra nos visitar, então a gente sabia. Geralmente aqueles que voltam é porque conseguiram é uma situação melhor na vida, porque os que voltaram a origem e voltaram aquela vida pregressa, problemática, eles não voltavam. Então, isso é o que faltou em termos de FUNABEM, não existe o resultado do trabalho que se fazia. Então passamos a atender alunos daqui e foi ótimo, de Viçosa e região. Aí eu era coordenadora pedagógica, nós fizemos convênio com as prefeituras da região, como Teixeiras, Coimbra, Porto Firme, Cajurí...Então nosso trabalho passou a ser muito concreto, porque nós acompanhávamos inclusive a vida dessas crianças.*¹²⁵

A senhora Vera Saraiva aponta para a questão de ex-internos que possivelmente não tenham conseguido um lugar na cidade, que não conseguiram um emprego que os possibilitasse organizar suas vidas. No entanto, como ela mesma evidencia *isso é o que faltou em termos de FUNABEM, não existe o resultado do trabalho que se fazia*¹²⁶. A “vida pregressa”, com todo o juízo de valor implícito nessa expressão dita pela senhora Vera Saraiva, é uma inquietação que esbarra no limite real dessa pesquisa. Infelizmente, não posso me propor a responder perguntas sem poder confrontá-las com as evidências.

Ao intitular este capítulo **“Tô dentro de uma instituição, vou procurar o melhor lá dentro”**¹²⁷: as múltiplas faces das relações vivenciadas no cotidiano da FUNABEM de Viçosa, minha preocupação foi compreender e apresentar a complexidade e natureza ambígua das relações vivenciadas entre internos e funcionários, que foram significadas diferentemente por eles a partir do presente em que se encontram. O processo de institucionalização vivido por muitos meninos pobres e trabalhadores se mostrou como uma via de mão dupla, saturado de múltiplas relações cotidianas em suas mais diversificadas e dialéticas faces. A Política Nacional do Bem-Estar do Menor, ao que as

¹²⁵ Entrevistada: senhora Vera Saraiva, ex-funcionária da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa (Acervo particular da autora).

fontes evidenciam, foi vivenciada por muitos internos, algumas vezes com “bem-estar” e outras, com “mal-estar”.

Embora alguns narradores tenham dado ênfase a apenas uma face dessas relações (o aspecto da sobrevivência e dos laços de amizade entre funcionários e internos) e algumas produções historiográficas tenham enfatizado apenas o aspecto mais tenso destas relações, os laços de autoridade e a “*pedagogia do trabalho*” que norteava o objetivo de educá-los pelo e para o trabalho, percebi que um destes aspectos das relações não pode suprimir ou ocultar o outro; as fontes não nos permitem reduzir a história das crianças na EAAB a nenhum deles.

Por meio da análise do emaranhado de histórias contadas por vozes heterogêneas, pude perceber que no mesmo espaço institucional são evidenciadas, por um lado, relações cotidianas perpassadas por laços de amizade e por sentimentos de cumplicidade e, por outro, relações tensas e de enfrentamento. O espaço da FUNABEM da Viçosa aparece nas narrativas como espaço de sobrevivência, de relações de amizade, de lazer, de diversão, mas também como espaço de relações marcadas pela arbitrariedade de práticas autoritárias.

As experiências descritas pelos narradores durante as entrevistas me permitiram perceber que a dinâmica das relações e experiências vivenciadas no espaço social da FUNABEM de Viçosa o tornava, ao mesmo tempo, um espaço de privações, sujeições e laços autoritários, mas também espaço de autonomia, de abundância de alimentos, de possibilidade de superar a pobreza vivida, de estripulias, onde os meninos afirmam-se enquanto sujeitos muitas vezes violando regras e instituindo práticas e valores próprios.

As evidências expressas pelas fontes sugerem pensar que as relações sociais no espaço institucional da FUNABEM de Viçosa eram marcadas pela contradição, simbolizando o espaço da proteção, do alimento, da supressão de carências materiais e formas alternativas de sobrevivência e, simultaneamente, espaço da educação por meio do trabalho pesado no campo ou em oficinas industriais e serviços domésticos, espaço da educação por meio dos tabefes e do cubículo, espaço de resistências das crianças em se sujeitar a determinadas práticas de controle de suas vidas.

Viver na FUNABEM representava para muitos meninos, seja para aqueles que não tinham família, moradia e alimentação, seja para os provenientes de um universo familiar marcado pela pobreza e misérias materiais, a possibilidade de sobreviver, de matar a fome, de realizar desejos de consumo, de concretizar projetos de vida para o

futuro, de abrigo e proteção, embora esta estivesse atrelada, em alguns casos, a práticas autoritárias por parte dos funcionários encarregados de educá-las para a vida adulta. A vinda para a FUNABEM de Viçosa significava, portanto, além do acesso à alimentação, saúde e educação, a oportunidade que muitos meninos e suas famílias encontraram para sair da situação de privações e exclusão social vividas para seguir outro caminho.

O cenário reelaborado por muitas memórias de ex-internos e ex-funcionários da FUNABEM de Viçosa aparece marcado por uma mistura e multiplicidade de relações de força cotidiana, de embates entre desejos, subjetividades, aspirações, interesses, valores, que ora estavam em cooptação, ora em contradição. A história de vida de muitos meninos na EAAB, evidenciada por diversos documentos, se mostrou complexa, perpassada de relações sociais tensas, conflituosas, de amizade e cumplicidade, em que cenas de risos, de brincadeiras, de festividades, de lazer, de “peladas de futebol” e de confidências entre professoras e alunos se misturavam com cenas no cubículo, de paredes ásperas, onde os laços de amizade se faziam laços de autoridade, de força.

Um cenário onde os “menores” se afirmaram como sujeitos por meio de ações e expressão de suas vontades e se fizeram “maiores” através da superação de muitas lutas e dificuldades encontradas. Embora o senhor Mário, o senhor Cléber e o senhor Luis possam representar um grupo de “menores” que encontraram na FUNABEM as oportunidades que lhes eram negadas pela sociedade – de acesso à educação, saúde, alimentação e reafirmação da cidadania –, as práticas assistencialistas não foram eficazes para solucionar ou minorar as desigualdades sociais, a carência material, o desemprego e o subemprego de muitas famílias e crianças pobres que permaneciam, e ainda não foram solucionados nos dias de hoje.

As experiências da infância marcadas pela pobreza, vivenciadas pelos senhores Cléber, Luis, Mário e vários de seus colegas, parecem se repetir mesmo depois de longas décadas e de muitas discussões em torno da problemática da infância e adolescência pobres. O que pude constatar durante a produção e análise de suas narrativas é que o mundo da criança e do adolescente pobre brasileiro foi e continua sendo marcado pela falta de acesso a bens e serviços para a satisfação das necessidades mais básicas; pelo tratamento preconceituoso; pela dor; pelo medo.

CAPÍTULO II

“Mamãe tem sempre procurado te dar o melhor”¹²⁸

No capítulo anterior, discuti sobre as experiências e relações sociais vivenciadas cotidianamente na instituição que traduziram modos de vida e nos permitiram compreender o que significava “ser interno” da FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1964 e 1989.

No presente capítulo, volto minha atenção para a leitura e análise das correspondências emitidas pelos familiares e amigos tanto aos internos quanto à assistente social e dos Prontuários, no intuito de compreender a origem social dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa. Por um lado, busquei trazer para a escrita deste trabalho as expectativas e os valores das famílias a partir de suas memórias e, por outro, relacionar as memórias dessas famílias pobres com a memória da instituição, constituída pela esfera pública, por meio da construção e disseminação do discurso institucional.

Acredito que, para compreender a presença dos meninos na FUNABEM de Viçosa, deveria atentar para o universo cultural dos seus pais e familiares. Nessa direção, este capítulo foi uma tentativa de mapear o perfil socioeconômico das famílias, vinculando a ele os embates e as estratégias de sobrevivência forjadas por esses sujeitos em movimento na dinâmica social.

A pesquisa sobre as condições de vida das famílias permitiram-me evidenciar experiências comuns entre esses sujeitos que os convenciam a enviar os filhos à instituição.

A leitura e análise dos documentos – principalmente das correspondências e prontuários – trouxeram-me informações referentes a filiação, renda familiar, trabalhos exercidos pelos pais, grau de escolaridade dos membros da família, constituição familiar, condições de moradia, que me possibilitaram compreender o ambiente familiar de onde vinham os meninos e as relações cotidianas nele vivenciadas.

No entanto, senti a necessidade de problematizar as informações e descrições dos Prontuários, pois percebi que tais dados não são isentos de valor, uma vez que eram

¹²⁸ Fragmento da correspondência emitida pela mãe, que residia no Rio de Janeiro, ao seu filho H..., no dia 29 de abril de 1982, anexada ao seu prontuário.

produzidos pela assistente social da instituição e por funcionários, principalmente do Serviço Social e de outros setores da FUNABEM.

Durante nosso diálogo sobre a rotina de trabalho, a senhora Maria de Fátima, que trabalhou durante um período no Serviço Social da instituição, rememora as funções que exercia e coloca em evidência o processo de produção desse tipo de documento histórico.

...Quando parou de ter a assistente social e eu fiquei só como orientadora eu cheguei a fazer alguns prontuários. Então eu é que fazia o cadastro deles, eu é que conhecia o prontuário deles quando eles chegavam, eu é que sabia de onde que ele tava vindo, por que é que estava vindo, entendeu? Então o relatório era assim, identificação né do aluno, idade, mãe. A gente guardava tudo no prontuário, o prontuário era o retrato deles (grifo meu). O documento deles ficava tudo ali no prontuário. Então tinha esse relatório social, aí cê falava lá a situação dele, pedagógica, de saúde, tudo. Então cê pedia ao dentista tudo, cada um falava uma partizinha, aí cê fazia tudo, a inspetoria falava como ele se comportava. Então eu mandava pro Rio de Janeiro também.¹²⁹

Diante da pesquisa com prontuários, passei a me perguntar: Como esse “retrato” era produzido? Por que e por quem era produzido? Logo comecei a desconfiar da afirmação da senhora Fátima – “o prontuário era o retrato deles” – e da forma como os internos e suas famílias eram apresentados. Vi que não era possível analisar os prontuários por eles mesmos, nem muito menos dissecar suas informações e descrições como se verdadeiramente “retratassem” as vivências e experiências desses sujeitos, pois os internos e suas famílias eram “fotografados” por diversos funcionários: secretárias, assistentes sociais, dentistas, médicos, inspetores, professores, – “cada um falava uma partizinha” – e com alguma intenção participava da confecção desse documento. Percebi que os “comportamentos” dos internos e das famílias eram comentados segundo a ótica institucional; portanto, tornou-se necessário analisá-los tendo em vista as idealizações que a instituição pretendia transmitir.

De acordo com os critérios da instituição, o motivo principal que fundamentava as decisões dos pais a enviarem os filhos à FUNABEM era a “desestruturação familiar”. É possível evidenciar, a partir da análise dos prontuários, a divulgação e ampliação de

¹²⁹ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

uma memória sobre o espaço público, que se ancorava na fórmula de associar a situação de pobreza vivenciada por tais famílias com “desestruturação”.

No entanto, diante da pesquisa das correspondências, percebi que estas desconstroem a visão pejorativa disseminada nos prontuários em relação às famílias. As descrições dos prontuários, embora façam referências às questões socioeconômicas dessa parcela da população brasileira no passado, tendem a obscurecer a atuação das famílias pobres e seus esforços conscientes no “fazer-se” diário da história. Dessa forma, os prontuários produzem uma invisibilidade das ações dos sujeitos.

Portanto, o que me interessou neste capítulo foi pensar no drama vivido pelas famílias no passado, a partir da experiência de olhar para o universo familiar não somente pelas palavras dos prontuários, mas também pelas correspondências e narrativas.

As cartas trazem à tona *outras histórias* sobre os modos de viver, trabalhar, pensar e ser das famílias, que foram contorcidas e obscurecidas pelo poder público estabelecido, que sempre definiu quais histórias e memórias sobre os internos e seus familiares deveriam ser legitimadas e reconhecidas. Nas correspondências, pude evidenciar a forma como essas famílias pobres lidavam com seus valores, experimentando relações sociais, familiares e religiosas.

A partir do diálogo com as evidências, pude notar que os meninos que viviam na FUNABEM de Viçosa eram filhos da classe pobre que vivia no Rio de Janeiro, empregada, subempregada ou desempregada, onde elementos fundamentais para a manutenção de uma vida digna não eram de fácil acesso.

As diferentes formas de ler e ver os internos e suas famílias constituídas nos documentos levaram-me a buscar respostas para algumas questões: Como e por que estas famílias chegaram no estado de penúria evidenciado nas fontes? E como o discurso institucional se apropriava dessa penúria para apresentá-la de outra forma? A responsabilidade era de quem, ou melhor, a quem se atribuía a responsabilidade pela pobreza vivida no passado por esses sujeitos?

Assim, para questionar rótulos simplistas de discriminação que caracterizavam as famílias dos internos da FUNABEM, senti que era necessário voltar minha atenção ao estudo do que Williams definiu de *estrutura de sentimentos reais*. Percebi que não haveria como compreender as mudanças realizadas no processo histórico se não

examinasse os sentimentos reais e as relações efetivamente vivenciadas no dia-a-dia por essas famílias em seus modos de vida.

A partir da proposta de Williams, de pensar como os indivíduos percebem as mudanças que vivem e como respondem a elas, percebi que seria importantíssimo o estudo da *estrutura de sentimentos reais* que levara os meninos a viverem na FUNABEM de Viçosa, a fim de evitar pensar a determinação institucional como força externa, exercendo uma dominação completa sobre os modos de vida dos internos e de suas famílias.

Maria Elisa Cevasco destaca a grande contribuição dos achados analíticos de Williams, quando este autor nos adverte para conceitos e paradigmas que utilizamos em nossas análises e nos chama a atenção para a importância de enfatizarmos em nossas pesquisas a experiência, o vivido e o articulado, ressaltando que o vivido nem sempre é o articulado, e o articulado nem sempre é o vivido.

*Na tentativa de descrever a relação dinâmica entre experiência, consciência e linguagem, como formalizada e formante na arte, nas instituições, Williams cunhou um novo termo, estrutura de sentimento. Seu exame pode ajudar a compreender o diferencial buscado pelo materialismo cultural [...] a estrutura de sentimento é a articulação de uma resposta a mudanças determinadas na organização social...se trata de uma resposta social a mudanças objetivas. [...] o impulso de toda a obra de Williams é justamente demonstrar que os termos com que trabalhamos implicam uma definição de pessoas no mundo e configuram um registro da formação de seu significado, uma história de reações a conflitos e modificações históricas.*¹³⁰

A leitura das correspondências me permitiu perceber como, numa “estrutura de sentimentos reais”, os indivíduos vivem relações e agem sobre elas. Evidenciei que a *estrutura de sentimentos reais*, não é individual, mas representava a possibilidade de muitos desses pais e familiares trabalhadores promoverem alterações dentro da privação em que viviam.

Além de examinar a “estrutura de sentimentos reais” – por que as famílias recorriam à instituição? em que condições os meninos foram para a FUNABEM de Viçosa? – percebi que seria importantíssimo ler o significado social das correspondências para compreender a conjuntura vivida naquele momento por milhares de famílias pobres no Rio de Janeiro do século XX.

¹³⁰ CEVASCO, Maria Elisa. “Questões de Teoria: o materialismo cultural.” In: CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. Paz e Terra, 2001.p.144,151,153.

Entretanto, o que era o Rio de Janeiro naquele momento e como viviam as famílias pobres nesta cidade? Fui para a literatura na tentativa de buscar respostas a tal problemática.

Zuenir Ventura, em *“Cidade partida”*, foi mais uma fonte de inspiração para o desenvolvimento do meu trabalho, pois me permitiu pensar nas alterações dos modos de vida das famílias pobres cariocas em decorrência da política modernizadora e das transformações econômicas, sociais e culturais vividas no Rio de Janeiro de modo específico, e no Brasil de modo geral, no decorrer do século XX. Nesse processo histórico, o autor constatou um quadro inflacionário e altíssimo custo de vida que restringiu o poder de consumo de grande parte da população carioca, tornando ainda mais precárias suas condições de vida, moradia, alimentação, saúde e educação.

O Rio de Janeiro, a “cidade maravilhosa” de onde vinham os meninos da FUNABEM de Viçosa, passava nessa época por profundas modificações decorrentes da incipiente industrialização, urbanização e crescimento populacional. A economia brasileira no século passado dinamizava-se, acompanhada pela exclusão social e pelo crescimento significativo dos índices de pauperização das camadas populares.

A política modernizadora naquele momento histórico, fundamentada na legislação eugenista, era guiada pelo desejo de “limpar a cidade”, jogando para os seus arredores, periferias e morros o grande contingente de seres humanos que não se encaixavam nos novos ritmos da modernidade e que não tinham oportunidades na nova sociedade do trabalho.

Zuenir Ventura me permitiu compreender o processo histórico que engendrou o “apartheid” socioeconômico e cultural do Rio de Janeiro, ao trabalhar com a imagem da cidade apartada, dividida entre dois mundos – o da riqueza e o da pobreza –, que pode ser tomada como representativa do Brasil.

O autor afirma que o Rio de Janeiro dos anos de 1950, local onde vivia a maior parte das famílias dos internos da FUNABEM de Viçosa, já poderia ser caracterizado como “duas cidades” ou uma “cidade partida”, que acumulava tensões e conflitos que iriam se intensificar nas décadas seguintes. Diante da dinâmica social tensa, a opção preferida pelo poder público e por parte da sociedade civil que vivia na parte maravilhosa do Rio era separar-se dos “*cidadãos de segunda classe*”¹³¹, encaminhando-os para os morros e periferias.

¹³¹ VENTURA, Zuenir. op cit, p.13.

A tentativa encontrada pelas classes sociais que habitavam o lado maravilhoso da cidade foi afastar de seus olhos e de seu convívio as classes pobres para a outra parte do Rio, que não era tão maravilhosa assim, onde faltavam água, luz, comida, direito à cidadania e vida digna. *O resultado dessa política foi uma cidade partida.*¹³² Parte da sociedade acreditava que a solução para os problemas enfrentados cotidianamente no Rio seria afastar as “duas cidades” em vez de tentar aproximá-las.

Os meninos que viviam na FUNABEM de Viçosa, e também suas famílias, eram, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, habitantes do lado avesso da “cidade maravilhosa” – o Rio da miséria, da falta de oportunidades, reflexo das distâncias e desigualdades sociais existentes entre as classes.

O senhor Sidney, ex-funcionário da instituição, ao rememorar os momentos de férias, em que levava os internos para o encontro dos seus familiares no Rio, evidencia que vinham de uma parte da “cidade oculta”, tinham ocupado os *alto de morro lá, aquelas favelas lá*; mais do que uma ameaça aos novos padrões da modernidade que se desejava implantar, eram vistos de longe como “casos de polícia”:

G: ... Sr. Sidney me conte mais sobre as férias dos meninos...

S: Eles saíam daqui, levava prá lá...as famílias que tinham mandado carta, já tavam lá esperando o menor chegar, e...e na porta do ônibus recebendo, assinava a papeleta e levava o menor. Sobrava aqui uns 10, 12, até 15 né. E as Kombi lá no Rio pegava e levava eles pra’ aqueles alto de morro lá sabe (grifo meu)... “Ah! Aqui...eles vão ficar aqui, pode deixar eles sim.” E aí a gente descia dos morros...não era bobo pra ficar naqueles alto de morro nada né? Aquelas favelas lá (grifo meu)...então ficava assim...Ia lá na casa deles lá e perguntava se podia ficar, se queria ficar: “Ah! Pode sim...deixa ele aqui, tô com saudade dele...Assinava uma papeleta. A família não tinha condições, então depois o menino voltava.”¹³³

O senhor Sidney evidencia uma atitude comum dos funcionários da EAAB durante o contato com as famílias dos internos nas favelas e morros do Rio de Janeiro: o medo. Eram vistos pela sociedade com desconfiança, com temor, e eram apresentados pelo poder público como “caso de polícia” e não como um problema que envolvia questões sociais, econômicas e culturais que deveriam ser refletidas e solucionadas.

¹³² VENTURA, Zuenir. op cit, p.13.

¹³³ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Sidney Sales Bernardino. (Acervo particular da autora).

Se, por um lado, o Rio crescia, urbanizava-se e apresentava significativo progresso econômico, por outro, tal “progresso” e desenvolvimento não significaram para as famílias dos internos da FUNABEM de Viçosa melhorias das condições de vida.

Nessa sociedade em explosão e tensões, as crianças maltrapilhas, sujas e famintas que perambulavam em grande número pelas ruas a pedir esmolas eram vistas pelos habitantes da parte maravilhosa da cidade como um perigo à nova ordem urbana e à nova sociedade do trabalho. Eram acusadas frequentemente de “vagabundagem” ou “vadiagem”, pelo simples fato de estarem andando pelas ruas. Muitas crianças e adultos pobres dessa época já sofriam com o tratamento preconceituoso, que normalmente se associa à pobreza.

Associar a pobreza vivida à criminalidade e apresentá-los como desvios sociais, como perigosos marginais, configurava-se como uma estratégia eficaz encontrada pelo Estado para camuflar as relações de classes tensas e desiguais existentes e responsáveis pelo estado de privações vivido pelos habitantes do lado avesso do Rio.

Portanto, Zuenir Ventura evidencia a prática comum e a generalização do preconceito de se associar automaticamente delinquência à pobreza, como se fossem necessariamente sinônimos. A sociedade olhava para a “cidade partida” sempre na perspectiva de reafirmar que o lado da desordem e da vadiagem era exclusivo da parte pobre. A população carioca pobre passou a ser responsabilizada pelos males que assolavam a cidade: *Estava se generalizando o preconceito de que o lado de lá só fabricava a violência.*¹³⁴

No seio da nova sociedade de trabalho, dos novos padrões da modernidade, permeados pela industrialização e urbanização, marcada pelos olhares estigmatizantes sobre a pobreza, novas práticas foram inauguradas pelo poder público, atendendo principalmente aos setores dominantes, que sentiam seus patrimônios ameaçados pelo contingente de crianças que viviam nas ruas. As práticas de controle social visavam disciplinar o espaço urbano e as relações de trabalho, tendo em vista as necessidades das classes dominantes e dos comerciantes, que buscavam soluções para as novas questões emergentes.

Justamente nesses momentos foram implantadas instituições disciplinares com o intuito de encaixar aqueles que não se adequavam aos novos padrões de convívio e ritmos de vida. A construção do discurso institucional constituía-se, portanto, em uma

¹³⁴VENTURA, Zuenir. *op cit.*p.140.

forma encontrada para a disciplinarização da massa dos excluídos pelo mercado de trabalho.

Gislane Campos Azevedo, que recentemente defendeu sua dissertação na PUC/SP sobre o universo do menor na cidade de São Paulo entre os anos de 1871 e 1917, trouxe-me importantes contribuições para pensar sobre a tentativa de “normatização da família” pela política modernizadora na virada do século XIX para o XX: *foi preocupação do poder público e das elites o controle das ruas e destas famílias ‘indesejadas’. Criaram-se novas formas de controle e de dominação burguesa, bem como abriram-se novas práticas de resistência proletária.*¹³⁵

Gislane evidenciou que tal política tinha por escopo o controle social das famílias pobres, tendo em vista determinados padrões de comportamento:

*A família foi um dos alvos preferidos para a efetivação da política de controle social advinda com o governo republicano. Tida como a “instituição por natureza”, passou a ser responsabilizada pelo comportamento dos indivíduos na sociedade afinal, é ela que fornece os trabalhadores para as fábricas, as crianças para a escola ou para a rua, que gera os loucos, os assassinos. Portanto, era importante para o poder público higienizar e moralizar seus costumes.*¹³⁶

As instituições políticas no século XX são criadas nesse cenário de tentativa de controle dos sujeitos que viviam à margem do capital industrial. As políticas públicas, em nome da preservação da ordem social, buscavam a integração de crianças e jovens pobres à nova sociedade do trabalho. Tratava-se de controlar os ritmos de vida dos trabalhadores e também dos não-trabalhadores.

*Para os diversos poderes da cidade e para parte da sociedade civil, o mundo das classes pobres deveria ser o do trabalho (não importando a idade ou o sexo) como forma de se evitar a marginalidade. Crianças na rua, portanto, precisariam ser encaminhadas aos juízes para lhes arranjarrem arrumação. As que trabalhavam nas fábricas ou em residências estavam a caminho de se tornar cidadão.*¹³⁷

¹³⁵ AZEVEDO, Gislane Campos. De Sebastianas e Geovannis o universo do menor nos processos dos juízes de órfãos da cidade de São Paulo (1871-1917). Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados PUC/SP.1995.p.62.

¹³⁶ Idem, ibidem.p.104

¹³⁷ Idem, ibidem. p.68.

Portanto, na nova ordem social no Rio de Janeiro do século XX, de modo específico, muitas crianças e adolescentes pobres exerciam seus papéis e compuseram o mercado de trabalho devido à necessidade de complementarem a ínfima ou ausente renda familiar. Assim, no seio da incipiente sociedade industrializada e urbanizada foram absorvidas em estabelecimentos industriais, lares, onde exerciam atividades domésticas, e nas propriedades rurais. Irma Rizzini¹³⁸ evidencia que suas jornadas de trabalho eram iguais às do mundo adulto, porém recebiam cerca de um terço a um sexto do salário de um adulto.

Por outro lado, as que não eram absorvidas pelo mercado de trabalho ficavam andando pelas ruas, tornando-se focos do controle público, que visava a limpeza e higienização da cidade. Identificados como patologias sociais, vagabundos, criminosos ou vadios, deveriam ser encaminhados para as instituições disciplinares, que tinham como principal diretriz a integração à sociedade pelo trabalho. Os cidadãos que saíam para trabalhar ou divertir-se eram obrigados a compartilhar dos mesmos espaços públicos dos meninos pobres, nas praças e ruas da cidade, e esse contato produzia experiências de confronto e tensões entre segmentos sociais distintos.

Para parte da sociedade, as instituições disciplinares representavam, portanto, a solução encontrada para os diversos problemas referentes aos menores pobres. E, nesse momento histórico, em meio às “desordens” nas cidades, o poder público e grupos ligados direta ou indiretamente a ele trataram de cuidar da situação das crianças pobres que andavam pelas ruas e, ao mesmo tempo, colocar em prática uma política de controle para adequar as famílias pobres aos novos padrões de convívio familiar aceitos socialmente. Tendo em vista a conjuntura vivida, foi instituído um grande número de instituições disciplinares por todo o Brasil.

Em Viçosa, o atendimento integral a crianças e adolescentes carentes na faixa de 7 a 18 anos iniciou-se antes mesmo da criação da FUNABEM em 1964, com o Patronato Agrícola Arthur Bernardes, instituído pelo Decreto-Lei nº 17.139, de dezembro de 1925. Sob a responsabilidade do Ministério da Agricultura, era voltado à preparação dos “menores” vindos do Rio de Janeiro para a vida adulta por meio da qualificação pelo trabalho.

¹³⁸ RIZZINI, Irma. *op cit.*

Em 1934, o Patronato Agrícola Arthur Bernardes passou para a jurisdição do Serviço de Assistência ao Menor (SAM), sendo chamado em 25 de outubro de 1946, por força do Decreto-Lei nº 21.975, de Escola Agrícola Arthur Bernardes (EAAB).

A Escola Agrícola Arthur Bernardes passou a ser órgão executor do Serviço de Assistência ao Menor, do Ministério da Justiça, mantendo o mesmo objetivo de integrar menores carentes à nova sociedade do trabalho, oferecendo-lhes ensino regular de 1ª a 4ª série, além de ensino profissionalizante nas áreas de Agricultura, Zootecnia e Indústrias Rurais. Em 1964, a EAAB passou a pertencer à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), criada pelo poder executivo através da Lei nº 4.513 de 1º de dezembro de 1964.

A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor de Viçosa incorporou o patrimônio e as atribuições do Serviço de Assistência ao Menor. Foi desativada em 15 de abril de 1990 pelo Governo Federal, em meio a um processo histórico de mudanças profundas na legislação acerca da problemática da infância carente. Em consequência da descentralização político-administrativa, com a extinção da FUNABEM de Viçosa, houve a municipalização do atendimento a crianças e adolescentes carentes, com a implantação do CBIA (Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência) em 1990.

Dessa forma, foi transferida para o município de Viçosa a responsabilidade pela execução do atendimento a esses sujeitos. A partir da década de 1990, a Prefeitura Municipal de Viçosa passou a coordenar a política de defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Viçosa tem uma longa história de atendimento à infância e adolescência pobres. Contudo, foi somente a partir de meados da década de 1980 – momento de inúmeros debates e discussões sobre os direitos e tratamentos devidos à infância, de profundas mudanças que culminaram anos mais tarde na promulgação do ECA – que a FUNABEM de Viçosa passou a atender, de modo irrestrito, menores da própria cidade e de regiões vizinhas.

Como as famílias carentes se organizaram diante da implantação dessas instituições? Mais especificamente, como as famílias pobres do Rio de Janeiro e também de Viçosa se organizaram diante da criação da FUNABEM?

É necessário problematizar os motivos que aparecem nos prontuários, juntamente com os motivos evidenciados nas correspondências e narrativas, que levaram as famílias carentes a recorrer às políticas assistencialistas.

De acordo com os dados dos prontuários, as famílias carentes se organizaram diante da instituição pelo fato de serem “desestruturadas”. Nos prontuários, a constituição ilegal das famílias aparece como motivo fundamental para a institucionalização da criança.

Assim, W.S.B, matrícula 173, proveniente do Rio de Janeiro aos 10 anos de idade em 1986, filho de Dona Maria¹³⁹, 33 anos, doméstica, analfabeta, que morava de aluguel com mais três filhos, e do Senhor Antônio, desempregado, com primário incompleto, não chegou a concluir a 3ª série, que na época da institucionalização do filho estava há seis anos separado de Dona Maria, é assim classificado no prontuário:

*Em 27.11.89 Renovação de Solicitação de Vaga: Trata-se de aluno oriundo de família constituída ilegalmente (grifo meu) devido a separação do genitor à 6 anos. A genitora solicita que o menor continue seus estudos aqui.*¹⁴⁰

Dona Maria pode ser representativa do número significativo de mães evidenciadas nos documentos que se apresentavam como únicas responsáveis pela família, em virtude do desemprego do pai dos filhos e, em outros casos, em razão da incapacidade física, separação, doença ou morte do pai. Percebi que em muitas dessas famílias, a mulher assumia um papel importante, cabendo a ela tomar decisões em relação ao destino dos filhos. Era em torno de Dona Maria que eram mantidas as relações familiares.

Dentro da categoria “*aluno oriundo de família constituída ilegalmente*” incluía-se todo menino pobre órfão, filho de mãe solteira, de pais que viviam juntos sem contudo estarem casados, e aqueles frutos de um namoro. As “*famílias ilegalmente constituídas*”, em sua maioria, habitavam o lado avesso do Rio de Janeiro – as periferias e cortiços – e não possuíam meios de manter a subsistência dos filhos, por diversos motivos, mas principalmente pela instabilidade nos trabalhos que desenvolviam.

A maioria desses pais de famílias viviam de atividades esporádicas e trabalhos informais, como vender salgados, doces, lavar roupas, fazer faxinas. Dentre as

¹³⁹ Buscando resguardar a privacidade dos sujeitos que não tive a oportunidade de conhecer e dialogar, optei por utilizar pseudônimos para os nomes dos familiares dos internos, e siglas para se referir a esses últimos.

¹⁴⁰ Histórico na Apresentação, feito pela assistente social da instituição, anexado ao Prontuário de W.S.B, matrícula 173. (Acervo Documental do CENTEV/UFV).

principais ocupações evidenciadas nos documentos, destacam-se, para as mães: diaristas, lavadeiras, ou do lar. No caso dos pais: mecânicos, pedreiros, serventes de pedreiros, motoristas, jardineiros, serviços gerais, lavradores (esta última função – lavrador, agricultor – diz respeito mais às funções exercidas pelos pais de meninos que viviam em regime de semi-internato e que moravam em Viçosa).

A renda familiar, de acordo com informações dos prontuários, variava entre um a dois salários mínimos, podendo ser menos. Causou-me impacto o grande número de pais desempregados. Era comum que a maioria das mães – principalmente as casadas legalmente ou com uniões estáveis – fossem identificadas como “do lar”, em virtude do significativo número de filhos de que deveriam cuidar, visto que a composição familiar variava de 3 a 9 filhos, sendo a maioria das famílias pesquisadas composta por 5 filhos. Portanto, entre as mães, percebi que era uma minoria que trabalhava fora do lar. É válido ressaltar que as mães trabalhadoras ainda não tinham lugar para deixarem os filhos, já que, as creches constituem uma conquista das mães já em fins da década de 1980.

Percebi que, de acordo com as informações e descrições dos prontuários, o “problema do menor” era estabelecido muito mais em função da “*história familiar pregressa*” do que em função do pauperismo que assolava essas famílias no passado:

“Resumo da Situação Social: O aluno em tela deu entrada nesta UAM em 13.08.82 procedente da Escola Levy Miranda. Posteriormente teve nova entrada em 17.08.84, oriundo do CRT, efetuado novo estudo retornou a EAAB onde foi reinserido às atividades formal e profissionalizante onde obteve bom aproveitamento, o que lhe valeu encaminhamento a estágio na comunidade de Viçosa. Demonstrou frequentemente interesse pelas tarefas a si atribuídas. Relacionou-se muito bem com todos os colegas e o corpo funcional desta escola. Quanto a sua história familiar é pregressa, observamos ser oriundo de família desagregada pela separação dos genitores.(grifo meu)”¹⁴¹

Na pesquisa dos prontuários evidenciei a introdução do “modelo de família estruturada”. A partir da idealização de valores, os trabalhadores empobrecidos, com dificuldades de acesso ao trabalho regulamentado e reconhecido socialmente, eram classificados como “desestruturados”, “desregrados” e até mesmo: “acomodados”:

28/07/82 Atendimento ao pai do aluno.

¹⁴¹ Relatório do Estudo Social feito pela assistente social da FUNABEM, anexado ao prontuário do interno J.B.L.F, oriundo do Rio de Janeiro. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

Atendendo nossa solicitação compareceu ao S.S, o sr. João, genitor do menor identificado na folha de rosto.

Trata-se de família constituída ilegalmente, de vida pregressa. O genitor mostrou-se um tanto acomodado (grifos meus). Respondendo às nossas indagações relatou-nos o cliente que conheceu a sr^a Ana S. de Oliveira aos 19 anos e logo após constituíram união marital tendo a união durado apenas 6 ou 7 meses. A separação ocorreu quando a mãe de V.O.S encontrava-se ainda grávida. Acrescentou que quando o menor contava apenas alguns meses, seu genitor o entregou tendo o sr. Antônio assumido as responsabilidades juntamente com Dona Joana (avó paterna do interno). Afirma o cliente que quando constituiu união com a sr^a Hilda Pereira Santos há 9 anos, o menor continuou a viver em companhia da avó – Dona Joana. O casal teve 3 filhos.

Ao indagarmos sobre a história de vida do genitor do menor, afirmou-nos a cliente que o filho manteve várias uniões possuindo o mesmo 6 filhos dos quais vivem em sua companhia atualmente apenas 3.¹⁴²

A pesquisa dos dados referentes às histórias de vidas dos pais e familiares dos internos me permitiu perceber uma flexibilidade dos vínculos conjugais entre esses sujeitos e modos de vida que não se encaixavam no padrão burguês de família organizada, ou “legalmente constituída”. Assim como o senhor João, pai do interno V.O.S., era prática comum as uniões distintas entre os pais. Essas famílias iam experimentando relações diferentes do ideal burguês da família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos vivendo sob o mesmo teto. Logo, eram vistos com preconceitos, como desvios sociais.

Procurando compreender os modos de vida desses sujeitos, pude notar que as famílias de trabalhadores pobres, em meio às suas condições de vida, moradia, trabalho, lazer, criavam e instituíam práticas culturais e relações sociais próprias e que, por suas diferenças, eram depreciados pela cultura dominante, com seus padrões burgueses de família estruturada e normal.

Nessa direção, acredito que as experiências e relações tecidas no passado por essas famílias pobres devem ser analisadas tomando por base os padrões de vida que instituíram cotidianamente e não sob a ótica de padrões de relacionamentos familiares burgueses, sob pena de categorizá-las como patológicas ou anômicas.

O significado de ser criança em família pobre é bem distinto de ser criança em família das classes média ou alta. O senhor Luis “Baiano” evidencia que, para os meninos que assim como ele viveram na FUNABEM de Viçosa, ser criança pobre nas décadas de 1960, 1970 e 1980 significava, entre outras privações, ter que distanciar-se,

mesmo que temporariamente, do convívio familiar e dos locais de origem, para buscar a mudança social:

G: ...e sobre sua família de origem lá da Bahia....

L: E é difícil, não é brincadeira não...você ter que sair da família com nove anos de idade né... Aí a gente até lembra daquela música que o rapaz canta, que tem uma música que eles canta né, quando... como é que chama mesmo? É...tem uma música aí que o rapaz canta que com nove anos de idade perdeu minha mãe querida, cê já viu? Num tem essa música? Então, aí eu até eu sempre lembro quando eu escuto ela, eu sempre lembro sabe...mas, eu não perdi minha mãe querida não...eu saí porque eu quis mesmo pra poder ajudar minha mãe.¹⁴³

Assim, o senhor Luis “Baiano” evidencia que tinha um sonho: “ajudar minha mãe” e que, para estudar, se formar, valia o sacrifício de ficar longe de casa. O importante era a possibilidade de ascensão social, que o permitiria voltar para casa e modificar a situação de carência vivida por seus pais.

Ser criança de família pobre no momento da infância do senhor Luis “Baiano” significava ter a convivência diária com a família tolhida pelo sonho de buscar na instituição um futuro distante do presente.

Entre as crianças pobres que viviam aquela conjuntura do século XX, a infância, entendida como período de convivência diária no lar, de brincadeiras, estripulias, passeios, estudos, era um ideal que se vivia pouco na realidade, pois as precárias condições de vida de suas famílias as levavam desde muito pequenas ao sacrifício de viver longe dos pais para proporcionar-lhes dias melhores.

A pauperização dessas famílias nas favelas e morros das cidades conduzia muitos dos sujeitos a instituírem práticas que se distanciavam da “normalidade” socialmente construída. Assim, muitos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa tiveram sua infância tomada pelo trabalho, pois há evidências de que alguns pais necessitavam dos serviços dos seus filhos para a sobrevivência da família. Nessas ocasiões, tomavam a decisão de tirá-los da FUNABEM para auxiliarem nas tarefas domésticas, conforme fez o senhor Sebastião E. de Souza, viçosense, lavrador, pai do aluno semi-interno R.A.S:

¹⁴² Relatório Descritivo de Caso, feito pela assistente social, anexado ao prontuário do interno V.O.S., matrícula 279. (Acervo Documental do CENTEV/UFV).

24/09/86 bilhete

Sr. Zezito envio-lhe este bilhete afim de desligar o aluno R..., porque estou precisando muito dele para carregar almoço para nós.

Desculpe-me de não poder ir aí.

No mais agradeço muito as colaborações.

Obrigado

Sebastião E. de Souza¹⁴⁴

A leitura deste bilhete me sugeriu pensar que, enquanto o filho de uma família de classe média ou alta, no momento histórico da infância do semi-interno R..., filho do lavrador viçosense senhor Sebastião, provavelmente tinha nas escolas privadas ou públicas os locais para cumprir seus papéis dentro da família, para os filhos das classes trabalhadoras restavam ora a vivência na FUNABEM como forma alternativa para garantir o acesso à educação, ora o abandono dos estudos em virtude da luta diária pelo sustento da família através do trabalho. Além disso, por meio das correspondências podemos interpretar as famílias em sua condição iletrada. No caso do senhor Sebastião é possível levantar a questão da presença de algum “intermediário” que tenha auxiliado na escrita do bilhete. Era comum que os patrões dos pais dos internos assumissem tal função.

Podemos perceber ainda no tempo presente que as relações familiares vão sendo tecidas de acordo com as condições concretas de vida de cada grupo social. Assim, entre as famílias de classe média ou alta, a distinção entre quem provê o sustento da casa e quem estuda e consome é bem delimitada, ao passo que nas famílias pobres é comum que as crianças também participem das tarefas dos adultos.

Portanto, “ser criança” no seio de famílias pobres, assim como seus valores e experiências, é distinto de “ser criança” em famílias que têm o mínimo indispensável à sobrevivência. Logo, seus processos de socialização não são homogêneos e os espaços de sociabilidade não são uniformes.

Se para algumas é possível usufruir do direito de ser simplesmente criança no convívio diário com os pais, para outras esse convívio é interrompido fundamentalmente por questões de sobrevivência, e não por questões morais – no passado, os meninos da FUNABEM de Viçosa; no presente, os meninos nas ruas.

¹⁴³ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁴⁴ Bilhete anexado ao prontuário de R.A.S, vivia em regime de semi-internato, na época morador da Rua do Pintinho em Viçosa, matrícula 475. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

O que pude evidenciar na leitura e análise desses documentos é que as famílias dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa tinham sua própria “normalidade”, pois, em busca de atender às suas necessidades mais prementes de subsistência, estruturavam suas relações familiares e sociais tendo em vista formas estratégicas para solucionar o alimentar, o morar, o vestir, o consumir, o estudar e o trabalhar.

No entanto, a prática de muitos pais de tirar os filhos da escola para trabalhar, assim como fez o senhor Sebastião, ou dos pais do senhor Luis “Baiano”, de enviá-lo à instituição, era vista sob o discurso da imoralidade, da “*acomodação*”. Também a flexibilidade e temporalidade dos laços matrimoniais, que aparecem constantemente nos registros dos prontuários como práticas comuns desses segmentos sociais, sob a ótica do discurso institucional, são classificadas e consideradas como “*desestruturadas*”.

O que é possível perceber, a partir das formas de relacionar, viver, pensar, ser e trabalhar destas famílias, é que há uma heterogeneidade de práticas, valores e modos de se relacionar em família que não são absorvidos de padrões externos às suas experiências cotidianas. Todavia, os valores e as práticas são instituídos conforme as distintas formas em que os sujeitos sociais se inserem na dinâmica social e no processo de produção e consumo. Acredito que nunca houve “imoralidade” ou ausência de valores entre essas famílias, pois tinham sua própria moral, em alguns aspectos contrária à moral burguesa ou aos valores da cultura dominante.

O discurso institucional, ao conceber um modelo de família que admitia a homogeneidade e uniformidade de relações familiares, passava a classificar como “condutas desadaptadas”, “vida pregressa” e “família desestruturada”, todos os viveres familiares que se desviavam do “padrão de viver em família”.

Nesse sentido, a ausência de um dos pais, a separação deles, o alcoolismo, as várias uniões com filhos de diferentes relações afetivas, e até mesmo o próprio ato de enviar o filho à instituição, eram critérios utilizados pela instituição para categorizar os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa como “menores desassistidos”.

A dinâmica conflituosa das relações sociais não comporta tal “homogeneidade”, pois há múltiplas percepções do “viver em família”, bem como distintas formas de atuar na família, visto que esta se forma num sistema de classes sociais antagônicas, em disputas, com categorias bem distintas.

Nos prontuários, realimentava-se o discurso institucional e sua visão de que somente as classes populares se posicionam contra a lei e a moralidade estabelecida.

Essa visão pode representar a própria maneira como a sociedade via e vê de forma pejorativa as ações que não se coadunam com os padrões convencionais. Logo, os filhos pobres de pais separados seriam (são) considerados como naturalmente propensos a inserir-se no mundo do crime.

Assim, os viveres das famílias dos meninos da FUNABEM de Viçosa eram vistos negativamente em suas diferenças, por estarem às margens do mercado formal da produção, assim como da distribuição e usufruto de bens e serviços. Os seus modos de viver e trabalhar eram estigmatizados pelo discurso institucional e, logo, pelo poder público, que levava as pessoas a acreditarem que os meninos que viviam na EAAB de Viçosa eram frutos de lares patológicos.

A partir da análise das narrativas, percebi que alguns dos meus entrevistados haviam incorporado a visão disseminada pelo discurso institucional:

G: Vc acha que a FUNABEM conseguiu realizar esse objetivo que você disse que ela tinha de tentar “reinserir” os meninos na sociedade?

F: No total ela não conseguiu não. Ela não conseguiu e não por ela sabe, então ela não conseguiu por causa da própria sociedade mesmo entendeu? Porque os professores lá eram muito bons entendeu? Eu acho assim por causa da estrutura de vida deles, história de vida deles sabe, não deixava. A maioria vinha de famílias nossa senhora! Todas desestruturadas... Olha, muita gente não tem coragem de abandonar um boi no pasto, e um menino na rua eles abandonavam na maior facilidade.¹⁴⁵

A narrativa da senhora Fátima, ex-funcionária, nos aponta para a aceitação da visão institucional e da construção da idéia do “abandono”. A incorporação de tal visão, que localizava nas famílias pobres, ocupantes de morros e periferias no Rio de Janeiro, em Viçosa e outras cidades do Brasil, focos da degradação, da criminalidade, retirava do poder público e do processo histórico perverso de acumulação do capital a responsabilidade pelos graves problemas sociais e a transferia para as classes pobres e trabalhadoras, que sofriam cotidianamente tais problemas.

Na visão transmitida pelos prontuários, incorporada pela senhora Fátima, o problema dos meninos que viviam na FUNABEM era a família “desestruturada”, pois pobres, filhos de mães solteiras ou filhos de famílias “ilegalmente constituídas” necessariamente seriam vistos como criminosos em potencial.

¹⁴⁵ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

A relação entre famílias que vivem na favela, morros e bairros periféricos com a classificação “desestruturados”, “degenerados”, “vadios” e não participantes da vida dos filhos tornou-se a premissa fundamental do discurso institucional para apresentar as famílias pobres à sociedade:

*Mas, eu acho que com isso também muitas famílias é...tirava a responsabilidade da família né. Ela que tem que cuidar, educar, e quem fazia? Deixava pra gente... “oh, tá por sua conta, oh Dona Fátima, Fulando tá por sua conta, resolve aí...” Então assim, eu acho que a família ficou assim muito mal acostumada, cê sabe né, que essa classe mais coisa, dificilmente tem um que preocupa mesmo com os menino.*¹⁴⁶

Esta narrativa nos permite perceber como ia se cristalizando na dinâmica social um olhar pejorativo sobre as famílias dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa. Nesta passagem, a narradora transmite uma visão calcada no preconceito, que supõe a universalidade do acesso à educação. Além da visão calcada no preconceito, a narradora deixa transparecer uma cultura autoritária, como se o Estado fosse ela. Não tem dimensão do serviço público, afinal de contas, era paga pra “tomar conta dos meninos” e exercer suas funções, e, portanto, não estava fazendo nenhum favor aos pais dos internos.

As evidências trazidas na leitura e análise das correspondências emitidas pelos familiares colocaram para mim a urgente necessidade de problematizar a visão expressa na narrativa da senhora Fátima e rever o pressuposto fundamental contido nos prontuários para classificar os internos. Ao contrário do suposto pela senhora Fátima, essas famílias não estavam transferindo responsabilidade nenhuma, mas aspiravam a bens e serviços que deveriam ser universais. Como não tinham acesso a bens públicos, buscavam o acesso à educação de outras formas:

Rio de Janeiro, 29 Abril de 1982

Saudações

H... Recebi uma carta daí no dia 22 me falando de você. H...é aquilo que já conversamos, mamãe tem sempre procurado te dar o melhor (grifo meu), estou vendo se resolvo teus problemas pra vê se consigo com Dona Maria Lúcia (assistente social da FUNABEM) arranjar com ela uma transferência para que você fique em um lugar que eu possa te

¹⁴⁶ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

vêr. H...mamãe conversou com a assistente pessoal e a mamãe sentiu que ela vai ver se consegue alguma coisa de melhor pra você, mas isso tem que esperar um pouco. Vá estudando para que eu fique mas tranquila, que é aquilo que você prometeu, que no futuro você ainda vai ajudar eu e seu pai (grifo meu). Henrique as crianças estão com muitas saudades de você, por que eles estavam acostumados sempre que a mamãe tinha oportunidade levava eles pra ver você, agora eles tão sabendo que você não está mais naquele colégio, eles sempre pedem pra mim levar eles pra te ver, mas H... você sabe que as dificuldades são muito grande pra mim ir aí, tenho que pedir uma pessoa pra ficar com as crianças e ainda o problema de ter dinheiro pra passagem e o problema de dinheiro pra levar eles, que eles vão ficar tudo chorando, então eu não vou ficar alegre nessa visita, por isso mamãe tá vendo se resolve. A saudade é muito grande mas fica melhor esperar um pouquinho aqui vai indo tudo bem, já estou melhor de saúde graças a Deus. Vá pedindo a Deus e se for assim a sua vontade ele me ajudando a arranjar o dinheiro da passagem e a mamãe não vai dizer nada para as crianças que vai te ver pra eles não ficar chorando e vai saindo escondido e vai aí. Falei que tava escrevendo pra você e a Cristiani te mandou lembrança pra você Daniel e Débora disse que vão aí te ver e Marcos também. Teu pai diz pra aproveita o espaço aí e lembra os conselhos que sempre te dá (grifo meu) e te manda um beijo e um abraço e muitas lembranças.

Na esperança que essa chegue bem rapido a suas mãos na certeza da tua compreensão e a certeza da tua atenção vai nessas linhas o meu carinho a minha saudade e a minha lembrança.

Vilma W. Ramos da Silva¹⁴⁷

Dona Vilma, mãe de H...., Cristiani, Daniel, Débora e Marcos coloca em evidência outros motivos para enviar o filho H... à FUNABEM que não aqueles apontados pela senhora Fátima e pelos prontuários. O ato de recorrer à instituição não significava abandonar os filhos, nem muito menos submeter-se escancaradamente às determinações institucionais, pois tais determinações tinham limites e não conseguiam condicionar todas as ações das famílias pobres e de seus filhos. Dona Vilma, mesmo distante, lutava pela transferência de seu filho para uma unidade da FUNABEM mais próxima de sua casa, o que facilitaria a maior frequência de contato físico com H.

Dona Vilma evidencia os projetos de ascensão social que perpassavam os viveres dessas famílias. Os filhos se transformavam na esperança de livrar todo o grupo familiar das condições-limite da pobreza.

Embora os meninos desde muito cedo fossem enviados à instituição, isso não quer dizer que suas famílias não alimentassem um sentimento de afeição intenso em relação a eles. O afastamento inevitável de seus filhos mostrava-se sacrificante, e não

¹⁴⁷ Correspondência emitida pela senhora V.W.R.S, pseudônimo Vilma W. Ramos da Silva, mãe de C.H.G.S, matrícula 70, anexada ao prontuário de C.H.G.S. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

seria suportado muito tempo pelos pais e familiares. É comum encontrar nas correspondências lamentos entre as mães saudosas, que, tal como Dona Vilma, esforçavam-se para visitar os filhos. Contudo, o desejo dos pais de ver os filhos chocava-se com as inúmeras dificuldades de deslocamento do Rio de Janeiro para Viçosa: a falta de dinheiro para a passagem, os filhos pequenos que necessitavam dos cuidados da mãe e que sentiriam sua ausência.

É necessário problematizar a fórmula do discurso institucional que identificava pobreza como sinônimo de falta de amor, de desleixo, de acomodação, pois a família existia sentimentalmente entre pais e filhos, mesmo que distantes. As classes populares, mesmo vivendo às margens da cultura dominante, são capazes de estruturar relações familiares afetivas e coesas.

O que pude perceber a partir da leitura das correspondências é que as famílias pobres abriam mão da presença das crianças por outras questões que não o abandono. Ao contrário do disseminado pelo discurso institucional nos prontuários e jornais, o fato de colocar o filho na FUNABEM não era sinônimo de abandoná-lo. Tal atitude estava longe de poder ser considerada e classificada como abandono.

A fim de suprir deficiências escolares, de saúde, moradia e nutrição, era comum que os pais aconselhassem os filhos “*a aproveita o espaço*”¹⁴⁸ e todas as oportunidades de apropriação de bens e serviços que eram possibilitados a eles em seus viveres na instituição.

Rio, 4 de agosto de 1982

C.H, que Deus te abençõe e te guarde aqui está tudo como você deichou, estamos bem, espero que você tenha feito boa viagem. Você nas suas férias me deichou saudade, vejo em você o futuro que eu tanto espero(grifo meu), vê você um grande homem pois como já te falei, você é a continuação do meu futuro, você sendo um grande homem, eu serei ainda maior, isso é o tudo que espero de você pra minha velhice. Continue a estudar e vá desde já pensando em uma profissão procure uma aí que pra você te seja melhor, procure a ver uma aí que é torneiro-mecânico é uma boa profissão e ganha bem, mais procure saber sobre ela(grifo meu) sei que exige muita matemática, vale a pena, mais há outras dificuldade que eu não sei.

H... em tudo o que fôr fazer se lembre sempre, sou inteligente e serei capaz, pense sempre assim. Você é bastante jovem e jovem é forte. Não cochile, e pense sempre não posso perder meu tempo pois amanhã vai me fazer falta, e estude o que você puder. Estou muito satisfeito com seu procedimento no estudo, continue sempre assim.

¹⁴⁸ Correspondência emitida pela senhora V.W.R.S, pseudônimo Vilma W. Ramos da Silva, mãe de C.H.G.S, matrícula 70, anexada ao prontuário de C.H.G.S. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

*Na esperança de te encontrar bem vai nessas linhas a certeza da tua
atenção um e o meu carinho com abraço do teu papai.*

Francisco R. da Silva

*Pra você pensar
não nasce a planta perfeita
não nasce o fruto maduro
E, para ter colheita
É preciso semear.*

*OBS: Não se preocupe comigo mas, se puder me responda pra mim
saber se você recebeu esta.¹⁴⁹*

O senhor Francisco R. da Silva, pai do aluno C.H., evidencia que os familiares e responsáveis pelos internos não transferiam para o poder público suas responsabilidades, mas cumpriam seus deveres de pais, supervisionando, mesmo há muitos quilômetros de distância, as escolhas e decisões dos filhos. O senhor Francisco, diante da condição de privações vividas, abria mão de conviver diariamente com a presença do filho em família, mas não abria mão do filho. Evidencia que, quando muitos pais, tal como ele, enviavam o filho à FUNABEM, estavam dessa forma interferindo na estrutura e colocando por terra a questão de “nasceu pobre, morre pobre”. Acreditavam que, embora tivessem nascido pobres, poderiam vir a melhorar de vida.

A pesquisa das cartas instigou-me pensar questões relativas ao viver de famílias pobres nas cidades do Rio de Janeiro e em Viçosa, em meados do século passado. Percebi que a trajetória de vida desses sujeitos foi marcada por dificuldades, emoções, inconformismo e resistência.

Pude notar que os sujeitos sociais vislumbravam um futuro no qual as condições mais elementares para viver com dignidade se fizessem presentes. Além de ideais de consumo, seus projetos estavam fortemente marcados por valores éticos e morais.

A maneira que essas mães, pais e familiares trabalhadores pobres viam para concretizar seus projetos de um futuro renovado era através do exercício de atividades bem remuneradas, por isso, é visível o imenso valor que depositavam na iniciação dos filhos na aprendizagem de uma profissão. Dessa forma, além da certeza de que seus filhos estariam alimentando-se, vestindo, estudando, praticando esportes, viam na instituição a possibilidade de encaminhamento dos meninos para o mercado de trabalho.

Essas famílias atribuíam ao trabalho significativo valor moral. O trabalho era

¹⁴⁹ Correspondência emitida pelo senhor J.R.S, pseudônimo Francisco R. da Silva, pai de C.H.S, anexada ao seu prontuário. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

visto como aquele que transforma o filho num “ *grande homem*”. Assim, o valor atribuído ao trabalho ultrapassava a contabilidade dos ganhos econômicos e da ascensão social, para ser visto positivamente, como aquele que prepara o homem ético do futuro.

Se pensarmos no significado do trabalho para as famílias dos ex-internos, podemos perceber que elas viam na instituição militarizada para o trabalho uma expectativa.

A perspectiva de um futuro renovado era fundamentada na importância atribuída ao trabalho e aos estudos. A senhora Lúcia Theodora Souza, mãe do aluno C.I.N.S., que na época morava em Juiz de Fora, coloca em evidência a percepção dos pais em relação ao estudo, concebido como o caminho para a ascensão social:

Juiz de Fora, 9 do 11 de 1982

Querido:

Filho C...

É com muita saudade que eu pego na caneta para dar as minha noticia que graça a Deus todos bem! estou com muita saudade de você mais não posso ir aí que é longe e falta de dinheiro pra viaje, mais espero que você compreenda as minha condeção. I...estou trabalhando para dar um conforto melhor condo você chega aque! Deus te der muito juiz (o) que você ainda venha mi ajuda que se aproveitado este esfor (ço) de estudar, este é meu voto de todo coração.

I... a Vera está aque em casa você vai carta da turma lembra de todos e benção de sua mãi que muito te ama de coração um beijo da mamãe

Lúcia Theodora Souza

Deus abeçoi C. I. N¹⁵⁰

As expectativas das famílias em relação à possibilidade de garantir aos filhos o acesso à educação formal pode ser melhor compreendida se levarmos em consideração que a maioria destes pais eram analfabetos e poucos tinham o ensino primário (incompleto, na maior parte das vezes). Ressalto que tive muitas dificuldades para ler algumas correspondências, com frases sem pontuação, palavras entrecortadas, incompletas, as quais buscava completar, conforme fizera ao citar a correspondência de Dona Lúcia. Para tornar a leitura mais dinâmica, acrescentei a duas palavras as letras que estavam faltando entre parênteses, com o cuidado de não modificar o sentido da oração, que deve ser sempre preservado pelo pesquisador: “*juiz*” (juízo), e *esfor* (esforço).

¹⁵⁰ Correspondência emitida pela senhora M.T.G., pseudônimo Lúcia Theodora Souza, mãe do aluno C.I.N.S, matrícula 038, anexada ao seu prontuário. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

A infância desses pais foi marcada pela ausência de vínculo com as escolas, pois a realidade vivida não lhes permitia manter esse elo. Devido a condição iletrada das famílias, era comum que contassem com a ajuda de terceiros para auxiliá-los na escrita das correspondências. A senhora Nilce de Castro Antunes, empregada doméstica, analfabeta, mãe do interno R.C.A., matrícula 187, recorreu à sua patroa (nome não identificado na correspondência) para fazer algumas reivindicações à Assistente Social, tendo em vista os projetos traçados para a vida de seu filho:

Rio, 10/agosto de 1985

Sra. Assistente Social

Estou lhe escrevendo em nome de minha empregada Nilce de Castro Antunes, uma vez que ela não obteve resposta à uma de suas cartas.

Nilce precisa das informações seguintes para tentar solucionar o problema da saída de seu filho, R.C.A (nº 187), desta entidade, o que ocorrerá no final deste ano letivo, segundo informações para ela transmitidas:

1º) Em que série do 1º grau encontra-se o menor matriculado? Como são suas notas? Passará para a série seguinte ou corre “sério” risco de reprovação?

2º) Já fez algum outro curso? (Datilografia, Mecânica ou Similar?)

3º) Tem algum problema de saúde que o impeça de servir às Forças Armadas?

Por favor, procure responder estas questões o mais breve possível, pois estou tentando ajudar Nilce a matricular seu filho na escola de grumetes da Marinha, mas antes é imprescindível a resposta às perguntas. Gostaria também de reforçar o pedido feito por ela de possibilitarem ao menor um curso de datilografia ou outro profissionalizante qualquer e de transferirem-no para a escola de Quintino, no Rio de Janeiro, pois mesmo servindo à marinha ele necessitará continuar seus estudos para, posteriormente, participar de concursos dentro desta força.

Aguardo ansiosamente junto com Nilce um pronunciamento seus.¹⁵¹

Os pais desejavam oportunizar aos filhos direitos que lhes foram negados na infância – entre eles o de estudar. Longe de abandoná-los ou transferir responsabilidades à instituição, intervinham ativamente na vida dos filhos e esperavam que eles pudessem colocar em prática as expectativas de transformação e mudança social.

¹⁵¹ Correspondência anexada ao prontuário do aluno R.C.A., matrícula 187. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

A questão da emotividade entre mães e filhos, se mostra muito presente nas correspondências, e expressões usuais como “que Deus te abençoe”, “fique com Deus”, denotam a relação afetiva coesa entre familiares e internos:

Rio, 26/5/85

Ao meu sobrinho L.R.L

Meu sobrinho fiquei muito com tente com a sua carta espero um dia velo pesualmente mais com não posso ver mando esta cartinha para você pedido a Deus que você seja um bom rapaiz e poder fazer tudo o que seu pai não pode fazer por você e você poder fazer por ele quando a sua tia for no ...(ilegível) vai procura você para te com er ce. L...manda um retrato para mim.

Mando tua bença

Todos seus primos mandam lembranças

Sempre que puder escreve para mim

Que Deus ter a bençõis¹⁵²

Nas correspondências há também a visão da FUNABEM como alternativa para proteger os filhos do perigo das ruas. O medo do filho se inserir no mundo do crime, além da pobreza, da morte ou doença dos pais, aparece como justificativa para a atitude de algumas famílias enviar os filhos à instituição:

Juiz de Fora, 2 do 2 de 1982

Querido I...

Como foi de viagem. Espero que foi bem nos aqui estamos muito bem o Arlindo também já está bem graças a Deus.

I...estamos com muita saudade de você mas não podíamos nos deixar você ficar aqui como você queria por que se nós pomos você aí é por que não queremos ver você um marginal no dia de amanhã eu só queria que você intendecê a gente e nos desculpasse por ter feito você ir a mãe ti pedi pra você nos escrever dizendo como foi de viagem por favor nos escreve.

Abraços de sua irmã e de sua família

Marta¹⁵³

Portanto, na ótica das famílias a presença dos filhos nas ruas das cidades deveria ser evitada, pois esta é vista como espaço das drogas e da marginalidade.

A análise das correspondências foi de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois concentram as aspirações dos pais por mobilidade social e me

¹⁵² Correspondência enviada pela senhora A.A.F.F., tia do aluno L.R.L., anexada ao seu prontuário. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

¹⁵³ Correspondência enviada pela irmã I..., pseudônimo Marta, ao aluno I..., anexada ao seu prontuário. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

permitiram evidenciar como as famílias pobres traçavam seus destinos, iam se fazendo sujeitos históricos que batalhavam para conquistar o lugar que desejavam, não obstante as experiências adversas de alimentação, moradia, saúde, trabalho, educação. Os seus projetos de vida concentravam-se na promoção social dos filhos e, por extensão, da família.

Élida Maria Barison da Silva, em seus estudos sobre a infância e a adolescência pobres na cidade de Jales, ao destacar o significado de muitas instituições para as famílias pobres jalesenses, me permitiu perceber que pelos mesmos motivos das famílias dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa - as dificuldades advindas da pobreza – as famílias jalesenses também viam as instituições assistenciais como a saída mais imediata para a situação espinhosa do presente:

Mesmo não sendo o ideal e aquilo que se espera que o poder público e a sociedade civil façam para as crianças e adolescentes pobres, algumas entidades acabam sendo importantes enquanto solucionam problemas imediatos, como ter um lugar para ficar enquanto trabalha, complementar a alimentação, orientação de tarefas, entre outros.¹⁵⁴

Élida reconhece que, ainda no ano de 2001, embora não fosse o ideal, as instituições assistencialistas adquiriam grande importância para muitos trabalhadores pobres brasileiros.

E em Viçosa? Como ocorreram as batalhas dos pais por vagas na EAAB?

Durante as pesquisas nas Atas da Câmara, pude evidenciar que a batalha por vagas para os meninos de Viçosa na EAAB envolveu grande parte da comunidade viçosense, principalmente as classes populares, mas não só.

De acordo com as Atas da Câmara, em virtude das frequentes reivindicações de inúmeros pais pobres, que clamavam vagas para os filhos na unidade da FUNABEM em Viçosa, foi criado pela Lei Municipal nº 614/72 o COMBEM – Conselho Municipal do Bem-Estar do Menor. Este órgão tinha por finalidade coordenar o trabalho de assistência aos meninos pobres da própria cidade. Depois de algumas discussões sobre o Projeto de Lei nº 3/72, o conselho foi aprovado por todos os vereadores no dia quatorze de junho de mil novecentos e setenta e dois:

¹⁵⁴ SILVA, Élida Maria Barison da. A infância e a adolescência pobres na cidade de Jales?: experiências vividas e sonhadas (1970-2001) Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2004.p.160.

Ata da terceira sessão extraordinária da segunda reunião da Câmara Municipal de Viçosa no período de 1972. Às vinte horas do dia quatorze do mês de junho de hum mil novecentos e setenta e dois, realizou-se, na Câmara Municipal de Viçosa, a terceira sessão extraordinária da segunda reunião do período de 1972, convocada pelo Excelentíssimo Senhor Prefeito Municipal, sob a presidência do Dr. Euter Paniago. Estiveram presentes os vereadores abaixo mencionados para análise do projeto-de-lei do Poder Executivo que dispõe sobre a Instituição do Conselho Municipal do Bem-Estar do Menor de Viçosa[...]Passando para a ordem do dia, entrou em discussão o projeto-de-lei que institui o Conselho Municipal do Bem-Estar do Menor de Viçosa. Como ninguém quis discutir, o projeto de lei foi submetido a votos, tendo sido aprovado, por unanimidade, em 1ª votação.

Embora o COMBEM tenha significado a resposta do poder público viçosense às reivindicações dos pais por vagas, ele atendeu aos anseios não somente das classes populares, mas também aos interesses dos comerciantes da cidade de Viçosa. Durante o processo de discussão, elaboração e implantação do COMBEM, pude evidenciar que os comerciantes também se movimentaram em prol de vagas para os meninos viçosenses na unidade da FUNABEM de Viçosa.

A partir da pesquisa no jornal Folha de Viçosa (hoje Folha da Mata) em matéria *FUNABEM dará assistência ao menor abandonado em Viçosa*, tornou-se evidente o motivo pelo qual parte das classes média e alta engajou-se em tal luta:

Aproveitando seu giro pelas “Casas de Permanência” da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, o Comandante Benjamim Tissebaum – Sócio-Terapêutico – e o Psicólogo José dos Santos dos Reis – superintendente das Casas de Permanência – daquela importante instituição, estiveram reunidos com líderes comunitários na Escola Agrícola Arthur Bernardes, onde foram discutidas diversas fórmulas de reciprocidades de amparo aos menores de Viçosa.

Dez Vagas

A sugestão, inteiramente apoiada pelos líderes comunitários e pelo bacharel de Direito, prof. Claudeni Siridol Pereira – Diretor da Escola Agrícola Arthur Bernardes – foi considerada viável pelos ilustres visitantes, que, em objetiva e rápida assertiva, estabeleceram um total inicial de dez vagas para menores desamparados viçosenses, inclusos na faixa etária de 14 a 17,5 anos, exigindo tão somente que a seleção e viabilidade de semi-internato seja estudada pela Assistente Social da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, embora as indicações devam partir da comunidade [...] Foram citadas pelos industriais Décio Couto (Serralheria) e Pélmio Simões de Carvalho (Artes Gráficas), as possibilidades de intercâmbio de ensinamentos, ou

seja, alunos da EAAB fariam a iniciação profissional em suas firmas...¹⁵⁵

Portanto, o COMBEM foi instituído em virtude da batalha da comunidade viçosense por vagas, atrelado por um lado à Associação Comercial, que sempre esteve à frente do movimento e, por outro, ao poder público, que passou a garantir “1% do orçamento municipal para encargos sociais do órgão.”(Folha de Viçosa, ano 9, nº 227, 16/09/73).

Percebe-se que o interesse do empresariado viçosense na fundação do órgão estava estritamente vinculado com a questão da mão-de-obra infantil e mais barata, já que o COMBEM passou a fornecer meninos pobres para o comércio viçosense.

Contudo, foi somente em meados da década de oitenta, quando a sociedade brasileira assistiu a um processo de descentralização das ações assistenciais, que a política assistencialista da infância carente passou a ser atribuição da Prefeitura Municipal de Viçosa.

O movimento de luta para a promoção dos direitos da infância, e de reivindicações de muitas mães por creches, gerou a própria falência da FUNABEM e substituição do Código de Menores (1979) que regia a conduta infantil. Até esse momento, as instituições que funcionaram no mesmo espaço da FUNABEM de Viçosa recebiam, prioritariamente, menores vindos do Rio de Janeiro. E cabia ao COMBEM atender às reivindicações das famílias pobres viçosenses.

A partir da leitura das correspondências, pude evidenciar experiências de privações compartilhadas por essa parcela da população brasileira: possuía baixa escolaridade, trabalhos mal remunerados em atividades informais, e vivenciavam nas favelas e morros das cidades os efeitos perversos do desemprego: dificuldades para gerir a vida dos filhos. Portanto, nessa conjuntura vivida, as famílias dos meninos da FUNABEM de Viçosa não tinham outra opção para garantir a sobrevivência e a formação escolar e profissional dos seus meninos.

Dentre as correspondências que sobreviveram ao descaso público e à possível censura, não existe nenhuma evidência relativa a desleixo, falta de amor, acomodação ou incapacidade moral das famílias pobres que possa sustentar as classificações e

¹⁵⁵ Edição: Ano 12 – 25/05/75 – nº 306 – (Acervo documental do Jornal Folha de Viçosa, atual Folha da Mata) .

histórias dos prontuários sobre a “desestruturação familiar” como causa fundamental do “problema do menor”.

As famílias não cruzavam os braços ao enviar os filhos à instituição. Também nas narrativas é possível evidenciar a preocupação e o amor que os pais alimentavam em relação aos seus meninos institucionalizados. O senhor J.A.S., interrogado sobre a convivência com os internos e seus familiares no exercício de sua função de chefe de disciplina, nos permite evidenciar que, mesmo de longe, zelavam pela integridade física dos filhos:

A mãe desses menores as vezes ficava atenta com eles, então geralmente elas vinham duas vezes visitar os menores, os filhos dela aqui dentro da escola, era livre. Vinham visitar, então se você pensasse fazer qualquer maldade com uma criança destas, vamos dizer criança porque na época nós considerava menor, então você poderia ficar estar certa que viria uma auditoria do Rio, viria um juizado de menor, viriam aqui apurar.¹⁵⁶

As evidências trazidas pelas narrativas, cruzadas com as correspondências, dessacralizam a visão de que os meninos que viveram na FUNABEM, além de mal nascidos, eram mal-amados. Os documentos estão impregnados do significado da instituição para as famílias e do sacrifício de ter que conviver com a distância do filho.

Como eram imensas as dificuldades para visitar os filhos na FUNABEM por conta própria, era comum que as famílias e os internos nutrissem imensas expectativas nos períodos de férias, quando a instituição enviava os meninos ao Rio de Janeiro, custeando as despesas da viagem. As correspondências colocam em evidência o desejo dos pais de não se afastar por muito tempo de seus filhos:

Rio, 17 Novembro 82

Primeiro lugar que te encontre bem, e que Deus o abençoe e guarde você e teus amiguinhos. Estou te escrevendo pra dizer que estamos bem e que precisamos notícias tuas ficamos satisfeito quando em Setembro recebemos cartas tua e imediatamente respondemos. Adriana Daiane Marcelo e Dênis eu e teu pai estamos com saudade sua. Você diz que está contando os dias para as férias nos dedos e nós aqui também. L..., sua avó Antônia esteve aqui e demos o teu endereço do colégio aí, queremos saber se ela ti escreveu e se você respondeu.

L... te prometi ir aí no dia 12 de outubro, e não fui porque não foi possível, mas estou esperando igual a você o dia das férias para matar as saudades. (grifo meu) L..., diga a sua assistente pessoal o nosso endereço, escrevi para ela e não sei se ela recebeu a dita carta.

¹⁵⁶ Entrevista realizada no dia 12/08/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

Saudosamente com a certeza de tua atenção com um abraço amigo em cada um dos teus amiguinhos vai também a Dona Maria Lúcia lembranças e que esta esteja bem e pra você um afetuoso abraço também um beijo e da mesma forma mandam teu pai e teus irmãos.
Tua mãe Eunice Reis Silveira¹⁵⁷

É interessante notar que a mesma instituição que classificava esses sujeitos com rótulos simplistas e preconceituosos promovia o contato entre famílias e internos. A senhora Vera, interrogada sobre como eram os momentos de férias, evidencia a “emoção” do reencontro ao lar e a alegria do convívio em família:

Eu achava muito triste por eles não terem família, viviam longe da família, iam em casa, na FUNABEM, era uma vez por ano...A maioria era oriunda de morros, poucos eram do centro da cidade... Sabe, era emocionante, quando a gente mandava levar o aluno quando o inspetor de alunos levava, ia junto com a assistente social, levava o aluno, o encontro com a família depois de anos, anos e anos...É, saíam três, quatro ônibus daqui lotado de alunos nas férias.¹⁵⁸

A partir da leitura das correspondências e das narrativas, fica claro que a controvérsia sobre a “desestruturação familiar” ou a “acomodação dos pais” servia aos interesses do aparato institucional, que visava afirmar para a sociedade a eficácia e importância de suas ações. Nesse sentido, o discurso institucional, ao transformar os meninos e suas famílias em classes promíscuas, desagregadas e, até mesmo, perigosas, espalhava na sociedade uma insegurança generalizada, que levava a população a crer que a presença do Estado para mediar tais questões, era extremamente necessária.

No entanto, as evidências nos sugerem pensar tal “desestruturação”, do ponto de vista econômico e não moral, enquanto uma “desestruturação material” e não familiar, se é que se pode qualificar assim o estado lastimável de privações e crises vivenciadas na realidade social das famílias dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa.

As noções “famílias desestruturadas” e “acomodadas” se mostram enganadoras para especificar tais sujeitos, pois na ótica da instituição, que pode ser evidenciada nos registros dos prontuários, a situação de carência material dos meninos era justificada por fatores individuais: incapacidade moral ou fracasso dos pais. Dessa forma, o discurso institucional, ao focalizar a idéia do “abandono”, escamoteava o processo

¹⁵⁷ Correspondência enviada pela senhora W.R.S., pseudônimo Eunice Reis Silveira, mãe de L, anexada ao seu prontuário. (Acervo documental do CENTEV/UFV).

¹⁵⁸ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com a senhora Vera Saraiva. (Acervo particular da autora).

concentracionista de renda e acumulação de capital, de exclusão socioeconômica, como responsável pela situação de marginalização social.

No discurso da instituição, calcado na visão liberal, a pobreza não aparece vinculada à questão social e ao processo histórico que a gerou, pois a percepção da pobreza vinculada à conjuntura social que a engendrou comprometeria a imagem do Estado como aquele que age em prol do “bem estar” do menor.

Na perspectiva da instituição, a pobreza aparece vinculada à idéia de abandono, irresponsabilidade e desagregação familiar. Esse discurso se mostra um tanto quanto perverso, pois, além de desconsiderar as lutas das famílias nesse processo, supõe que em tese “todos são iguais perante a lei”; portanto, aqueles que não foram bem sucedidos são apresentados como menos competentes do que os demais.

As evidências trazidas pelas cartas rompem esta lógica liberal e, logo a prática comum de depreciação dos valores dessas famílias pobres, bem como questionam classificações discriminizantes, como: “menor desassistido oriundo de família ilegalmente constituída”.

Acho importante ressaltar a contribuição de outro autor, além dos já referidos, em relação às reflexões sobre as expectativas, experiências e atuações das famílias pobres na dinâmica social. Em busca de responder às problemáticas trabalhadas neste capítulo, parti para o diálogo com a historiografia das últimas décadas, que trata do estudo da família no Brasil.

Busquei localizar em bibliotecas, especificamente da UFMG, UFV, UFU, PUC/SP, e pelos serviços do COMUTH das referidas instituições, trabalhos que versassem sobre a História da Família no Brasil. Dentre os inúmeros livros, artigos, dissertações e teses que tiveram a família como objeto de estudo, selecionei os trabalhos de historiadores que analisavam a temática numa perspectiva histórica.

Durante o levantamento de trabalhos que se referissem a tal temática, percebi que no Brasil os estudos sobre a família brasileira foram incorporados à historiografia dos anos 80. Devo ressaltar que a História Social, com a proposta de diversificação temática e mudanças nos focos de atenção, foi a grande impulsionadora dos estudos nessa área. A História da Família no Brasil ganha força a partir da década de 1980 com uma pluralidade de trabalhos que abordam a criança, a mulher, a educação, a sexualidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho, e especificamente deste capítulo, o diálogo com Renato Pinto Venâncio trouxe-me importantes contribuições para pensar nos dilemas vivenciados pelas classes trabalhadoras pobres brasileiras e como essas famílias reagiram aos problemas e dificuldades cotidianas, em seus modos de viver e trabalhar na dinâmica social.

Embora tenha partido de uma análise demográfica que privilegia o estudo das estruturas demográficas, reduzindo as experiências familiares a números e gráficos, a dados frios e questionáveis, me permitiu perceber que a prática de famílias pobres brasileiras recorrerem ao auxílio das instituições de assistência não é recente, mas remonta aos séculos XVIII e XIX.

Renato P. Venâncio, ao analisar as situações de crise de famílias pobres cariocas e soteropolitanas, buscou compreender nas pesquisas dos bilhetes que acompanhavam os “expostos” das Santas Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de Salvador, e nos textos produzidos pelos administradores e médicos das Casas da Roda, os motivos deflagradores do “enjeitamento” de crianças entre as famílias nos séculos XVIII e XIX.

O autor percebeu que os motivos que justificavam o ato de recorrer às Santas Casas, evidenciados nos bilhetes, eram distintos daqueles mencionados nos documentos feitos pelos administradores e médicos das instituições.

A todo momento, os irmãos da Mesa viam no enjeitamento um índice da imoralidade dos povos ou da falta de amor das mães[...] As teses médicas também registravam opiniões dos irmãos da Mesa. Segundo Francisco de Paula Gonçalves, “as verdadeiras causas da exposição nas nossas Rodas são a vergonha, as imoralidades e os abusos de toda espécie.”¹⁵⁹

Não obstante se tratar de práticas assistencialistas fundamentadas em princípios diferentes dos da FUNABEM de Viçosa, em uma fase distinta do assistencialismo – que era fundamentado na filantropia privada, pode-se dizer que desde os períodos colonial e imperial os poderes instituídos focalizam o “abandono” e a “imoralidade das famílias” como responsáveis pelo estado de penúria dos filhos, mascarando as verdadeiras responsabilidades do governo neste processo. Mais uma vez, sob o pano de fundo das “condições morais” escamoteavam-se as verdadeiras causas que impulsionavam as famílias a recorrer à instituição – a ausência de condições econômicas e sociais.

¹⁵⁹ VENÂNCIO, Renato Pinto. *Famílias abandonadas*. Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX. Papirus, 2004. p.74.

Renato P. Venâncio problematiza a representação das famílias trazidas nos documentos, a partir da leitura e análise dos bilhetes evidencia que há motivos alegados pelos pais que não são mencionados pelos textos produzidos pelas instituições:

Ao contrário do que os letrados afirmavam, os pobres preocupavam-se com o destino dos filhos e relutavam em abandoná-los. No entanto, em algumas situações, o gesto tornava-se imperioso, não podia ser evitado[...]Embora essa objeção seja válida, é necessário sublinhar a existência de crises diferenciadas no mundo da pobreza; reconhecer isso implica valorizar ainda mais os esforços daqueles que não recorreram ao auxílio das Santas Casas.¹⁶⁰

O diálogo com esse autor me permitiu perceber que desde os séculos XVIII e XIX as famílias carentes buscam formas alternativas de garantir a sobrevivência dos filhos. Na pesquisa dos bilhetes, Renato evidenciou diversos motivos para o “enjeitamento”, vinculados às crises diferenciadas no mundo da pobreza, entre eles: a morte dos pais, o nascimento de filhos ilegítimos (evidenciando que a prática de recorrer às instituições não era exclusiva das famílias pobres, mas estendiam-se para as mulheres brancas da elite, devido aos seus relacionamentos extraconjugais), a indigência, a pobreza, a impossibilidade de alugar amas negras e, no caso das mães escravas, o “enjeitamento” poderia significar a liberdade para os filhos, pois *do ponto de vista legal, meninos e meninas enjeitados eram considerados livres*.¹⁶¹

Do contato com as interpretações de Renato Pinto Venâncio pude notar que as famílias pobres brasileiras vêm ao longo do processo histórico tecendo diversos estratégias para a transformação das condições adversas de pobreza e exclusão social.

No passado, se apropriavam ora da lei, como no caso das mães negras, como alternativa para livrar os filhos da residência senhorial, ora das instituições, seja por motivos econômicos ou morais, tendo em vista proteger e resguardar a vida dos filhos.

Se nos séculos XVIII e XIX temos os recursos à Casa da Roda, no século XX, temos as famílias pobres recorrendo à FUNABEM de Viçosa, como alternativa de sobrevivência, num ato de amor e preocupação com o futuro dos filhos. Se no Brasil antigo o “abandono” de crianças dizia respeito principalmente aos pobres, ainda no século XX, o ato de enviar os filhos à instituição tornava-se inevitável para as famílias dos meninos que viveram na EAAB.

¹⁶⁰ VENÂNCIO, Renato Pinto. *op cit*, p.73.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*. p.82.

Mesmo sob o peso da exclusão, as famílias brasileiras não deixaram de buscar formas alternativas para solucionar seus problemas mais imediatos e para realizar projetos futuros.

Acredito que as evidências trazidas pelas correspondências nos permitem analisar o “problema do menor” tomando por base o “abandono do Estado” e não o “abandono familiar”.

Os infindáveis projetos de vida trazidos à tona nas correspondências, que relacionavam ideais de trabalho, família, dignidade, paz e um futuro mais promissor, evidenciam que não eram as famílias que abandonavam seus filhos e os deixavam ao “Deus dará”, mas sim o Estado e a sociedade que abandonavam essas famílias.

As correspondências trazem muito mais que sonhos com uma realidade social diferente, mas evidenciam as resistências desses sujeitos a permanecerem às margens da cultura dominante e a contestação à ordem estabelecida. A luta pela vaga na FUNABEM e suas palavras, evidenciam as tensões entre a realidade social vivenciada e o ideal de modificá-la. São palavras carregadas de saudade, afeição pelos filhos, esperanças, valores morais e descontentamento com as condições concretas de vida.

Decorridas cerca de duas a três décadas após a emissão dessas correspondências, pelas quais as famílias pobres tomavam decisões em relação ao destino dos filhos, a nossa sociedade ainda não forjou condições concretas para solucionar, ou ao menos amenizar, os dilemas enfrentados cotidianamente pelas classes pobres na luta pela sobrevivência. As condições de vida de milhares de famílias pobres brasileiras não melhoraram com o passar dos anos, e muitas queixas dessas mães e pais, continuam ainda vivas na imagem de vários pais no tempo presente.

CAPÍTULO III

“Ah! É aluno de FUNABEM? É você não vai ter futuro nenhum namorando com um rapaz desse...”¹⁶²

No capítulo anterior, busquei compreender o universo cultural das famílias dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa, discutindo sobre as experiências e relações sociais vivenciadas “em família” e o que significava “ser criança oriunda das classes trabalhadoras pobres”, entre os anos de 1964 e 1989.

Meu intuito neste capítulo consistiu em pensar como os meninos experimentavam situações e relações fora da dinâmica institucional, como tratavam essas experiências no passado e as significam no presente, pois os ex-internos evidenciam em suas narrativas que seus viveres não estavam restritos ao espaço institucional, mas ultrapassavam-no.

Após uma semana de estudos e trabalhos, as expectativas eram enormes em relação aos passeios no centro da cidade de Viçosa, que aconteciam nos fins de semana, prática geralmente comum entre as famílias brasileiras, em que os sábados e/ou domingos são destinados ao lazer:

G: E como eram esses passeios no centro da cidade de Viçosa?

L: Todo final de semana era desse jeito: ó, dia de sábado e domingo, só sábado e domingo que vinha aqui pra Viçosa aqui, quando a gente tinha, a gente tinha liberdade de vim pra cá e ficava em Viçosa pra passear, em Viçosa aqui né. Então no sábado e domingo tinha uma turma, por exemplo, hoje por exemplo é um alojamento, tem negócio de alojamento, era alojamento, tinha um, dois, três, quatro né. O quarto alojamento era dos pequenim né, e os outros é, ia em seguida, segundo, o terceiro médio, o segundo maiorzim e o primeiro bitelão... Então cada final de semana um alojamento vinha pra rua, é que o ônibus trazia os aluno e liberava e soltava eles ali e ficava fazendo de tudo quanto há, mas fazia assim, passeava, andava, ia pro cinema, ia pra tudo quanto é lugar né. Assim, aí na outra semana ia outro alojamento, nunca vinha todo mundo não, assim cada tempo era uma turma. Era desse jeito todo final de semana.¹⁶³

¹⁶² Fragmento da entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa – ex-interno da FUNABEM de Viçosa (Acervo particular da autora).

¹⁶³ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

Por meio das narrativas escritas e orais, pude perceber como interagiam em outros espaços de sociabilidade, para além do cotidiano institucional. Em suas narrativas emergem práticas estabelecidas em outros lugares e que também constituíam seus modos de vida, como as interações nas ruas, praças, casas de família, cinema, campus da Universidade Federal de Viçosa, danceterias, clubes, campos de futebol e outros locais de lazer no centro da cidade de Viçosa.

Além das narrativas escritas e orais, as fotografias constituem outras linguagens que produzem memórias sobre os viveres desses sujeitos no passado. Evidenciam que a vida dos meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa não estava limitada ao universo institucional.

Era comum encontrá-los pelas principais ruas do centro comercial de Viçosa em suas apresentações nos dias “sete de setembro” e nos desfiles comemorativos do aniversário da cidade.

A participação dos alunos nos desfiles comemorativos também aponta para as pretensões da política educacional de caráter nacionalista, utilizada pela FUNABEM, que buscava difundir as idéias civilizadoras das elites, além de tentar imiscuir no interno a noção de pátria.

Vale ressaltar que o caráter dessa política educacional nacionalista estava explícito na Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º graus – 5692/71. No momento histórico da ditadura militar foi instaurada no ensino brasileiro uma tríade de disciplinas, que tinham um sentido moralizante, de ensinar os alunos a serem fiéis à nação e aos seus dirigentes: Estudos Sociais, que compactavam História e Geografia, visto que foi negado à História o estatuto de disciplina escolar autônoma, pois o governo temia a “subversão” e ensinar história poderia significar a formação de alunos com espírito crítico, questionadores da “ordem social” e oposicionistas à ditadura militar. OSPB e Educação Moral e Cívica eram as outras disciplinas que se voltavam para o objetivo de tornar o aluno fiel à pátria. Portanto, ao lado das disciplinas técnicas, do ensino religioso, também eram oferecidas as disciplinas moralizantes, no intuito de fazer dos indivíduos “cidadãos amantes da pátria”.

Na edição de comemoração ao “centenário de nascimento do ilustre viçosense Dr. Arthur da Silva Bernardes” a FUNABEM é destacada como aquela que trabalha para o “progresso na Terra de Bernardes”. O artigo do *Folha de Viçosa* aponta para o

caráter da política educacional nacionalista, posta em prática pela FUNABEM de Viçosa:

As organizações que continuam fazendo o progresso na terra de Bernardes...Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – EAAB.

A EAAB, além de três amplos dormitórios, possui, ainda, enfermaria com 12 leitos, assistência médico odontológica, setor esportivo (diversas modalidades, grêmio esportivo, palco teatral onde constantemente são apresentadas belíssimas peças), cinema com 288 lugares (onde aos sábados há projeção de filmes), ampla capela para 320 pessoas onde duas vezes por mês reza-se a santa missa, diversas oficinas onde os alunos têm oportunidade de fazerem a sua iniciação profissional... Os alunos da EAAB da FUNABEM participam de todas as atividades agropecuárias da escola, que, neste setor, funciona como uma grande e bem planejada fazenda. Sua horta fornece verduras e legumes para a escola, estando sendo feito um grande trabalho no setor de Pomicultura que, em pouco tempo, trará a auto-suficiência, também neste setor, para a EAAB.

Apoiados na trilogia união, trabalho e educação, o corpo diretor, administrativo, funcionário e operário da EAAB vive em perfeita sincronia, funcionando como um corpo sadio à procura do cumprimento exato de sua principal filosofia e razão de ser; educar estes meninos – anteriormente abandonados – que contribuirão para o fortalecimento da raça vivente nesta terra chamada “Pátria amada – Brasil”.

Por sua grandeza em todos os setores, a Escola Agrícola Arthur Bernardes da FUNABEM, principalmente pela sua integração com a sociedade viçosense no trabalho de reeducação dos alunos, pela sua meta e realizações efetuadas afirmamos que a Escola Agrícola Arthur Bernardes é uma das instituições que contribuem para o progresso na terra de Bernardes.”¹⁶⁴

É importante ressaltar o sentido de “progresso” na perspectiva dessa memória triunfante que se construía sobre a FUNABEM de Viçosa. A noção de “progresso” aparece associada muito mais à idéia da “trilogia união, trabalho e educação”, portanto, ligada ao aspecto moral, do que à idéia de desenvolvimento econômico da cidade. Algumas noções como “educar os meninos anteriormente abandonados”, “fortalecimento da raça vivente...” eram trabalhadas visando justificar as ações e a presença da FUNABEM como uma instituição capaz de “reeducar” os meninos para torná-los pessoas decentes, honradas e trabalhadoras.

Percebe-se na construção e divulgação da memória exaltadora dos feitos da FUNABEM, a idealização de “Bernardes” como o modelo de cidadão viçosense a ser seguido, além da difusão do discurso criminalizador que apresentava o interno como

¹⁶⁴ “Folha de Viçosa”, ano 12, 25/05/1975-nº306.

“infrator” e “abandonado”, portanto, como aquele que precisava ser “reeducado” e “amparado”.

No jornal Folha da Mata, a FUNABEM era apresentada como aquela que trabalhava para o progresso moral por meio da atividade de “*educar os meninos*” para o trabalho. O trabalho é visto, nesta perspectiva, como aquele que proporciona ao “menor” o desenvolvimento das faculdades morais.

As fotografias abaixo evidenciam a idealização do “menor” como o jovem brasileiro digno e trabalhador, aquele que se desejava para conviver na “*terra de Bernardes*”.



**Foto: comemoração do aniversário de Viçosa, 30/09/1969.
Arq. Pesquisa: Tony Mello.**



Foto: EAAB Saúda Viçosa, 30/09/1969.
Arq. Pesquisa: Tony Mello.

Os meninos limpinhos, enfileirados, ordeiros e amantes da “*pátria amada chamada Brasil*” evidenciados nas fotografias, representam o tipo de gente que se queria pra conviver na *terra de Bernardes*, além de reafirmar a visão de que a FUNABEM realmente “deu certo” no seu empreendimento de tornar esses meninos “*anteriormente abandonados*”, cidadãos.

No entanto, se para a cidade era importante apresentá-los como participantes das comemorações cívicas, também para os ex-internos participar dos desfiles era muito significativo, pois era um sinal de que eles existiam e se relacionavam nesses espaços, apesar das suas diferenças e de o todo preconceito com que eram vistos.

Na pesquisa das fotografias pude perceber elementos que fizeram parte das culturas desses sujeitos nas suas interações na cidade. Além das experiências vividas na FUNABEM, as fotografias evidenciam outras atividades que constituíam seus modos de viver no espaço urbano.



**Foto: Banda de Música dos Meninos da FUNABEM de Viçosa
Desfile Sete de Setembro – Avenida Bueno Brandão – 1979.
Arq. Pesquisa: Tony Mello.**

A banda de música da FUNABEM de Viçosa – EAAB – sempre estivera presente em algumas festividades que aconteciam na cidade. Nessas ocasiões, além de interagirem em outros espaços, os alunos se apresentavam como músicos talentosos.

Os passeios no centro da cidade, referenciado nas narrativas de ex-internos e funcionários como “saídas”, mostraram-se bastante significativos para pensar como os “menores” se fizeram “maiores” nos seus relacionamentos na e com a cidade de Viçosa.

Suas narrativas me permitiram compreender como as relações sociais foram travadas na cidade enquanto “menores” e como tais relações se modificaram ao serem desligados da instituição, agora como “maiores”.

Ao recompor suas experiências de vida na cidade, os ex-internos as significam como momentos de liberdade, de alegria, porém evidenciam que a tal liberdade vivenciada durante as “saídas” era censurada por parte da sociedade viçosense:

G: O que você fazia durante os passeios? do que mais gostava nos passeios?

L: O que eu mais gostava nas saídas? ... Uai, eu gostava muito de andar, passear, olhar, ir no cinema, até no cinema eu ia né, e dançar e de noite, também dançar também num ambiente, dançava. E de princípio aqui teve um momento que eles liberava pras pessoa vim dançar aqui no Atlético e tudo direitim né. E nós também dançava mais era lá também porque botava sempre música lá pra gente dançar, tudo direitim. E aqui também os aluno, eles colocaram sempre um somzinho bom aqui em Viçosa e os aluno dançava, mostrava as dança deles, tudo direitim né, os carioca. Era desse jeito. E tinha também os aluno ia dançar também. Então tinha tudo isso. Comprava com o pagamento, uns guardava, outros gastava, uns num vinha na rua mas mandava outro comprar, era tudo assim. Eu gostava muito do passeio, era muito bom...final de semana vinha aqui na praça, na rua aí, ficava andando aí. Vinha, andava, namorava tudo, ficava aí, tinha até namorada aqui da cidade. Era normal, era uma vida normal assim né pra quem tava dentro de um lugar que tinha que dormir lá dentro da escola, a vida no dia-a-dia era normal. O problema era desconfiança né, eles ficavam desconfiado... eles ficava desconfiado, as pessoas.¹⁶⁵

As vivências em diversos espaços de socialização durante os passeios adquiria o sentido de autonomia, de estabelecer vínculos, namorar, possibilidades de realização de desejos de consumo propiciados pelo fruto do trabalho, de lazer. Ao mesmo tempo, as ruas da cidade de Viçosa são apresentadas como espaços da discriminação e da “desconfiança” das pessoas.

Além de interagir em outros ambientes, nas “saídas” os meninos cariocas exploravam um universo social distinto e desconhecido:

Nós rodava pra conhecer, com os amigos, pra conhecer assim...nós passava um tempo dentro da cidade...Eu nem conhecia Viçosa direito, eu nem conhecia Viçosa...Eu andava assim, ficava mais na praça sentado, porque nós tinha dinheiro, podia ver filme na cidade porque na época tinha muito filme pra ver aqui...cinema. Nós vinha muito no cinema a noite e comprava rapadura pra levar pra Fundação lá uê..¹⁶⁶

¹⁶⁵ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno, da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁶⁶ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com o senhor Mário Luciano Santos Maia, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

As memórias do senhor Cléber também evidenciam como se davam as relações desses sujeitos em outros espaços e as maneiras como alguns cidadãos viçosenses os viam e os tratavam naquele momento histórico:

G: ...E por falar em “saída”, como eram esses momentos de passeios no centro da cidade de Viçosa?

C: A gente tinha a “saída” lá também né. Ó, o dinheiro que a gente recebia não dava pra muita coisa não, mas normalmente a gente ia pro cinema, algumas meninas que tinham na cidade né a gente ia pros bailes, aí quando alguém tinha um dinheiro levava pra tomar um sorvete né, pagava o baile, fazia aquela pressão né, fazia aquela coisa bonita assim, mostrando que tava com alguma coisa no bolso né... aí levava a menina pra dançar, se divertia e tudo, é igual os meus colegas aqui em Viçosa, fizemos uma turminha também né e todo final de semana, a gente fazia um piquenique aqui na Universidade né, porque lá tem uma área de lazer lá em cima, aí levava, aí juntava com algumas meninas da cidade e alguns rapazes né, e fazia uma espécie de um hi-fi, aí levava uma bebida, levava é comida, um levava pizza, aí fazia uma brincadeira, levava som pra universidade na parte de cima, aí botava um funk, botava um forró, botava lambada, porque na época era lambada né, que chamava a atenção, aí fazia uma brincadeira muito boa, nós com algumas pessoas da sociedade, as próprias meninas e alguns rapazes né, e assim era uma coisa muito bonita. Então, o problema na época era que a sociedade achava que aluno de FUNABEM era é...tinha um certo preconceito né. E porque ser aluno de FUNABEM era um sinal de que ele era um bandido, e que não poderia somar nada na sociedade também.¹⁶⁷

Ao lado de experiências de autonomia nos bailes, piqueniques, namoros, do ato de consumir por meio do baixo poder de compra que possuíam, esses sujeitos, no passado, também experimentaram situações constrangedoras.

O estigma associado à condição de “ser menor da FUNABEM” os acompanhava durante os passeios. Eram reconhecidos nas ruas e locais de lazer como “menores da FUNABEM de Viçosa” e, por isso, vistos e tratados como bandidos, violentos, degenerados.

A visão liberal disseminada pelo discurso institucional, ao que as fontes evidenciam, passou a ser incorporada por alguns cidadãos viçosenses. Tais discursos ignoravam os problemas sociais vinculados ao processo estúpido de acumulação de

¹⁶⁷ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

capital, tal como a estratificação e injustiça social, e apresentava o problema do “menor” em função da “desestruturação familiar”.

Na ótica da instituição, eram as famílias dos meninos as responsáveis pelo estado de privações vivenciado pelos filhos.

Como já dito no primeiro capítulo, os documentos produzidos pela instituição, sobretudo os periódicos “FUNABEM Boletim de Notícias” e “FUNABEM Destaque Especial”, indicavam a construção de discursos que elaboravam uma maneira de apresentar “o menor que vivia na FUNABEM” associado ao crime.

Tal postura liberal que tendia a culpar esses sujeitos pela própria carência e pauperização vividas, além de estigmatizar os meninos como “criminosos que necessitavam serem reformados e reeducados”, mostrava-se como uma estratégia eficaz para resguardar a boa imagem da instituição e escamotear os embates na dinâmica social, que não eram colocados em evidência.

O discurso institucional, ao narrar as vivências dos internos tomando por referência o crime, adquiriu grande força e credibilidade entre as pessoas, que passaram a enxergar os meninos que viviam na FUNABEM de Viçosa da pior maneira possível. As formas pejorativas e criminalizantes de ver os meninos norteavam as ações dos cidadãos viçosenses e a maneira de tratá-los na cidade.

Na imprensa viçosense há a construção de um discurso que apresentava a FUNABEM numa perspectiva de “salvação”:

EAAB faz 50 anos com muita festa

No dia 7 de novembro de 1926, a cidade de Viçosa recebia com fogos, aplausos e vivas a inauguração de uma instituição de ensino que, por suas metas e grandiosidade, estava fadada a assumir posição de relevo no ensino regional.

É que no imóvel então denominado “Fazenda da Vargem”, adquirido pelo governo de Minas Gerais, inaugurava-se o Patronato Agrícola Arthur Bernardes, cujo primeiro diretor foi o senhor Carlos de Araújo Moreira.

Assim começou a história desta instituição que é hoje orgulho não apenas dos viçosenses, mas do estado e da nação, pelos relevantes serviços que nos vem prestando...

Chegamos então ao dia 7 de novembro de 1976.

Agora, a Escola Agrícola Arthur Bernardes, pertencente à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor completa sua maioria...meio século...São 50 anos em que o homem deu a mão ao seu semelhante, na forma mais digna possível e, embora a sua estrutura administrativa seja bastante diferente dos idos de 1926, pouco, ou

*quase nada, foi mudado no objetivo maior da Escola, a realização do homem.*¹⁶⁸

As contradições, lutas de classes e desigualdades sociais sofridas pelos meninos permaneciam ocultas pela visão liberal ante a divulgação intensa da imagem positiva da FUNABEM como instituição “reeducadora”, como aquela que promovia a “segurança nacional” por meio de sua ação “reformadora”. Por meio de uma atuante Assessoria de Comunicação Social, o Estado promovia propagandas sobre as obras da instituição, que visavam influenciar o público – a sociedade.

A mensagem que se pretendia disseminar era clara: a FUNABEM é boa, assim como a sociedade o é; por sua vez, “o menor” é quem está socialmente inadaptado e doente, precisando portanto, ser curado e reintegrado à sociedade.

Também no espaço da instituição foram construídos monumentos que produziram uma memória triunfante das ações públicas, em detrimento dos modos de viver e de trabalhar dos sujeitos que ali viveram:



**Foto: André Ribeiro
(Acervo particular da autora).**

¹⁶⁸ Folha de Viçosa, ano 13, 14/11/1976 – nº 379.

Na fotografia supracitada podemos evidenciar que a construção de tais monumentos firmavam a imagem do poder público como aquele que “resguarda” interesses comuns, que “presta serviços à sociedade”.

Este discurso, que apresentava um caráter de “salvação”, alcançou a aceitação de parte da sociedade viçosense, a qual passou a acreditar que a FUNABEM representava a solução para o “problema do menor”. Além disso, também era reafirmado na visão de alguns ex-funcionários, como por exemplo, o senhor J.A.S, que quando interrogado sobre o trabalho desenvolvido com os internos, comparou a função de monitor com a de herói:

Ô Gisélia, eu tô muito satisfeito de estar aqui, porque vou te falar viu...quando você poderia se sentir orgulhoso de se dizer inspetor da FUNABEM, porque o inspetor que permanecia aqui,tinha muita gente que tinha medo até de passar na estrada né, porque a fama, aquele negócio de falar aquele ali é aluno da Fundação...Então tinha muitas pessoas que tinha medo até de passar na estrada né. Quando você chegava na cidade e falava que era inspetor da FUNABEM, nosso Deus do céu, cê era igual um Deus. Porque devido aos alunos ser muito forte, todos carioca, porque o carioca quando é marginalizado, eles só coisas ruins que pensam dele... Então, nós que vencemos podemos dizer que somos heróis, nós somos heróis. Porque enfrentar os meninos, porque tinha muitos deles que eram marginalizados mesmo, eram revoltados, mas muito revoltados, então eles queriam descontar em alguém...Então traziam eles pra esse lugar aqui porque aqui era distante do Rio de Janeiro, então eles ficavam revoltados e tentavam descontar isso em você. Então eu me considero um herói de ter permanecido esses anos todos.¹⁶⁹

Na memória dos trabalhadores, percebi que alguns, ao reforçarem a visão estigmatizante, rememoravam suas relações de trabalho, apresentando-se orgulhosamente como “heróis”, pois enquanto os viçosenses tinham “medo” até mesmo de passar perto da escola, de dividir a mesma estrada com os internos, eles, os funcionários, justificam no presente a importância das funções que exerciam no passado, afirmando que enfrentavam os “revoltados” que a sociedade temia.

Quando iniciei esta pesquisa no acervo do CENTEV/UFV, do jornal Folha da Mata e da Câmara Municipal de Viçosa, diversas pessoas que transitavam nesses locais, ao me verem sobre os “papéis velhos”, me indagavam sobre o que eu estava fazendo ali. Ao respondê-las e referir-me sobre minha problemática de pesquisa – as vivências e

¹⁶⁹ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

experiências de uma geração de meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1964 e 1989 – era comum o espanto dos sujeitos diante da minha temática.

Nesses momentos de pesquisa *in loco*, acabei realizando muitas entrevistas informais, sem gravador, e que foram muito produtivas e esclarecedoras de muitas dúvidas. No diálogo travado com os trabalhadores ou visitantes do Jornal, do CENTEV/UFV e da Câmara Municipal, percebi que a maior parte das pessoas adotava a postura de identificar e classificar os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa como revoltados, o que importava em suas falas era o crime. Elaboravam o estereótipo da instituição como um lugar sempre infernal, onde as crianças internas apareciam como rebeldes e frustradas.

Eram lembranças fantasmagóricas que estavam em contraposição com as trajetórias de vida e significados que os ex-internos conferiam às relações experimentadas na instituição. Muitos viçosenses lembravam-se da presença dos meninos na cidade e do quanto os cidadãos sentiam-se amedrontados e incomodados de compartilhar os mesmos espaços públicos com os “menores da FUNABEM”.

Nos interrogatórios de familiares, amigos e pessoas que não eram de Viçosa, sobre o que eu estudava no mestrado, o espanto destes com as respostas também se fez presente. Tal espanto intensificava à medida que eu explicava as fontes com as quais dialogava, entre elas as orais – entrevistas com ex-internos. Lembro-me quando descobri o primeiro ex-interno a ser entrevistado na cidade de Viçosa: cheguei em casa nutrindo muitas expectativas, era grande minha ansiedade e busca por encontrá-los, afinal, tratava-se de um diálogo que ia ser travado no dia posterior, com o sujeito que buscava dar visibilidade nesta pesquisa.

Logo, espalhei a “boa nova”: “Gente, ganhei meu dia hoje, encontrei um ex-interno da FUNABEM de Viçosa, o senhor Mário, um dos poucos que permaneceram na cidade, e ele se dispôs a conversar comigo e contribuir para o desenvolvimento do meu trabalho.”

Minha mãe, imediatamente, questionou-me: “Mas, você vai lá entrevistá-lo sozinha?” Entre as primas, era comum outro tipo de pergunta: “Nossa Gisélia, você é doida! Cê num tem medo não?” Ou, nas conversas durante os almoços nas casas de familiares em Porto Firme, cidade muito próxima de Viçosa, distando apenas 26 km desta, as lembranças eram outras: “Ah, sim!” Eu me lembro muito da FUNABEM, pois

durante minha infância os meus pais, quando me pegavam em alguma estripulia, sempre ameaçavam me levar pra lá, e eu morria de medo.”

Interrogatórios e comentários desse tipo eram frequentes entre aqueles que tinham curiosidade de saber mais sobre o meu trabalho e, por sua vez, expressam olhares incriminadores sobre as crianças carentes.

Percebi que tais representações sobre os “menores da FUNABEM de Viçosa” estavam fundamentadas nas concepções que as pessoas têm sobre o cotidiano em instituições de assistência à infância e adolescência pobres, dos dias de hoje. Assim, fazem julgamentos de valor sobre uma geração de meninos que viveram num tipo específico de instituição, há algumas décadas, num momento histórico diverso, tomando por referência as experiências vividas por outros meninos, em distintas instituições do país, do tempo presente.

No passado, muitos cidadãos viçosenses, ao incorporarem tal visão estigmatizante e liberal, agiam no sentido de reprimir ou esquivar-se de compartilhar os mesmos lugares dos meninos quando se viam em presença destes na cidade. Na concepção de muitos viçosenses, evidenciada nas narrativas, o interno era visto como aquele que possuía características essencialmente negativas: era deturpado e perigoso. Era visto como aquele indivíduo que possuía uma “tendência hereditária” a cometer atos infracionais.

G: sobre a dinâmica na instituição...

*F: Os menino visitava a cidade né, e dizem que em Viçosa quando o ônibus cheio daqueles menino tudo uniformizado, o povo quase fechava as porta de tanto medo. Tinham tanto medo, na época o preconceito era muito grande. É claro que tinha os levado né, mas como tem numa sociedade qualquer, mas o povo não entendia que eles eram uma sociedade não, pra eles, eles eram marginal.*¹⁷⁰

As narrativas, tanto escritas quanto orais, me levaram a buscar o significado de “ser interno da FUNABEM na cidade de Viçosa” num momento histórico em que a sociedade reforçava visões estigmatizantes e realimentava os interesses e “projetos estético-ideológicos” do discurso institucional.

O diálogo com as fontes orais, sobretudo as memórias dos ex-internos, me colocaram diante da necessidade de problematizar a memória hegemônica e triunfalista

¹⁷⁰ Entrevista realizada no dia 10/8/2005 com a senhora Maria de Fátima de Souza Freitas. (Acervo particular da autora).

da FUNABEM, legitimada nos jornais e periódicos analisados. Levaram-me a compreender e dar visibilidade a “outras histórias” sobre os “viveres dos internos” que não se encontram nos jornais, pois a imprensa contava suas histórias do ponto de vista da administração institucional e não daqueles que viveram e compartilharam relações nesses diferentes lugares de sociabilidade.

Por meio dos elementos dos seus viveres trazidos nas narrativas, busco colocar em movimento a memória hegemônica com as experiências reelaboradas. As narrativas contrapõem-se ao processo de exaltação da imagem institucional como “reformadora” à custa da construção da desmoralização da imagem dos meninos e de suas famílias.

Nesse sentido, as narrativas orais e escritas contribuem para modificar uma visão sobre suas vivências, suscitando novas maneiras de pensá-las.

O senhor Cléber, ao reelaborar os viveres na cidade de Viçosa na condição de interno da EAAB, evidencia que as interações em outros espaços sociais era perpassada por tensões. Pude perceber que durante as “saídas” estabelecia-se um embate de classes, conflito de valores entre segmentos sociais heterogêneos que disputavam os mesmos espaços públicos.

G: O Mário me disse que durante as “saídas” muitos comerciantes fechavam as portas ao verem vocês...você se lembra disso?

C: Quando a gente vinha pra cidade, muitos comerciantes fechavam as portas, fechavam as portas. Aí muitos ficavam preocupados quando o ônibus chegava na cidade, aí eles fechavam as portas né. Fechavam não abriam pra mais nada....ficava tudo fechado é, quando eles viam que dava assim seis e meia, sete horas eles “craque”...baixavam as portas. Fechavam, fechavam mesmo. É porque assim, normalmente as lojas fecham seis e meia, sete horas né, mas quando sabiam que os alunos vinham aí eles fechavam mais rápido ainda....No caso quando algum aluno ia tomar um sorvete ou entrar em alguma coisa ou numa padaria, o pessoal já ficava até de olho né, prum lado e pro outro assim, olhando né pra ver o que que tava acontecendo. Se ia mexer em alguma coisa entendeu...e mesmo assim, quando alguma coisa tava aberta, eles olhavam e ficava de olho pra ver se alguém ia mexer em alguma coisa, mas tinha muitos que quebravam a cara, porque o cara chegava ali só pra comprar mesmo, tinha um dinheiro, tinha um dinheiro, comprava, saía e não dava problema nenhum. Era até o próprio preconceito deles mesmo, às vezes alguém falava assim: “ó, cê cuidado em Fulano, os aluno já tá na hora deles chegar, fecha as portas hein”... Alguns já até sabiam e “trum”...trancava as portas mesmo....acontecia isso¹⁷¹.

¹⁷¹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

Nas narrativas são muitas as evidências das relações de conflito travadas diante da presença e atuação dos meninos na cidade. Os cidadãos viçosenses, principalmente os comerciantes e proprietários dos meios de produção, se consideravam os únicos pertencentes do direito sobre a cidade.

A presença dos meninos na cidade representava para parte da sociedade viçosense a descaracterização do espaço urbano e do seu aspecto ordeiro. Dessa forma, a instituição era vista como o lugar de onde os meninos não deveriam sair, um mundo à parte.

No entanto, como evidenciado pelo Cléber, “*quebravam a cara*”, pois seus juízos de valor sobre os internos não condiziam com os valores e intenções destes últimos. Possuíam poder de compra porque trabalhavam, e utilizavam os espaços públicos para comprar, namorar, divertir, dançar, jogar bola, e não para roubar.

Tais relações foram experimentadas pelos ex-internos com profundo constrangimento. A partir dessas experiências constituídas em relações antagônicas, evidenciam como agiram sobre a dinâmica social no intuito de romper com o tratamento preconceituoso que lhes era dispensado.

E acabava alguns chegando assim, uns iam no cinema, alguém entrava em algum lugar aí a pessoa desconfiava né e por isso mesmo, quando eu saía na cidade, eu evitava até de entrar em certos lugar, porque igual eu me sentia constrangido de entrar num lugar em que a pessoa ficasse te olhando e achando que você ia roubar né, eu nunca gostei disso. Então, igual eu falei com você, eu aproveitei, como sou um cara assim meio sistemático, não gosto que ninguém chame a minha atenção e que assim, me reprima porque, não porque eu fui da escola que eu sou né....que eles tinha que falar assim: você é isto ou aquilo. Não, mostramos à sociedade, eu e alguns colegas meus, que nós também temos capacidade em estudar, em ser alguém na vida, trabalhar também né.¹⁷²

Como o senhor Cléber evidencia nesta passagem, ele e seus colegas projetaram um outro caminho que não aquele que a sociedade lhes destinava: o do crime. Mesmo com todas as dificuldades inerentes à pobreza, imaginavam-se seguindo uma profissão por meio dos estudos, e hoje mostram à sociedade que, mesmo em condições adversas, tiveram *capacidade em estudar, em ser alguém na vida, trabalhar...*

¹⁷² Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da Autora).

Na articulação que se construía entre cidade, “menores” da FUNABEM visto como infratores, e trabalhadores viçosenses, não só os internos experimentavam situações constrangedoras, mas também os funcionários que os acompanhavam:

G: E sobre os passeios na cidade aos fins de semana?

M: Eles saíam aos fins de semana né? Porque até hoje o normal de quase toda família é isso mesmo né? Chegava na cidade, o ônibus parava, perto da prefeitura e cada um ia pro lugar que queria. Só que dez horas em ponto eles tinham que tá no ponto de novo, entendeu? Eu até... na época que eu saía com os alunos pra fazer compra, eles gostavam muito de roupa colorida, relógio...relógio baratim, tinha umas lojas... e eu até me sentia as vezes meio acanhado, porque quando eu chegava na loja o pessoal parava de atender os outros e ficava com exclusividade, de olho neles. Eles também gostavam muito de rapadura, doce em geral....mas rapadura era incrível.¹⁷³

Embora fossem considerados um perigo, principalmente sob o ponto de vista dos comerciantes, a resposta dada pelos ex-internos a tal tratamento preconceituoso era justamente o contrário do que se esperava de suas ações.

As narrativas evidenciam que as maneiras de vê-los e tratá-los se chocavam com os propósitos e desejos conscientes dos meninos em suas práticas e ações pela cidade. Entravam nos estabelecimentos comerciais não para furtar, mas para comprar “roupa colorida”, “relógio baratim”, doces, “rapadura”, pois, envolvidos por intenções de consumo, tinham outros meios de realizá-los que não o roubo.

Nesse sentido, o trabalho, embora referido pelos ex-internos como pesado, era também significado positivamente por eles como algo construtivo, significava a possibilidade de realizar expectativas durante as “saídas”. Contudo, nem sempre o baixo poder de compra, fruto da labuta, era utilizado de acordo com as maneiras ensinadas pela instituição:

G: Já que o senhor falou de infração....eu queria saber: quais os tipos de infração mais frequentes?

J: O tipo de infração que eles pensavam na cidade por exemplo, era o cigarro, porque não podia fumar, mas de jeito nenhum, mas nem no sonho. Porque o prédio era não, é ainda todo forrado de taubinha, então uma fagulha de cigarro que caísse, meu Deus do céu, era incêndio total. E, devido também Gisélia, que no meio desses aluno tinha muito aluno menor de 12 anos, de 10 anos. A maior infração

¹⁷³ Entrevista realizada no dia 11/8/2005 com o senhor Milton Lopes Duarte. (Acervo particular da autora).

*deles era o cigarro, porque eles tentavam fumar. Aí tinha que dar geral Gisélia, mas a pente fino, para que não passasse cigarro.*¹⁷⁴

As relações pedagógicas, que ditavam, entre outras regras educacionais, formas “corretas” de gastarem o que recebiam, embora exercessem certa capacidade de impor limites a algumas práticas, consideradas como “infracionais”, não se mostravam totalmente capazes de controlar as expectativas e totalidade das vidas dos internos. Muitos persistiam em comprar cigarros, exercendo a autonomia que tinham na cidade, mesmo que esta fosse censurada pela sociedade e vigiada pela instituição.

Já que as “saídas” eram muito valorizadas pelos meninos, para aqueles que contrariavam a hegemonia institucional o grande castigo seria “ficar sem saída no próximo fim de semana”. O senhor Cléber, interrogado sobre como eram os momentos de passeios no centro de Viçosa, evidencia relações de subordinação, das quais sempre davam um jeitinho de escapar:

A maioria se comportava bem e procurava fazer o melhor dentro da sociedade né mas, aí a nossa turminha por exemplo... algum dia eu fiquei sem saída porque aqui tinha uma exposição que na época foi muito boa sabe e, o horário de chegar nosso era até as onze horas da noite então, a gente não podia passar disso. E tinha um ônibus pra buscar a gente aqui, perto da... num ponto ali x né, e eu mais quatro rapaz, alunos até bons dentro da escola né, perdemos esse ônibus, e o que que aconteceu... Aí nós tentamo pegar e fomos correndo né, o ônibus foi até aquele horário aí, falei assim, não se a gente consegui correr um pouquinho nós ainda vamos chegar um pouquinho atrasado aí quem sabe ajuda um pouquinho no outro dia a dar uma certa liberdade pra nós, porque cada regra tinha exceção...Aí nós chegamos e explicamos: ô seu Ubiraci, é a festa tava muito boa, tinha um baile, a gente tava dançando com umas meninas entendeu, e aí quando nós olhamos o horário, tava atrasado já, já era onze e dez já, então nós corremo, então nos chegamos era onze e vinte e cinco, vinte e cinco minutos depois né, aí explicamos direitinho pra ele. Aí ele olhou pra cara da gente e falou assim: não amanhã nós vão ver o que nós vamos fazer com você, aí olhou deu aquela risadinha assim né, aí então pra não deixar nós sem saída né, até o funcionário Souza né, que no outro dia era plantão dele aí eu acho que o Ubiraci comunicou que era pra dá um servicinho pra gente fazer...aí falou assim que a saída tá liberada pra mais de noite, aí nós ficamo tudo alegre. Aí nós ficamo tudo alegre, voltamos no outro dia pra exposição, nós fomos com as meninas, as meninas ficou até preocupadas: a cês vão sair? Ligaram

¹⁷⁴ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

*pra nós lá pra ver se a gente ia sair: não, não, tá liberado a saída, elas ficaram tudo alegre, aí nós fomo embora, todo mundo alegre.*¹⁷⁵

Acho importante ressaltar aqui que, diante da ameaça de ficarem sem passear nos finais de semana, os meninos construíam discursos fundamentados na consciência de que toda “*regra tinha exceção*”, no intuito de sensibilizar os funcionários e facilitar suas “negociações”. Portanto, utilizavam seus poderes persuasivos para conduzi-los a reverem suas decisões.

Esses momentos de “negociar a próxima saída” evidenciam como as formas hegemônicas da instituição apresentavam fissuras, sofriam modificações, e incorporação das práticas dos internos, que passavam a ser reconhecidas.

Além de disputarem a hegemonia institucional, os internos disputavam a cidade de Viçosa. Eles evidenciam as dificuldades enfrentadas para estabelecer vínculos e manter laços de amizade em Viçosa, pois o sentimento de medo, de ojeriza e de rejeição de muitos pais ou familiares das crianças e jovens viçosenses os proibia de falar ou brincar com os “menores cariocas da FUNABEM”, visto que representavam uma péssima companhia para seus filhos.

Assim, as relações travadas na cidade eram marcadas pela contradição e pelo conflito de valores e interesses entre os meninos pobres e trabalhadores da FUNABEM e as demais crianças viçosenses.

O senhor Luis “Baiano”, ao rememorar esses momentos de vivências em diversos espaços além do institucional, indica que havia uma rivalidade intensa entre eles e os demais garotos que viviam com suas famílias em Viçosa, com os quais disputavam os olhares das meninas da cidade:

Os passeio aqui igual eu falei com cê, era bom porque os aluno, era um alívio né, lá dentro o tempo todo lá, uma semana, quando chegava final de semana você vinha, cê andava, passeava, vinha os aluno, os pessoal jogando bola também, via os pessoal se divertindo, brincando e você também participava também né. Eu por exemplo, eu gostava muito de andar, andava eu mais uns três, era eu mais um, dois, nunca gostei de andar com muita turma não. Então, andava sempre um, dois... eu gostava de andar, de ver né, mexer com as menina, arrumar namorada né, tentar arrumar namorada né, era assim que fazia né. Na praça né,

¹⁷⁵ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

*num tinha aquela praça ali, cê sabe com aquelas árvores ali? Então, a gente ficava rodando ali o tempo todo ali, e as menina rodando pra cá, prá lá, era desse jeito. E arrumando namorada aqui na cidade aí os pessoal aqui ficava muito macho né, os pessoal aqui não gostava viu, os jovem daqui né não gostava que os aluno, que os carioca arrumava as namorada aqui não. Ih, eles ficava furioso viu. Os jovem, os pessoal né não gostava que os carioca conseguia as namorada aqui, e a maioria dos carioca tudo tinha namorada aqui né, e eles não gostavam né.*¹⁷⁶

Além do estigma associado à condição de “ser interno da FUNABEM”, havia o preconceito em relação ao estereótipo do “carioca” na ótica dos “mineiros”. Eram reconhecidos na cidade pelo sotaque, gingado e danças típicas dos morros do Rio de Janeiro. O senhor Luis, ex-interno, evidencia que o “carioca” era visto em Viçosa com estranhamento, por representar o “exótico”, uma “raridade no cenário da Zona da Mata mineira”, porque era uma “coisa difícil né dentro de Viçosa.”

G: Como vocês eram recebidos na cidade quando iam passear? Como as pessoas tratavam vocês durante esses momentos?

*L: O preconceito deles era o medo do carioca, medo do carioca brigão, medo do carioca assaltante, medo do carioca ladrão que mexe na coisa dos outro. Então esse que era o medo né: ó, vem uns carioca aí, ah vem uns pessoal aí que é malandro do Rio, então o assunto era esse aqui na cidade... O problema era porque o medo era por ser motivo de ser carioca, porque como os pessoal falava por ser do Rio, era uma coisa difícil né dentro de Viçosa né...muito longe, quatrocentos e sessenta quilômetros né, mais ou menos né, deve ser esta base, pro cê vê, e o cara vivia aqui dentro de Minas Gerais, dentro de Viçosa e depois vinha pra cidade, passear na cidade um monte né, era dois ônibus, por exemplo, então era a base de umas cento e vinte pessoas por aí, de uma vez só né pra rodar, então espalhava pra tudo quanto é lugar né. Então eu acho que era isso que trazia o medo deles.*¹⁷⁷

Assim, o embate entre “jovens da FUNABEM” e “jovens de Viçosa” transmutava-se em conflitos entre “cariocas” e “mineiros”. Os segundos viam pejorativamente o gingado, a linguagem e o jeito de ser carioca. Na ótica dos mineiros, a presença dos meninos da FUNABEM nas ruas de Viçosa significava uma “invasão” a espaços que não lhes pertenciam, desde a origem de suas vidas. Acredito que ainda nos dias de hoje, podemos perceber uma memória constituída a partir de muitos estigmas em relação aos morros cariocas, que vem se arrastando ao longo do processo histórico.

¹⁷⁶ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho – conhecido como Luis “Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁷⁷ Idem.

O narrador ressalta que nessas relações conflituosas os meninos cariocas, mesmo sofrendo censuras, transgrediram muitas fronteiras que dificultavam o estabelecimento de vínculos afetivos na Viçosa dos anos 60, 70 e 80: múltipla e heterogênea.

*Mas, os carioca aqui arrumava fácil viu as namorada viu? Dançava muito né, elas gostava de ver os aluno dançando, a gente dançando né esses passo aí que a gente dançava tudo direitim, aí conquistava né, e ia embora né... (risos) Tá certo.*¹⁷⁸

Achei interessante a maneira como o senhor Luis “Baiano” se posicionava diante de tais embates entre “mineiros” e “cariocas”. Embora seja natural da Bahia, ele se coloca como pertencente ao segundo grupo – dos cariocas. Ele diz: *a gente (grifos meus) dançando né esses passo aí que a gente dançava tudo direitim*; e não: eles dançando. Em sua linguagem, percebi um misto de regionalidades diferentes, mas o que prevalece é o sotaque carioca, muito marcante em seu jeito de falar.

Por meio das memórias sobre as “saídas”, pude perceber que a dificuldade de relacionar-se na cidade era menor em relação às classes pobres, talvez por uma maior proximidade social destas com os internos; afinal, ambos viviam às margens da cultura dominante.

*Tinha amizade com os pessoal aqui também, muita amizade tinha, as menina desses morro aí, desses lugar aí, das baixada, tudo simpatizava muito com os carioca né, com os menino, com os pessoal também. E aqui quando eu era aluno eu conhecia muito os pessoal aqui em Viçosa também, muito, tinha muita amizade também.*¹⁷⁹

Embora evidenciem as relações de conflito, os momentos de interação na cidade de Viçosa aparecem em suas falas perpassados não só por tensões e enfrentamentos, mas por relações de aproximação e estabelecimento de vínculos afetivos.

Na cidade, também experimentavam relações de solidariedade, que se caracterizaram na atitude de muitas famílias e funcionários, os quais os “adotavam” nos fins de semana. Nas nossas conversas sobre as “saídas”, a senhora Vera evidencia que os vínculos afetivos estabelecidos com alguns funcionários na instituição, estendiam-se às suas residências, onde muitos ex-internos compartilhavam de suas relações familiares:

¹⁷⁸ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho – conhecido como Luis “Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁷⁹ Idem.

Eles visitavam as casas da gente na época do internato, você convivia com eles a semana inteira, no domingo eles vinham em casa da gente, vinham visitar porque eles não tinham ninguém em Viçosa... Eles vinham pra rua, passar fim de semana vinham pra rua, tinha hora certa de chegar, era cedo, não podia passar de dez horas... eles saíam de dia, então o que que eles faziam pra ocupar o tempo, visitavam os funcionários...Eu achava muito triste porque eles viviam longe da família, iam em casa, na FUNABEM, era uma vez por ano.¹⁸⁰

Essas relações eram constituídas por laços de solidariedade, sentimento de culpa e preceitos religiosos, que conduziavam muitos sujeitos a praticarem doações. Além de práticas discriminatórias e olhares estigmatizantes, havia também aqueles que os olhavam em termos de condescendência. O senhor J.A.S, interrogado sobre a convivência com os internos, evidencia tal tratamento condescendente:

Eu dava calçado, calçado meu por exemplo, de tão bom que eles eram comigo, eu chegava a dar calçado pra eles, calçado meu que já não servia eu dava pra eles. Eles chegavam e falavam assim: “ô...é, no final do ano, no final do ano, se o senhor tiver alguma roupa lá que o senhor não tá usando mais, eu vou embora esse ano, se o senhor puder me arrumar.”¹⁸¹

É possível dizer que olhares estigmatizantes e piedosos, ojeriza e rejeição, solidariedade e compaixão eram sentimentos que se alternavam, norteando as ações dos viçosenses durante o convívio com os meninos nos espaços públicos.

Ao lado das relações de desafio, também eram constituídas na cidade relações de compromisso, que habituavam os meninos a conviver com famílias viçosenses nos fins de semana. Ao chegarem à escola, traziam inúmeras histórias e novidades e tratavam de negociar o almoço do próximo domingo no lar de alguma família:

Lá fora muitas das vezes, nós tivemos muitos alunos que namoravam com estudantes da universidade. Lá fora a sociedade reconhecia eles porque só andavam em grupo, eles andavam muito em grupos, reconhecia por causa do corte de cabelo deles porque aqui eles não podiam andar com o cabelo grande. O corte de cabelo era baixinho, eles era assim uma pessoa, era aquela cor negra muito lisinha, muito forte e eles eram diferenciados devido ao sotaque. Eram todos cariocas, eram todos cariocas. E o carioca você sabe que o carioca é fácilimo de fazer amizade também. Então faziam amizade, na próxima saída deles seguinte eles chegavam perto por exemplo, ou do

¹⁸⁰ Entrevista realizada no dia 11/8/2005, com a senhora Vera Saraiva. (Acervo particular da autora).

¹⁸¹ Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

encarregado, ou então de um inspetor, e diziam: “Olha, eu fiquei conhecendo uma senhora lá, o nome dela é assim e assim, pediu se vocês deixa eu almoçar com ela, tal dia, assim e assim.”¹⁸²

Tomando por base o conjunto das evidências encontradas, percebo que as relações vivenciadas na cidade tramitavam entre a rejeição, o preconceito, o medo, a solidariedade e a compaixão.

Ao reelaborarem as formas como ocorria o estabelecimento de vínculos de amizade em Viçosa, os ex-internos desmistificam o estigma social que era associado às suas imagens, e dessacralizam o discurso sobre o “papel reformador” e “reeducador” da FUNABEM. No nosso diálogo sobre o preconceito que perpassava as relações na cidade, o senhor Luis “Baiano” evidencia em suas falas que havia uma diferença muito grande entre “ser menor da FUNABEM” e “ser delinquente”.

O problema é igual eu tô falando com cê, é não era a maioria, era a minoria que tinha muita...como se fosse uma tensão né. Mas só que os carioca era outro modo né, porque eles acha que os carioca era um tipo de, que ali era um tipo de coisa ali, que era um tipo de cadeia né, como se fosse assim... eles achava que todo mundo lá era infrator, ladrão, num diferenciava, então eles colocava como um peso pesado, como se os carioca fosse um peso né mais pro lado do mau do que do bem né. Então era desse jeito...igual eu tô falando assim, os problema é que os pessoal vinha de um grande, de um lugar famoso né, do Morro das Formiga, lá desses morro, Morro dos Macaco, esses morro tudo lá....se ele saia de lá da Fundação e vem pra rua é aonde que a pessoa achava que o carioca ele se tornasse mesma coisa de infrator. E não era, a maioria era carente ou era abandonado. O Mário por exemplo, ele já me falou que, não sei se ele falou com você, que ele foi no berço uê, veio pra cá no berço, na Fundação, não sei aonde qual escola aí, mas no berço, pro cê vê. Berçário pro cê vê, como é que pode né? Desse jeito...como é que pode uma pessoa dessa vai ser infrator? Não pode né, já veio no berço, então, é destino também né. É um destino muito mais pesado de que o meu né.¹⁸³

As narrativas dos ex-internos apontam para o intenso preconceito expresso nas ações de alguns cidadãos que associavam o “viver em morros” com “vida pregressa” e o “viver na FUNABEM” como sinônimo de “prisão”. Ao problematizarem tais representações, apresentam um quadro bem distinto daquele alarmado em matérias do tipo:

¹⁸² Entrevista realizada no dia 12/8/2005 com o senhor J.A.S. (Acervo particular da autora).

¹⁸³ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luís Martins Carvalho, conhecido como Luis “Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

Reintegrar é possível

FUNABEM amplia atendimento e envolve toda a comunidade no trabalho de recuperação do menor.

A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, que este ano completa 25 anos de criação, é a entidade do governo federal que tem como finalidade estabelecer as diretrizes da Política Nacional do Bem-Estar do Menor e apoiar técnica e financeiramente as instituições de atendimento a menores em situação de risco pessoal e social em todo o país (grifo meu). (Manchete do periódico: “FUNABEM Boletim de Notícias, Revista do Ministério do Interior, Ano XV, nº 58, abril de 1989).

A FUNABEM vem lutando a boa luta, fiel ao compromisso político de resgate da cidadania das crianças e adolescentes brasileiros.¹⁸⁴

As memórias dos ex-internos apresentam outras histórias, que se contrapõem simultaneamente aos olhos benevolentes da imprensa para com a instituição e aos olhos incriminadores dos cidadãos viçosenses. Em suas falas, não significam os viveres na FUNABEM como “prisão”, mas sim como uma Escola Agrícola onde centenas de meninos pobres se fizeram técnicos agrícolas e trabalhadores nas mais diversas áreas.

Nesse sentido, suas narrativas apontaram para a necessidade de se refletir criticamente sobre a construção histórico-social do termo “menor”, pois essa denominação explicitava práticas estigmatizantes em relação à infância e adolescência pobres.

A partir do diálogo com as fontes orais, senti que esse conceito precisava ser posto em movimento, confrontado com as evidências trazidas pelas narrativas.

Fernando Londoño¹⁸⁵, ao localizar a origem jurídica do termo “menor”, trouxe-me importantes contribuições para acompanhar as diferentes caracterizações vinculadas ao conceito, em momentos históricos específicos.

Compreendi que o termo “menor” não poderia ser visto como uma simples denominação retórica ou nomenclatura, porque designa relações estabelecidas e fundamentadas em representações sobre as crianças pobres. Daí a importância de

¹⁸⁴ Parte do discurso da presidente da FUNABEM – na época, Marina Bandeira – proferido no Seminário sobre Educação e Trabalho, no dia 27 de junho de 1989 em Brasília. Tal discurso foi inserido integralmente nos Anais da Câmara em 13 de julho de 1989 a pedido do “Deputado Nelson Seixas, do PDT de SP, que participou da cerimônia de abertura do Seminário e considerou magnífico o discurso proferido pela professora Marina Bandeira, no 1º encontro, e solicitou a inserção do pronunciamento da presidente da FUNABEM nos Anais da Câmara.” In: *FUNABEM Destaque Especial*.

¹⁸⁵ LONDOÑO, Fernando Torres. *op cit*.

tropeçar em conceitos e duvidar da ingenuidade e imparcialidade destes, pois, como nos adverte Barbero: *Toda palavra tem – ou pode ter – “consequências sociais”*.¹⁸⁶

Acredito que as alterações no significado do conceito ao longo do processo histórico podem indicar como foram engendradas as relações de poder entre os meninos e a sociedade viçosense. Indicam igualmente atitudes e olhares distintos perante a infância em geral e a “pobre” de modo particular.

Em suas pesquisas sobre o percurso da palavra menor, Londoño percebeu que ela aparecera no vocabulário jurídico brasileiro em fins do século XIX e início do século XX; antes desse momento histórico o uso da palavra não era comum.

Assim, o autor constata que até 1920 a expressão “menor” era usada para indicar limites etários. O termo estava estritamente correlacionado à determinação da idade, das fases da vida, como um dos critérios que estipulavam a responsabilidade civil e penal do sujeito pelas suas ações.

Até esse momento a palavra “menor” constava nos documentos associada à idade civil. Menores eram, portanto, aqueles sujeitos que até os 21 anos não tinham o direito à emancipação paterna e eram impedidos de assumirem por si sós as responsabilidades civis.

Simultaneamente às transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais passava o Brasil no século XX, o termo “menor” sofre alterações em seu significado. Nas novas condições de crescimento das cidades e das relações de trabalho, o lugar das crianças pobres era comumente a rua, onde forjavam alternativas para sobreviver, a qual, por sua vez, era apontada como o lugar do crime.

Assim, a partir de 1920 em diante, o termo deixa de se referir à infância de modo geral – menores de 21 anos – para associar-se à imagem das crianças e adolescentes pobres que viviam pelas ruas das cidades.

Portanto, nesse momento histórico, o termo “menor” passou a ser utilizado exclusivamente para identificar crianças e adolescentes carentes que tentavam ganhar a vida nas ruas dos centros comerciais das cidades, praças e mercados.

O “menor” não significava mais todo o indivíduo, independentemente de sua condição socioeconômica, com idade inferior a 21 anos, mas sim os meninos e meninas pobres, principalmente os que não exerciam qualquer tipo de trabalho.

¹⁸⁶ BARBERO, Jesús Martin. *op cit.*p.71.

A partir da nova designação do termo, uma outra imagem associada ao conceito “menor” começou a ser produzida por discursos presentes nos jornais e diversos tipos de documentos. A imagem construída sobre o “menor” se caracterizaria principalmente pela associação feita com a desordem e a delinquência.

O estereótipo “menor”, utilizado para denominar os meninos que viveram na FUNABEM de Viçosa, tinha origem na própria linguagem jurídica do Código de Menores (1979).

O texto do Código de Menores continha este conceito e, dessa forma, contribuía para a perpetuação e manutenção do estigma social dos sujeitos desta pesquisa, que, durante a infância, vivenciaram uma situação de extrema carência material e pauperismo e, por isso, cunhavam estratégias de sobrevivência na instituição.

Ao ler o artigo II de tal legislação, que dispunha sobre menores definidos em “*situação irregular*”, pude perceber que não se destinava à infância e adolescência de modo geral, mas apenas aos filhos de famílias pobres e trabalhadoras de ínfima ou inexistente renda:

- Para efeito deste Código, considera-se em situação irregular o menor:*
- I. *privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória ainda que eventualmente em razão de: a) falta, ação ou omissão de pais ou responsável; b) manifesta irresponsabilidade dos pais ou responsável para provê-las;*
 - II. *vítima de maus-tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsável;*
 - III. *em perigo moral devido a: encontrar-se de modo habitual em ambiente contrário aos bons costumes;*
 - IV. *privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável;*
 - V. *com desvio de conduta, em virtude de grande inadaptação familiar ou comunitária;*
 - VI. *autor de infração penal.*

O discurso institucional tinha, portanto, o respaldo do Código de Menores para disseminar a construção da imagem de desmoralização da infância pobre e de suas famílias. Percebi que tal discurso recorria a conceitos de natureza jurídica para confirmar o pressuposto de que o “menor” era um desvio social que deveria ser “reinserido” na sociedade através das práticas institucionais.

A partir da análise do referido artigo, notei que “menor em situação irregular” designava crianças pobres, que, tais como os meninos da FUNABEM de Viçosa,

provinham de famílias carentes materialmente, desempregadas, com baixo ou ausente poder de compra e acesso a bens de consumo (e nem por isso menos dignas ou imorais).

Assim, as crianças e adolescentes que tinham origem socioeconômica nas classes trabalhadoras eram transformadas em “menores desassistidos filhos de famílias desestruturadas”, pelos discursos institucional e jurídico.

Já os filhos de famílias pertencentes às classes médias e altas, que possuíam acesso a bens de consumo, saúde, educação e lazer e, por isso, consideradas “organizadas”, que se encaixavam no ideal burguês da família normal e estruturada, não seriam vistos e tratados como “menores”, “marginais”.

Aparecida Darc¹⁸⁷, outra estudiosa da problemática da infância carente em nosso país, também trouxe contribuições enriquecedoras para o desenvolvimento deste trabalho, ao analisar o processo histórico de transição do Código de Menores para o ECA e, com ele, a construção do termo “criança” em substituição a “menor”.

Darc evidencia que, embora o termo criança venha expressar uma designação universal da condição humana, ainda permanecem na prática usos diferenciados dos conceitos de “criança” e “menor” para referir-se e tratar crianças de classes sociais distintas.

O termo “menor”, conforme nos adverte a autora, ainda se faz presente, dando continuidade ao princípio discriminatório e indicando que muitas práticas em relação à infância pobre não são transformadas de forma imediata, mesmo com a promulgação de novas leis e novos princípios. A continuidade do uso diferenciado de termos rompe com a igualdade jurídica proposta pelo ECA:

Ao propor o ECA... o termo “menor”, portanto, não poderia permanecer, à medida que simbolizava toda uma prática de discriminação social, repressão e violência contra a criança e o adolescente pobre...

No entanto, acreditamos que não houve uma substituição de termos...

*Na sua lógica, a manutenção do termo perpetua a situação de desigualdade na qual, cabe aos filhos da classe média e da burguesia a denominação de criança e adolescentes, enquanto os filhos de trabalhadores, são chamados de “menor”. Manchetes de jornais tais como “menor assalta criança”, evidenciam essa diferenciação no tratamento do termo.*¹⁸⁸

¹⁸⁷ SOUZA, Aparecida Darc de. op cit.

¹⁸⁸ Idem, ibidem. p.43.

A partir da credibilidade à visão liberal que identifica menor e infrator, as ações de muitos viçosenses norteavam-se por tais idéias generalizantes, que colocavam as crianças que viviam na FUNABEM de Viçosa em condições diferenciadas dos demais meninos de mesma idade, que viviam com seus pais na cidade.

Relacionando o significado pejorativo do conceito com as péssimas condições econômicas e sociais da infância, agravadas pelos projetos desenvolvimentistas e de modernização do século XX, foi que muitos cidadãos viçosenses incorporaram o discurso criminalizador e pautavam suas relações com os internos da EAAB tendo em vista a equação pobreza = delinquência. Logo, seriam tratados como “caso de polícia” ou questão de “segurança nacional”.

Nos passeios em Viçosa, significados como “momentos de maior alegria” e “momentos de liberdade”, suas diferenças eram vistas como “inferioridade”. Contudo, embora fossem tratados de formas distintas em relação aos outros meninos de suas idades, não se sentiam “inferiores”. Suas expectativas na cidade eram comuns às dos demais jovens: queriam passear, conhecer lugares diferentes, namorar, dançar, frequentar cinemas, bares, lanchonetes, pizzarias, sorveterias.

G: A “saída” era o momento de maior alegria?

C: A saída era o momento de maior alegria com certeza né, porque você tá dentro de um lugar né, tendo que trabalhar e só vendo campo, aquilo ali né, sujeitando a inspetor falar com você, tem que ficar ali, não pode sair né, então quando o aluno ia pra Viçosa passear, nossa a maior alegria que a gente tinha é, uma era ver as meninas, brincar, é ir pro baile né, comer alguma coisa diferente né, porque dentro da escola era só um cardápio, assim não era só um cardápio, tinha vários cardápio, mas não era aquilo que você queria né. Então chegava aqui na rua comia um doce, um picolé, outras coisas diferentes, então a maior alegria de qualquer aluno era sair. Eu ia mais pro cinema, levava as menina pra comer uma pizza, um sorvete né... Me sentia igual as outras pessoas né, porque só em você tá andando dentro duma sociedade, você vendo outras caras, pessoas iguais a você mesmo...então eu me sentia bem porque...tudo o que eu pude aproveitar eu aproveitei. Então quando eu vinha pra sociedade, eu me sentia igual a eles mesmo né, não tinha diferença não, pra mim não...A sociedade é que via essa diferença né.¹⁸⁹

No entanto, à medida que os meninos experimentavam relações antagônicas e tratamentos preconceituosos em Viçosa, iam construindo estratégias e práticas para

¹⁸⁹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

conquistar espaços na cidade e constituírem-se como trabalhadores e cidadãos na cidade, após desligados da instituição.

Percebi que as entrevistas significaram para os ex-internos momentos de expressar valores e examinar como se fizeram adultos na cidade de Viçosa em meio a adversidades e olhares estigmatizantes.

Muitos viçosenses que estavam com suas visões contaminadas por esse tipo de preconceito também tratavam de demarcar o futuro dos meninos e, entre suas previsões, a trajetória da FUNABEM para a prisão era pensada como um destino inevitável.

No entanto, o senhor Cléber evidencia que ele e seus colegas contrariaram essas previsões, pois não viveram na FUNABEM porque eram infratores, e muito menos saíram de lá para alimentar o sistema penitenciário. Além disso, contrariou a maneira da sociedade vê-lo e tratá-lo, procederam ativamente no processo de transformação das caracterizações que lhes eram atribuídas e nas relações travadas na cidade. Sua narrativa pode ser representativa de um grupo de internos composto por meninos e jovens pobres e trabalhadores, que negaram os papéis que lhes eram conferidos pela sociedade:

G: Então Cléber, já que estamos falando do preconceito, do olhar da sociedade sobre vocês, como você sentia isso, como lidava com esses olhares?

C: Porque aqui as meninas que eu namorava e a pessoa sabia que a gente era da FUNABEM, todo mundo quer um futuro melhor pra cada pessoa entendeu...todo mundo tinha uma certa desconfiança...Igual eu mesmo é, hoje com minha esposa, na época que eu comecei a namorar ela, até o próprio irmão dela e alguns colegas deles falavam né, a própria tia dela falou assim: “Ah! É aluno de FUNABEM? É, você não vai ter futuro nenhum namorando com um rapaz desse, e depois você vai precisar de comer, de alimentar, alguma coisa, ele não vai te dar nada...vai te dar um chute na, um pé na, um chute na sua bunda e né...” Hoje, até a própria tia da minha esposa hoje, ela mesma se curva ao que ela falou antigamente. O próprio tio dela, poucos dias, pouco tempo atrás, tava falando: “É hoje, é Deus no céu e Pezão na terra.” Hoje por exemplo, ela parece que ela me vê de uma outra forma né.¹⁹⁰

O circuito da instituição à prisão – demarcado como inexorável pela tia da sua namorada e atual esposa – foi rompido pelo Cléber a partir de muitas dificuldades e enfrentamento dos olhares incriminadores. Ele evidencia que a imagem de “bandido” é

¹⁹⁰ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

desfeita por meio de suas ações, valores e condutas. Tal como ele, seus colegas se apresentaram no passado como “pequenos trabalhadores” e não “pequenos bandidos”.

Em suas memórias, esses sujeitos partem das condições de vida do presente para se mostrarem como distintos das representações que lhes eram vinculadas no passado. Portanto, evidenciam que os caminhos que seguiram não foram aqueles que haviam sido traçados e demarcados pelas pessoas.

As profecias de parte da sociedade viçosense não se concretizaram, e hoje os “menores que se fizeram maiores” ressaltam que são vistos de outra forma.

O senhor Cleber evidencia em suas falas que as relações estabelecidas na cidade de Viçosa se modificaram a partir do momento em que esses sujeitos foram desligados da instituição, mediante as lutas travadas para consolidar posições socialmente reconhecidas.

Se para o discurso institucional e alguns setores sociais viçosenses “ser menor da FUNABEM” representava uma patologia social, um suspeito perigoso, para os meninos que ali viveram e se relacionaram, “ser menor da FUNABEM” representava a possibilidade de resistir e superar a condição de pobreza. A condição de “menor da FUNABEM” significou para eles estratégias de sobrevivência e não necessariamente o cometimento de atos infracionais e a atualização na marginalidade.

Eles evidenciam em suas narrativas que foram considerados malandros e marginais por determinado período, pois recriaram situações que lhes permitiram transformar a imagem distorcida que os acompanhava.

Na luta pelo reconhecimento da condição de pertencentes à cidade e à sociedade, tiveram que enfrentar, além das dificuldades econômicas, os olhares incriminadores.

O senhor Cleber, o senhor Luis e o senhor Mário afirmam que experimentaram relações constrangedoras na cidade não apenas no pensamento, mas também no âmbito da ação.

Seus projetos de vida não estavam vinculados restrita e exclusivamente a objetivos materiais. Muito mais do que superar a pobreza vivida por meio do trabalho e do estudo, tinham objetivos morais, que envolviam valores. Além de necessidades materiais e utilitárias, de se estabelecer e permanecer na cidade, possuíam necessidades sociais e culturais:

G: Então você acha que as pessoas te indagam sobre o seu trabalho com dinheiro aqui no salão pelo fato de você ter sido aluno da FUNABEM?

C: Igual muitos chegavam aqui hoje (ele está falando do Salão no qual trabalha), até o próprio dono, chegava e falava assim, quando chegava algum freguês: a você estudou aonde? Eu mesmo chegava e falava: a, eu estudei na FUNABEM. E a própria pessoa que tava aqui, o dono chegava e falava assim: “não, o Cleber veio da FUNABEM , estudou lá, um professor aconselhou que ele viesse trabalhar aqui, deu maior força, e por isso hoje ele está aqui, ele mostrou capacidade, e uma coisa ele tem né...” Eu tenho orgulho, eu tenho orgulho de ter caído na FUNABEM e...mostrar que tando lá também poderia somar na sociedade. Então eu tenho orgulho de ter caído lá é, aprendido uma profissão, hoje eu ando de cabeça erguida, se eu encontrar um policial na minha frente ali, eu vou andar normal porque eu sei que não devo nada pra eles entendeu. E eu sei também sei dos meus direitos né... Se você tiver instrução e saber o seu direito, você não vai rebaixar nunca pra ninguém. Então se você é um aluno de instituição é, se deu bem lá, hoje tem um trabalho digno, você pode andar de cabeça erguida, ninguém vai falar com você: você é aluno de FUNABEM e...Eu posso até falar, eu fui e o que que tem a ver? Entendeu? Então eu posso andar de cabeça erguida porque ninguém pode falar nada contra minha pessoa né.¹⁹¹

Percebi nesse momento da entrevista que os ex-internos reafirmam e reivindicam direitos humanos constituídos na rotina de trabalho. Sempre fazem referência ao passado, expressando a consciência de si mesmos, com um sentimento intenso de “orgulho”. Permitiram às pessoas enxergarem outros caminhos possíveis que não o do crime para crianças pobres que também tinham potencial para aprender e se estabelecer com dignidade na sociedade.

Mesmo em condições adversas e tendo negados no passado os direitos à cidadania, evidenciam como permaneceram atuantes para estabelecerem relações mais saudáveis com a sociedade viçosense, após desligados. O senhor Cléber, interrogado sobre como foi o processo de seu desligamento, evidencia que eles não saíram da instituição disseminando o crime, muito menos realimentando a violência, mas deram continuidade à antiga condição de trabalhador, agora não mais “menor”.

Na época eu vim trabalhar em salão aqui com Zé Balbino e ele próprio procurou ver como que eu era lá dentro da escola e perguntou algumas pessoas como era o meu jeito de ser. Aí ele procurou saber, gostou né do que eles falaram de mim e esse próprio professor Atanásio chegou e falou: “Não você pode botar o Cléber pra trabalhar com você que eu ponho até minha mão no fogo por ele.” Na época eu fiquei até lisonjeado nessa época né. Aí eu fui trabalhando, cheguei aqui tinha um outro colega meu também que trabalhava na FUNABEM, chamava

¹⁹¹ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

Pará e ele começou primeiro do que eu aqui. Mas aí quando eu cheguei até tinha uma brincadeira que eles falavam que eu era reserva e reserva sabe como é, ninguém gosta de ser chamado de reserva...Eu ficava meio chateado com isso né, mas aí eu pegava e falava: não, se Deus quiser eu hoje sou reserva mas amanhã eu vou ser titular. Aí foi um período que o meu colega foi pro quartel... depois foi pra Brasília também aí eu falei assim: não, agora que surgiu essa oportunidade eu vou agarrar com a maior força de vontade, foi aí que eu virei titular. Titular até hoje, já tem treze anos, o meu menino vai fazer quatorze, eu tenho quatorze anos de serviço, todo mundo gosta do meu trabalho, até o próprio dono né. E hoje, o dono também é antigo, mas hoje até, como ele me deu essa oportunidade, até ele fica satisfeito porque hoje ele não está aqui e quem toma conta praticamente sou eu. E hoje ele me dá a maior liberdade de trabalhar com ele, trabalho com dinheiro, igual né, na área de corte e tudo, ele sai, deixa eu a vontade, ele viaja e eu que toma conta. Então quer dizer, a gente tá aqui pra mostrar a sociedade que a gente também temos os nossos valores né.¹⁹²

Se para um jovem de classe média ou alta, que se encaixava nos padrões de família e normalidade burguês era difícil estabelecer-se socialmente naquele momento, para os “jovens da FUNABEM de Viçosa” era ainda muito mais espinhoso disputar e conquistar os seus espaços na cidade.

Após desligados da instituição, o senhor Cléber e o senhor Luis “Baiano”, juntamente com outros ex-internos, optaram por formar uma república e deram continuidade aos vínculos que os uniam ao passado, motivados por interesses em comum: ganhar a vida em Viçosa e por lá permanecer:

Então eu passei a morar com cinco rapazes. Um é o “Baiano”, meu colega também, e Guilherme, os outros donos da casa que nós passamos a morar juntos era um rapaz chamado Flávio... aonde nós morava no Silvestre. Aí formamos um grupinho de colegas e passamos a morar juntos. Uma panelinha né, aí passamos a juntar, fizemos uma amizade ali, aí cada um tinha o seu quartinho né, juntava, dormia, saía, dividia o almoço, trabalhava dentro da casa né, limpeza, comida, cada um lavava sua roupa, na hora de repartir, de divisões de comida, cada um comprava sua comida lá né...Tinha um jogo de baralho lá nosso também que era até divertido. Nós comprava uma penca de banana sabe, e quando tava um tempo de chuva assim, algumas outras frutas também né, aí quando tinha um tempo de chuva assim aí jogava pife e cada um dividia... A gente comprava lá banana, algumas frutas, e dividia né, jogava apostando né, brincando né. E quem perdesse ia depositando lá né. Tinha vez que um lá ficava com um monte de banana, aí a gente até ria: o que que você vai fazer com isso? A ele: “vou comer sozinho, cês perderam...”(risos) Aí tinha uma brincadeira nossa lá, legal sabe, sadia, entendeu. E era muito bom.¹⁹³

¹⁹² Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

¹⁹³ Idem.

A partir da convivência, das estratégias elaboradas para permanecer em Viçosa, das condições materiais em comum, solidificaram os laços de amizade. O fato de morar no mesmo espaço, de almoçar junto, trabalhar em conjunto com divisão das tarefas, utilizar do tempo livre para jogar baralho e brincar, todas essas práticas estreitaram as relações de proximidade entre os ex-internos e propiciaram relações familiares nas quais um recorria ao outro em momentos custosos.

Além das dificuldades para iniciar novas relações de trabalho, estabelecer moradia, acesso à saúde, educação, tiveram de enfrentar a desconfiança e ojeriza das pessoas. No entanto, ressaltam que também contribuíram e contribuem na construção da cidade de Viçosa.

As situações precárias vividas na infância pobre e depois na busca por melhores condições de vida e trabalho na cidade, apontadas nas memórias dos ex-internos, são motivações que têm conduzido esses sujeitos a construírem expectativas em relação à vida dos filhos.

Hoje, adultos, casados, pais de família, com lugares definidos na sociedade, lutam para proporcionar aos filhos uma infância e adolescência diferentes da que tiveram no passado, com melhores oportunidades de educação, saúde e condições de vida menos sacrificantes. As expectativas como “pais” também têm sido colocadas em prática.

*Hoje eu tô lá, com a Kelly né, minha esposa hoje graças a Deus, casado, com três filhos né e procuro mostrar pro meu menino hoje que tem treze anos que ele tem que estudar entendeu, e aproveitar o máximo do estudo e da vida, porque ninguém consegue nada sem o estudo hoje né...E incentivo ele até a estudar, e hoje ele estuda até num colégio particular né, que hoje ele estuda no Equipe aqui de Viçosa, um dos melhores colégios que tem em Viçosa entendeu...Tem dois anos que ele estuda no Equipe é, tem uma boa formação, tô tentando dar uma boa formação pra ele. Até os próprios aluno lá do Equipe, que os pais são bem de vida, trabalham na universidade né, tem gente que tem dinheiro, eu falo: ô Wallace, eu não tenho carro, eu não tenho moto, mas eu te dou estudo, é o máximo que eu posso te dar...E com o estudo você vai vencer na vida, vai ter alguma coisa também...*¹⁹⁴

Para muitos ex-internos como o senhor Cléber, as condições impostas pela vida após desligados da instituição não lhes permitiram continuar na escola e concluir o

¹⁹⁴ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

ensino superior, pois tinham que trabalhar e lutar diariamente para se manter na cidade de Viçosa. Suas falas evidenciam-nos que a elaboração de um futuro para o filho distante do que viveu no passado tornou-se uma prioridade.

No nosso diálogo sobre o preconceito em torno da condição de “ser interno da FUNABEM de Viçosa”, o senhor Cléber, em suas narrativas, aponta para as alterações que vão se operando nas suas relações na cidade. Os olhares preconceituosos e o descrédito das pessoas em relação ao futuro desses sujeitos cederam, pouco a pouco, lugar à surpresa:

Então igual eu te falei, eu tenho orgulho de ter sido da FUNABEM, e hoje até os próprios inspetores falam: “é, o menino do Pezão(ele tá se referindo ao seu apelido: Cléber Pezão) tá no Equipe, quem diria hein? Aluno de FUNABEM tá com filho no Equipe, num colégio particular e bom né.” Então o que eu procuro mostrar pra sociedade é que todo mundo pode ser alguém na vida, basta querer né.¹⁹⁵

Muitos cidadãos viçosenses ficam surpresos e admirados ao se depararem com as mudanças promovidas por aqueles meninos que, tinham plena convicção, não “dariam em nada, não teriam futuro algum”, transformados em adultos trabalhadores, bem sucedidos profissional e afetivamente.

Ao trabalhar com as memórias desses sujeitos e suas interações com a sociedade, não é meu propósito construir e exaltar a figura do “ex-interno super herói”. O que pretendi foi colocar em questão, a partir da análise e interpretação de suas narrativas, como responderam às intimidações e aos excessos praticados pelas classes dirigentes, sobretudo pelos comerciantes viçosenses, em nome da preservação do patrimônio, da ordem e dos interesses daqueles que controlavam os meios de produção.

Acho importante evidenciar como se fizeram maiores, adultos, diante das condições de privações a que foram submetidos num sistema injusto e discriminizante. Igualmente importante é apontar como construíram práticas para transformar as antigas formas de sociabilidade e conquistar seus próprios espaços.

Hoje, muitos destes sujeitos vivenciam de forma ativa, relações econômicas, sociais e culturais. A luta por permanecer e fazer-se na cidade, as reivindicações por

¹⁹⁵ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Tupitinim Cléber Martins Costa, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

trabalho, moradia, lazer e os embates travados por melhores condições de vida superaram os olhares e tratamentos que os penalizavam.

*Então assim...eu fui muito bem atendido. Todos que foram pra poder né aprender, saíram bem coisa. Eu conheço muito aluno que hoje eles já são até trabalha na marinha, é policial, eu conheço muitos aluno aqui em Viçosa mesmo tem muitos aluno que é policial, tem uns três aqui que é policial...Tem outro, de Presidente Bernardes que é policial, tem outro que é policial em Ubá, tem um monte, tem outros que são engenheiro, tem outros...Eu conheço muitos aluno que tudo é formado através que saiu da Fundação e hoje tem um bom, uma boa estrutura sabe. Aluno que é motorista da Unida, motorista da Pássaro Verde, motorista da União. Se fosse assim igual eles pensavam né, se lá não fosse um meio de uma formação, como é que a pessoa poderia ser um policial hoje? Eu conheço, tem um lá que é tenente, ele que tem a responsabilidade lá em Presidente Bernardes, a responsabilidade lá é na mão dele e tudo lá. Então eu conheço muitos aluno que tudo é bem formado, bem sucedido né, é por isso que eu falo com cê então, lá era uma escola de formação praquelas que queriam se formar...é a mesma coisa aqui na Universidade entra aqui um monte de aluno, um aluno vem pra cá pra estudar...Então a Fundação é a mesma coisa, o aluno entrava lá dentro pra ele poder se formar.*¹⁹⁶

A partir da convivência no trabalho, firmaram-se novas relações de maior aproximação entre os ex-internos e demais segmentos sociais. Após desligados da instituição, reconstruíram valores, caracterizações e tratamentos que lhes eram destinados.

A identificação do bandido tornou-se desfeita à medida que os viveres desses sujeitos na cidade contradiziam estigmas hostis e adjetivos desdenhosos associados às suas identidades.

Hoje a gente encontra toda hora com ex-aluno na rua bem situados na vida...Então muitos dos nossos alunos hoje são técnicos agrícolas, a gente encontra eles em vários locais, tem alunos trabalhando em São Paulo, Belo Horizonte, é em órgãos federais através de concursos...e hoje a gente fica feliz quando vem algum aí tudo, tá bem de situação, muitos mudaram de vida. Porque o encaminhamento que a FUNABEM na época conseguia e achava que era o início de um caminho, era a carreira militar. Então grande parte ia pra exército, marinha e aeronáutica...Eu conheço capitão, já conheço major de exército que foram aluno aqui...Olha, eu tenho um amigo, que hoje ele ocupa cargo importante em Brasília, o Paulo, ele foi aluno, olha que caso

¹⁹⁶ Entrevista realizada no dia 13/12/2005 com o senhor Luis Martins Carvalho, conhecido como “Luis Baiano”, ex-interno da FUNABEM de Viçosa. (Acervo particular da autora).

*interessante... Olha, um dos diretores da Escola Florestal da UFV, como é que chama a Escola Florestal da UFV? Eu esqueci o nome... Um dos diretores há uns anos atrás, o Juarez, foi ex-aluno daqui, do Rio de Janeiro também, egresso Juarez do Carmo. Tem muitos casos que passaram por aqui.*¹⁹⁷

Compreendi, a partir das experiências vividas e rememoradas, que os ex-internos não deixaram de movimentar-se e fazer-se por Viçosa e diversas cidades brasileiras, mesmo sob o estigma da exclusão. Permaneceram e permanecem ativos no cenário urbano, em seus modos de vida e valores.

Igualmente por meio de suas memórias, percebi que esses sujeitos vêm construindo suas vidas num movimento em que presente, passado e futuro se relacionam. Como sujeitos ativos, portadores de diferentes saberes, constroem e reconstroem a própria dinâmica social a partir de suas expectativas e projetos de vida, não obstante o peso da exclusão.

Neste capítulo, busquei colocar em evidência esse processo no qual os “menores que se fizeram maiores” remodelaram a antiga imagem – de “menores da FUNABEM” passaram a ser vistos como “trabalhadores em Viçosa” e se fizeram respeitados em seus direitos sobre a cidade.

A cidade de Viçosa aparece em suas narrativas como espaço onde relações antagônicas e olhares estigmatizantes foram enfrentados, mas também lugar onde se construíram vínculos de amizade, se reconstruíram relações sociais e se projetam futuros que os possibilitem se distanciar cada vez mais da condição de miséria vivida no passado.

As dificuldades enfrentadas e rememoradas por esses sujeitos me levaram a dar credibilidade à concepção de História de Thompson, que a entende como um *Processo humano em realização*.¹⁹⁸

¹⁹⁷ Entrevista realizada no dia 11/8/2005, com a senhora Vera Saraiva. (Acervo particular da autora).

¹⁹⁸ THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra: Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998. p.119

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegada a hora das “considerações finais”. Não porque as reflexões foram concluídas, e nem muito menos porque às perguntas foram dadas respostas acabadas. Pelo contrário. É justamente nesse momento que muitas questões começam a se tornar mais claras para mim, como por exemplo, a idéia de *outras histórias*, entendida agora de uma perspectiva menos dicotômica. O trabalho com *muitas memórias* é um trabalho que não finda, mas que finalizo devido ao tempo limitado para escrever a dissertação.

Sobre a relação entre história e memória, posso apresentar apenas algumas considerações, não para concluí-las, mas no intuito de apontar reflexões que tragam inspiração para que, a partir daí, outros leitores possam desenvolver novas questões.

Compreendi que a memória, assim como a história, é também um campo de disputas e, sobretudo, de identificação de valores. Pude chegar ao entendimento de “memória” passando pela compreensão do termo “experiência” a partir do significado que lhe é atribuído por Thompson. Percebi que as “memórias” se situam entre a vivência e a elaboração da vivência – no que chamamos de experiência.

Nesse sentido, não existe “a” memória, mas inúmeras memórias sobre as experiências dos ex-internos da FUNABEM de Viçosa. Da mesma forma, não tenho a pretensão de ter construído e concluído “a” história sobre os viveres dos meninos na instituição e na cidade de Viçosa. E espero que esse trabalho não seja tomado pelos leitores por “história”, mas sim que seja entendido como “uma” história, “uma” obra historiográfica.

Ao escrever esse trabalho, a partir de minhas posições políticas e preferências estéticas e ideológicas, busquei incessantemente situar a história no terreno do vivido e das elaborações dos sujeitos sobre seus viveres.

Foi a partir do suposto de que a sociedade capitalista é uma sociedade de conflitos, de tensões, de desigualdades e diferenças, que construí a teoria que ora apresento. Não a vejo como universal, nem inverídica, mas provisória. Sei que meu trabalho será lido e questionado por outros, com distintas posições estéticas e ideológicas.

A importância de minha pesquisa não deve estar no fato de oferecer ao leitor respostas prontas para todas as questões, mas contribuir para fazer avançar o

conhecimento sobre nossa sociedade, a partir da compreensão das experiências e dos modos de vida e luta de meninos pobres que viveram na FUNABEM de Viçosa.

Nessa direção, é esta a minha intenção de realidade: que esta obra historiográfica não se transforme em mera abstração, que não seja simplesmente uma forma de ver e explicar a realidade. Que seja possibilidade de melhor conhecer, para transformar, o drama social vivido ao longo do processo histórico por famílias pobres brasileiras.

É angustiante ouvir o Cléber, o Mário e o Luis “Baiano” rememorarem o estado de carências vivido durante a infância na FUNABEM de Viçosa e constatar que, tal como eles, a ausência do mínimo indispensável para a sobrevivência ainda sacrifica a vida de muitas crianças brasileiras no tempo presente. Torna-se forte para mim a concepção de que, ao fazer história, a teoria e a prática devem andar juntas. É claro que buscar explicar a realidade e tomar uma posição sobre esta por meio da construção de uma teoria já é um passo para tentar modificá-la, mas ainda acho que somente isso não basta.

Acredito que o sentido da militância política seja um fator essencial de intervenção na sociedade mesmo que, devido a essa posição, possa vir a ser interpretada por muitos como “utópica”. Acredito que o trabalho do historiador, para ter algum sentido no social, precisa estar atento à relação entre passado, presente e futuro. O futuro pensado não como “futurologia”, como “previsão” e “demarcação”, mas como tentativa de transformação. Nós não temos potencial para prever o futuro, mas podemos dinamizar ações a partir do nosso comprometimento político com a realidade social que pesquisamos.

Algumas questões espinhosas sobre o significado da infância pobre no Brasil pensadas dentro da relação passado-presente-futuro – o trabalho infantil, o extermínio de crianças e adultos pobres por grupos institucionalizados, a mudança da legislação e com ela do tratamento dado à infância, as políticas públicas assistencialistas – permanecem sem respostas e podem ser objetos de estudo de outros trabalhos, pois merecem maior atenção por parte dos pesquisadores.

Embora em alguns momentos possa ter excedido na subjetividade ao tratar de tais “questões espinhosas” em detrimento de uma visão mais crítica, minha trajetória de pesquisa foi marcada por um esforço intelectual contínuo de não perder de vista o rigor metodológico, isto é, de confrontar minhas concepções de mundo com as evidências.

A partir das interrogações às evidências obtive, muitas vezes, respostas diversas das que desejei ou imaginei. Interrogar documentos de naturezas sociais tão distintas foi uma tarefa complexa. Foi difícil lidar com documentos produzidos em um tempo diferente da produção da fonte oral. Igualmente complicado foi lidar com tempos diferenciados que se cruzavam nas narrativas orais, uma vez que os sujeitos falam no presente sobre relações que viveram na FUNABEM e na cidade de Viçosa. Algumas vezes, ao tentar articular temporalidades diferenciadas nas narrativas, caí na armadilha de pensá-las sob uma relação de causa e efeito.

Lidei com as diversificadas fontes históricas como linguagens, entendendo-as como práticas sociais que têm um “chão” histórico, cultural e social. Ao tratar fontes como linguagens, procurei trabalhá-las de acordo com os significados que produzem e, nessa direção, não encarei a linguagem por ela mesma, pois expressa padrões, modos de viver, ser e lutar, presentes na dinâmica social.

No entanto, foi muito gratificante e enriquecedor para minha trajetória intelectual e pessoal enfrentar esse desafio de lidar com múltiplas linguagens, interpretações e temporalidades, bem como compreender um pouco mais da realidade social da infância e adolescência carentes, a partir do diálogo com adultos que vivenciaram experiências como crianças e adolescentes pobres na FUNABEM de Viçosa.

Chego ao final da pesquisa com muitas dúvidas, questões que permanecem abertas e com apenas uma certeza: desde o momento histórico do senhor Cléber, do senhor Mário e do senhor Luís, tem-se buscado algo para amenizar a situação perversa em que viviam e vivem muitas crianças pobres no país. No entanto, mesmo com a transição do Código de Menores para o ECA, e as conseqüentes alterações propostas pela legislação em relação aos cuidados devidos à infância, o que vemos na realidade é que tais mudanças não foram e nem são suficientes para superar a miséria vivida por muitas famílias no Brasil. Tem sido difícil levar a muitos adolescentes e crianças carentes os direitos que lhes são garantidos por lei e negados na prática. E qual a nossa parcela de responsabilidade nisso, e nosso papel na dinâmica do social enquanto historiadores? Como aliar a inclusão social à escrita da história?

A realidade social nos desafia continuamente a construir um trabalho intelectual mais politizado. Acredito que fazer um trabalho comprometido politicamente com a realidade que pesquisamos é, no mínimo, dar visibilidade às articulações de forças, aos

embates e à potência dos sujeitos sociais. É pensar a história como processo e possibilidade de transformação e trazê-la para a vida, para a experiência social.

Fontes, Acervos e Bibliografia:**Relação de fontes por acervos consultados:****Fontes manuscritas:**

Atas da Câmara Municipal de Viçosa – 1964-1989 – Acervo documental da Câmara Municipal de Viçosa/MG.

Correspondências emitidas por familiares e amigos dos ex-internos da FUNABEM de Viçosa – década de 1980 – Acervo documental do CENTEV/UFV.

Livros de Ocorrência – década de 1980 – Acervo documental do CENTEV/UFV.

Prontuários – 1964-1989 – Acervo documental do CENTEV/UFV.

Fotografias: 1964-1989 – Acervo do fotógrafo Tony Mello.

Periódicos:

Jornal Folha da Mata – 1968-1989 - Acervo documental do Jornal Folha da Mata.

FUNABEM Boletim de Notícias – década de 1980 – Acervo documental do CENTEV/UFV.

FUNABEM Destaque Especial – década de 1980 – Acervo documental do CENTEV/UFV.

Fontes impressas:

Código de Menores (1979).

Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – (1990).

Entrevistas:**Ex-internos:**

- ✓ Luis Martins Carvalho – conhecido como “Luis Baiano” – viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1974 e 1982. Atualmente é funcionário do Restaurante Universitário, na Universidade Federal de Viçosa. Entrevista realizada no dia 13/12/2005.

- ✓ Mário Luciano Santos Maia, 43 anos, viveu na FUNABEM de Viçosa entre os anos de 1976 e 1979. Atualmente é funcionário da Universidade Federal de Viçosa. Entrevista realizada no dia 10/8/2005.
- ✓ Tupitinim Cléber Martins Costa – 34 anos, viveu na FUNABEM entre os anos de 1983 e 1990. Atualmente, é cabeleireiro no Salão do Balbino, na Avenida Santa Rita, no centro comercial de Viçosa/MG. Entrevista realizada no dia 13/12/2005.

ex-funcionários:

- ✓ J.A.S, admitido na FUNABEM em 1979, exerceu as funções de chefe de disciplina, monitor de alunos. Autorizou-me a trabalhar com suas memórias desde que mantivesse sua identidade preservada. Entrevista realizada no dia 12/8/2005.
- ✓ José Mendes, admitido na FUNABEM de Viçosa em meados da década de 1960, encarregado de acompanhar os internos em serviços no campo. Entrevista realizada no dia 21/7/2005, no CENTEV/UFV onde o senhor José Mendes desenvolvia seu trabalho. Aposentou posteriormente, no início de 2006.
- ✓ Maria de Fátima de Souza Freitas, 46 anos, que trabalhou na instituição como secretária, orientadora e também professora. Admitida na FUNABEM em 1979, quando da extinção da instituição, foi remanejada para a Universidade Federal de Viçosa e trabalha atualmente na secretaria do CENTEV/UFV. Entrevista realizada no dia 10/8/2005.
- ✓ M.J.G, professora, trabalhou durante as décadas de 1970 e 1980 – período de vigência da FUNABEM em Viçosa e também nos anos de 1990 – no então CBIA. Autorizou-me a trabalhar com suas memórias desde que mantivesse sua identidade preservada. Entrevista realizada no dia 21/7/2005.
- ✓ Milton Lopes Duarte, 57 anos, trabalhou nos setores administrativo e contábil, atuou também como professor por três anos. Admitido no ano de 1979 e no momento da extinção da FUNABEM foi remanejado para a Universidade Federal de Viçosa, onde exerce suas funções no CENTEV/UFV. Entrevista realizada no dia 11/8/2005.
- ✓ Sidney Sales Bernardino, 59 anos, admitido na FUNABEM de Viçosa em 1973 para exercer as funções de monitor e inspetor de turma. Foi remanejado para a

Universidade Federal de Viçosa em razão da extinção da instituição. Entrevista realizada dia 10/8/2005, no CENTEV/UFV onde exercia suas atividades. Aposentou posteriormente, no início de 2006.

- ✓ Vera Saraiva, admitida na FUNABEM em fins da década de 1970, na época do funcionamento da FUNABEM trabalhou como professora e coordenadora pedagógica. Atualmente é vereadora na cidade de Viçosa/MG. Entrevista realizada no dia 11 de agosto de 2005.

Referências bibliográficas:

- ARANTES, A. A. “Desigualdade e diferença. Cultura e cidadania em tempos de globalização”. In: Paisagens Paulistanas. São Paulo/Campinas, Imprensa Oficial/Unicamp, 2000.
- ARENDT, Hannah. “A crise na cultura: sua importância social e política”. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Trad. Mauro Barbosa de Almeida. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ARIES, Phillipe. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AZEVEDO, Gislane Campos. De Sebastianas e Geovannis: o universo do menor nos processos dos juízes de órfãos da cidade de São Paulo (1871-1917). Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados PUC/SP, 1995.
- BARBERO, Jésus Martin. “Ideologia: os meios como discurso do poder”. In: Ofício de cartógrafo. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOURDIEAU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.
- CAMPOS, Ângela Valadares Dutra de Souza. O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade: atitudes, aspirações e problemas para sua reintegração na sociedade. Petropolis, RJ: 1984.
- CEVASCO, Maria Elisa. “Diálogos pertinentes: marxismo e literatura”. In: Dez lições sobre Estudos Culturais. São Paulo. Boitempo Editorial, 2003.
- _____. “Estudos Culturais Contemporâneos”. In: *Idem, ibidem*, p.156-172.
- _____. “Questões de Teoria: o materialismo cultural”. In: CEVASCO, Maria Elisa. Para ler Raymond Williams. Paz e Terra, 2001.
- CHALOUB, Sidney. Visões de liberdade; uma história das últimas décadas da escravidão na corte. SP: Cia das Letras, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. SP: Contexto, 204.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Guerra de meninos. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FENELON, Déa et al (orgs). Muitas memórias, outras histórias. Editora Olho d’água. SP: 2004.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 9 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GINZBURG, Carlo. “Representação. A palavra, a idéia, a coisa”. In: GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 11 (1932-1933): “apontamentos para uma introdução e encaminhamento ao estudo da filosofia e da história da cultura”. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v.1. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Caderno 11 (1932-1933): “Introdução”. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v.1. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. Caderno 16 (1933-1934): “temas de cultura”. In: GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v.4. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. “Americanismo e Fordismo”. In: *Cadernos do cárcere*, v.4. Trad. Carlos Nelson Coutinho. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

_____. “Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais”. In: *Cadernos do cárcere*, v.2. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. “Para Allon White. Metáforas de Transformação”. In: SOVIK, Liv (org.) Da Diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LENHARO, Alcir. Sacralização da política. São Paulo: Papirus, 1986.

LONDOÑO, Fernando Torres. “A origem do conceito menor”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON, Deá et al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d’água, 2004.

MERISSE, Antônio el al. Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. SP: Arte & Ciência, 1997.

PASSETTI, Edson. “Crianças carentes e políticas públicas”. In: DEL PRIORE, Mary (org.) História das crianças no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. A Política Nacional do Bem-Estar do Menor. Dissertação (Mestrado). PUC/SP, 1982.

PEREIRA, Cilésia Aparecida. A institucionalização da velhice e o cotidiano de internos do asilo São Vicente de Paulo em Paracatu. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História/UFU. Uberlândia, 2004.

PORTELLI, A. “As fronteiras da memória: o massacre das fossas Ardeatinas. História, mitos, rituais e símbolos”. In: *Revista História e Perspectiva*, 25/26, Edufu, 2002.

_____. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n.14, fev.1997.

_____. O que faz a história oral diferente. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n.14, fev.1997.

_____. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum”. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 1998

_____. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et. Al (org.) Muitas memórias, outras histórias. SP: Olho d’água, 2004.

RIZZINI, Irmã. “Pequenos trabalhadores do Brasil”. In: *História das crianças no Brasil*. 4ª ed, São Paulo: Contexto, 2004.

RIZZINI, Irene; WIIK, Flavio Braune. O que o Rio tem feito por suas crianças?: um estudo sobre a ação dirigida à infância pobre no município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: A 4 mãos, 1990.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro e Vera Helena Prada Maluf. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n.14, fev.1997.

SANTOS, Marco Antônio Cabral dos. “Criança e criminalidade no início do século”. In: DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SARLO, Beatriz. “Um olhar político”. In: Paisagens imaginárias. São Paulo: EDUSP, 1997.

- SARTI, Cyntia Andersen. A família como espelho, um estudo sobre a moral dos pobres. SP: Ed. Autores Associados, 1996.
- SILVA, Élide Maria Barison da. A infância e a adolescência pobres na cidade de Jales?: experiências vividas e sonhadas (1970-2001). Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História/Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2004.
- SOUZA, Aparecida Darc de. Capitães do Asfalto: infância e adolescência pobres na cidade de Uberlândia 1985-1995. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados PUC/SP, 1998.
- THOMPSON, E. P. A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. A formação da classe operária inglesa. v.2 “A maldição de Adão”. Trad. Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Senhores & Caçadores: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”. In: Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. “Introdução: costume e cultura”. In: *Idem, ibidem*, p.13-24.
- _____. “A venda de esposas”. In: *Idem, ibidem*. p.305-348.
- _____. “Patrícios e Plebeus.” In: *Idem, ibidem*.p.25-85.
- _____. “Educação e experiência”. In: THOMPSON, E. P. Os românticos. Trad. Sérgio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. “Folclore, antropologia e história social”. In: THOMPSON, E.P. As peculiaridades dos ingleses. Ed. Unicamp, 2001.
- THOMSON, Alister. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, n.15, 1997.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. Famílias abandonadas. Assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX.. Papirus, 1999.
- VENTURA, Zuenir. Cidade partida. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade: 1780-1950. Trad. Leônidas Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.
- _____. “Hegemonia”. In: WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. “Dominante, residual e emergente”. In: Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.